



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Carolina Maria Gonçalves Ferreira

**Comparação entre os valores morais e éticos da religião cristã e da corrente filosófica confucionista**

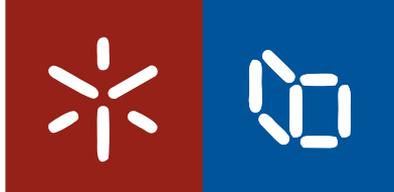
Comparação entre os valores morais e éticos da religião cristã e da corrente filosófica confucionista

Carolina Ferreira

Uminho | 2017

Outubro 2017





**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Carolina Maria Gonçalves Ferreira

**Comparação entre os valores morais e  
éticos da religião cristã  
e da corrente filosófica confucionista**

Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais  
Português/Chinês: Tradução, Formação e  
Comunicação Empresarial

Trabalho realizado sob a orientação de:  
Professora Doutora Sun Lam  
Mestre Luís Cabral

# Declaração

**Nome:** Carolina Maria Gonçalves Ferreira

**Endereço eletrónico:** carolmgf3000@hotmail.com

**Número de aluno:** PG29425

**Número do Cartão de Cidadão:** 14630636

**Contacto:** 936525138

**Endereço:** Rua Dom António Medeiros, Quinta Gonçalves, Vilar de Nantes, Chaves  
5400-081

## **Título da dissertação**

Comparação entre os valores morais e éticos da religião cristã e da corrente filosófica confucionista

**Orientador:** Professora Doutora Sun Lam

Mestre Luís Cabral

**Ano de conclusão:** 2017

## **Designação do Mestrado:**

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Aos meus pais e à minha irmã,  
que nunca desistiram de mim.



## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar a minha gratidão por todos aqueles que me ajudaram ao longo desta difícil, mas prazerosa jornada.

O meu sincero obrigada à Professora Doutora Sun Lam, que apesar da sua vida ocupada encontrou um pouco de tempo para me ajudar na elaboração desta dissertação.

Gostaria também de agradecer ao Mestre Luís Cabral, que disponibilizou o seu precioso tempo para me orientar na escrita deste trabalho que, sem as suas preciosas sugestões, estaria deveras incompleto. Sendo que, foi nas suas aulas de Filosofias Orientais que surgiu em mim um grande interesse pela Filosofia Confuciana.

Ao Mestre João Marcelo Mesquita Martins, pelas suas palavras sábias e amáveis, que me deram força para não desistir.

Aos meus pais e à minha irmã, por todo o apoio e amor incondicional presentes em todos os momentos desta árdua jornada.

Agradeço também a todos os meus amigos, em especial à Patrícia Sá, à Letícia Leitão, à Catarina Días, à Ana Silva, à Francisca Monteiro, à Paola Maradey, à Inês Morim, à Eulália Gomes e ao Henrique Pinto, que me apoiaram sempre, contribuindo direta ou inderatamente para que esta tese se concretizasse.

Também não poderia deixar de exprimir a minha gratidão a todos os amigos que fiz no meu primeiro ano de mestrado na China. Sem eles a minha aventura em terras chinesas não teria sido tão satisfatória e proveitosa.



## Notas sobre a romanização de chinês

O sistema de romanização *Hanyu Pinyin* (汉语拼音, *hànyǔ pīnyīn*), é um sistema fonético que reproduz a sonoridade dos caracteres chineses, alertando para a sua importância em auxiliar leigos na língua chinesa. Ao longo desta dissertação, encontrar-se-á palavras chinesas com a respetiva romanização, logo após o carácter será possível observar a sua leitura com os tons correspondentes. Em termos de leitura o *Hanyu Pinyin* apenas difere da leitura portuguesa nos seguintes casos:

As seguintes consoantes:

- “sh” pronuncia-se como o “ch” de “chá”
- “zh” pronuncia-se como “dj”
- “ch” pronuncia-se como “tch”
- “h” pronuncia-se de forma aspirada, como a palavra inglesa “who”
- “q” pronuncia-se como “tch”
- “r” pronuncia-se como a palavra inglesa “sure”
- “c” pronuncia-se como “ts”

Nas sílabas:

- “ang” o “a” é nasalado
- “eng” o “e” é nasalado
- “ing” o “i” é nasalado
- “ong” o “o” é nasalado
- “iang” o “a” é nasalado
- “iong” o “o” é nasalado
- “uang” o “a” é nasalado
- “ian” lê-se com “ien”
- “e” lê-se como “a” de “amo”
- “i” lê-se como “i” de “vida”, contudo, quando seguindo de “c, s, z, ch, sh, zh e r” não tem qualquer som.
- “u” lê-se como “u” de “universidade”, contudo, quando seguindo de “j, q, x e y” pronuncia-se “ü” em francês.

## Cronologia da História da China

- **Dinastia Xia (夏朝, Xiàcháo)** - 2100 (?) a.C. - cerca de 1600 a.C.
- **Dinastia Shang (商朝, Shāngcháo)** - 1600 (?) a.C. - 1050 a.C.
- **Dinastia Zhou Ocidental (西周, Xīzhōu)** - 1050 a.C. - 771 a.C.
- **Dinastia Zhou Oriental (东周, Dōngzhōu)** - 771 a.C. - 221 a.C.
- **Período da Primavera e Outono (春秋时代, Chūnqiū shídài)** - 722 a.C. - 403 a.C.
- **Período dos Estados Combatentes (战国时代, Zhànguó shídài)** - 403 a.C. - 221 a.C.
- **Dinastia Qin (秦朝, Qíncháo)** - 221 a.C. - 206 a.C.
- **Dinastia Han (汉朝, Hàrcháo)** - 206 a.C. - 220 d.C.
- **Dinastia Han Anterior (前汉, Qián Hàn)** - 206 a.C. - 8 d.C.
- **Dinastia Xin (新朝, Xīncháo)** - 8 d.C. - 23 d.C.
- **Dinastia Han Posterior (后汉, Hòu Hàn)** - 25 d.C. - 220 d.C.
- **Período dos Três Reinos (三国, Sānguó)** - 220 d.C. - 265 d.C.
- **Dinastias do Norte e do Sul (南北朝, Nánběicháo)** - 265 d.C. - 589 d.C.
- **Dinastia Jin Ocidental (西晋, Xījìn)** - 265 d.C. - 316 d.C.
- **Dinastia Jin Oriental (东晋, Dōngjìn)** - 317 d.C. - 420 d.C.
- **Dinastia Tuoba Wei (拓跋魏, Tuòbá Wèi)** - 386 d.C. - 534 d.C.
- **Dinastia Qi do Norte (北齐, Běiqí)** - 552 d.C. - 577 d.C.
- **Dinastia Zhou do Norte (北周, Běizhōu)** - 557 d.C. - 581 d.C.
- **Dinastia Sui (隋朝, Suícháo)** - 589 d.C. - 618 d.C.
- **Dinastia Tang (唐朝, Tángcháo)** - 618 d.C. - 907 d.C.
- **Período das Cinco Dinastias (五代, Wǔdài)** - 907 d.C. - 960 d.C.
- **Dinastia Song do Norte (北宋, Běisòng)** - 960 d.C. - 1125 d.C.
- **Dinastia Song do Sul (南宋, Nánòng)** - 1127 d.C. - 1279 d.C.
- **Dinastia Yuan (元朝, Yuáncháo)** - 1279 d.C. - 1368 d.C.
- **Dinastia Ming (明朝, Míngcháo)** - 1368 d.C. - 1644 d.C.
- **Dinastia Qing (清朝, Qīngcháo)** - 1644 d.C. - 1912 d.C.
- **República da China (中华民国, Zhōnghuá mínguó)** - 1912 d.C. - 1949 d.C.
- **República Popular da China (中华人民共和国, Zhōnghuá rénmín gònghéguó)** - 1949 d.C. - atualidade.

## Resumo

A seguinte dissertação divide-se em três capítulos, tendo como objetivo identificar possíveis semelhanças entre os valores éticos e morais da religião cristã e da corrente filosófica confucionista. Assim no primeiro capítulo, é feita uma curta introdução aos conceitos de Religião e Filosofia. Em seguida, procede-se a um breve resumo da história de Jesus Cristo, o grande fundador da religião cristã. Assim como, uma contextualização histórica da sua vida pessoal, dos textos que comprovam a sua existência e uma pequena introdução à história da Igreja e à Filosofia da religião cristã. Por último, abordam-se alguns dos principais ensinamentos do Cristianismo. No segundo capítulo faz-se uma introdução à situação política e social do período de Confúcio, prosseguindo com um resumo sucinto da sua vida. Em seguida, procede-se então à explicação da estrutura dos livros mais relevantes para os confucionistas. Por fim, são retratadas algumas opiniões sobre o estatuto do confucionismo enquanto filosofia, e não uma religião. No último capítulo, pode-se observar uma comparação entre os principais valores éticos do Confucionismo e do Cristianismo.

Palavras-chave: Confucionismo, Cristianismo, Filosofia, Religião, Jesus Cristo, Confúcio.



## **Abstract**

The following dissertation is divided into three chapters, it seeks to identify possible similarities between the ethical and moral values of the Christian religion and the Confucian philosophical current. Therefore, in the first chapter, a brief introduction is made regarding the concepts of Religion and Philosophy. Afterwards, there is a summary of the history of Jesus Christ, the great founder of the Christian religion. As well as a historical contextualization of his personal life, the texts that prove his existence and a small introduction to the history of the Church and to the Philosophy of the Christian religion. At last, some of the main teachings of Christianity are addressed. The second chapter begins with an introduction to the political and social situation of the Confucius period, continuing with a succinct summary of his life. Then, the structure of the most relevant books for Confucianists is explained. Finally, some views are given on the status of Confucianism as a philosophy, not a religion. In the last chapter, the focuses on a comparison between the main ethical values of Confucianism and Christianity.

Keywords: Confucianism, Christianity, Philosophy, Religion, Jesus Christ, Confucius.



## 摘要

本文共分为三章节，旨在探讨比较基督教中的伦理道德观与儒家哲学思想中可能存在的相似之处。在第一章，首先简要介绍了宗教与哲学的概念。接下来概述了有关耶稣基督——伟大的基督教创始人的故事。这一部分不仅包括对于基督耶稣生平的历史性描述，还列举了一些证明他真实存在的文章，并简要介绍了教堂的历史以及基督教中的哲学。在本章节的最后一部分，叙述了有关基督教义的传授。第二章首先介绍了孔子时期的社会政治状况以及孔子的个人生平，之后对儒家重要著作的框架进行了阐释。本章最后一部分论述了一些儒教在哲学领域地位（而非宗教领域）的观点。第三章旨在对比儒教和基督教的一些主要道德观念。

关键词：儒家，基督教，哲学，宗教，耶稣基督，孔子



# Índice

Introdução.....	1
CAPÍTULO I.....	3
O Cristianismo.....	3
1.1. O que é a Filosofia? .....	5
1.2. O conceito de Religião.....	8
1.3. A vida de Jesus Cristo.....	11
1.3.1. Contextualização histórica .....	12
1.3.2. Fontes da Vida de Cristo .....	13
1.3.3 A predição da chegada de Jesus Cristo .....	14
1.3.4. O nascimento e a juventude de Jesus .....	17
1.3.5. A Sua morte e ressurreição.....	20
1.4. A História da Religião Cristã.....	22
1.4.1. Antiguidade cristã .....	22
1.4.2. A Idade Média.....	23
1.4.3. Idade Moderna.....	23
1.4.4. Idade Contemporânea.....	24
1.5. A Filosofia da religião cristã.....	24
1.5.1. Filosofia da Religião .....	25
1.5.2. A Filosofia Cristã .....	26
1.5.3. Ensinamentos de Jesus Cristo .....	27
1.5.3.1. Deus, o Criador.....	28
1.5.3.2. Jesus como Deus e homem.....	29
1.5.3.3. Os sacramentos .....	29
1.5.3.4. A vocação do Homem .....	32
1.5.3.5. Os mandamentos de Deus .....	36
CAPÍTULO II.....	39
O Confucionismo.....	39
2.1. Historia do criador do confucionismo.....	41
2.1.1. Contextualização histórica .....	41
2.1.2. Fontes da vida de Confúcio .....	44
2.1.3. Vida de Confúcio .....	44
2.2. As suas principais obras.....	47
2.2.1. Os clássicos antigos.....	47
2.2.2. Influência de Confúcio nos Clássicos .....	50

2.2.3. A contextualização dos Clássicos Confucianos na História.....	51
2.2.4. Os Clássicos .....	52
2.2.5. Os Cinco Clássicos e os Quatro Livros .....	58
2.3. Confucionismo como vertente filosófica .....	61
2.3.1 A Filosofia do ponto de vista chinês .....	61
2.3.2 A doutrina de Confúcio .....	64
2.3.4. Mêncio.....	65
2.3.5. Xunzi .....	67
2.4. Confucionismo uma religião? .....	68
2.5. As antigas tradições .....	68
2.6. Aspectos religiosos do “Céu” (天 tiān) .....	68
2.7. O culto a Confúcio .....	69
2.8. Confucionismo: Religião ou Filosofia .....	71
CAPÍTULO III .....	73
Comparação das duas doutrinas .....	73
3.1. Ética e valores morais .....	75
3.1.1. A ética na perspectiva de Kant.....	76
3.2. Os principais valores morais e éticos da religião cristã .....	77
3.2.1. Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas .....	77
3.2.2. Não invocar o Santo Nome de Deus em vão.....	78
3.2.3. Santificar os Domingos e Festas Sagradas .....	78
3.2.4. Honrar pai e mãe .....	79
3.2.5. Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).....	79
3.2.6. Guardar castidade nas palavras e nas obras .....	80
3.2.7. Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo) .....	81
3.2.8. Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo).....	81
3.2.9. Guardar castidade nos pensamentos e desejos .....	82
3.2.10. Não cobiçar as coisas alheias .....	82
3.3. A ética confucionista.....	83
3.4. Comparação entre as duas doutrinas .....	89
3.4.1 Semelhanças entre as duas doutrinas .....	89
3.4.2. As diferenças entre as duas doutrinas .....	96
Conclusão .....	99

Bibliografia.....	103
Webbibliografia.....	106

## Índice de Figuras

Figura 1-Batismo de Cristo 1481-1483. Por Perugino, na Capela Sistina, no Vaticano.	30
Figura 2 - Dinastia Zhou (1000 a.C.)	41
Figura 4 - Imagem tradicional de Confúcio em “Confucius & Confucianism The Essentials”	44
Figura 5 - Kǒngzǐ Shīlùn (孔子诗论), uma discussão inicial do Clássico da Poesia. Tinta em tiras de bambu, que remontam ao período dos Estados Guerreiros (475-221 aC), coleção do Museu de Xangai.	55
Figura 6 - Um poema do Clássico do Poesia, escrita à mão pelo Imperador Qianlong, juntamente com uma pintura.	55
Figura 7 - Shujing.	56
Figura 8 - Clássico dos Ritos.	57
Figura 9 - Atribuída a Dong Zhongshu (179-104 a.C.), erudito da dinastia Han, Chun Qiu fan lu (Os abundantes orvalhos dos Anais de Primavera e Outono), Biblioteca Nacional da China.	58
Figura 10 - 中庸是什么意思 (Zhōngyōng shì shénme yìsi)? O que significa a Doutrina do Meio?	59



## Introdução

A Filosofia e a Religião nasceram da necessidade do ser humano de encontrar respostas para o desconhecido. Os antigos pensadores trouxeram vários conceitos de Filosofia e Religião. Existem autores que consideram a Filosofia um complexo estado de constante dúvida, um estado que eleva o pensamento, levando a que o homem possa ver para além da sua realidade. No caso da Religião, alguns autores dizem que esta não passa de um conjunto de rituais, orações e pensamentos que ajudam o ser humano a justificar o seu medo para com o sobrenatural. Também existem autores para que a Religião é apenas a escolha de um caminho, onde o ser humano pode justificar as suas ações sem assumir muitas responsabilidades. Para alguns a Religião existe porque o homem tem a necessidade da existência de uma força divina que o proteja quer de desgraças naturais quer de desgraças pessoais.

Na palestina, entre os anos 7 e 2 a.C., nasceu na cidade de Jerusalém, um menino chamado Jesus. Est foi considerado como o tão aguardado messias, filho de Deus, que viria salvar o homem do seu pecado. Segundo a Bíblia, Jesus nasceu de Maria, uma jovem virgem que concebeu devido à graça do Espírito Santo a mando de Deus. Maria era prometida de José, que aquando o nascimento do menino se torna o seu pai na terra. No decorrer da sua vida Jesus foi julgado por muitos e ajudado por outros. Na sua juventude juntou um grupo de seguidores, que no final doze, fizeram parte dos seus principais apóstolos. Jesus foi o fundador da religião cristã.

A história da religião cristã pode dividir-se em várias épocas. A antiguidade cristã que teve início na época do Império Romano, caracteriza-se pela perseguição dos cristãos e pela expansão da palavra de Cristo. A época da Idade Média, começou por volta do século V e durou mais de mil anos. É caracterizada pela época dos Cruzados que empreenderam à reconquista das antigas terras cristãs que estavam na posse dos árabes. Na Idade Moderna, uma revolução levou à divisão da Igreja onde metade da Europa era constituída por países católicos romanos e a outra metade por países protestantes. Na Idade Contemporânea o surgimento de ideologias contrárias às da Igreja, levou ao declínio da influência desta.

No Oriente há cerca de dois mil anos atrás, nasceu Confúcio, um pensador chinês que fundou a corrente filosófica confucionista. Confúcio era oriundo do estado de Lu, e

a sua época era caracterizada por uma constante luta entre os pequenos reinos. Esta época foi chamada de “Era dos Estados Combatentes”, onde vigorava a corrupção e a deficiência de valores. Durante a sua vida, Confúcio e os seus seguidores, viajaram por vários estados em busca de um governo que aceitasse e desse crédito aos seus conselhos e ideais. Após vários anos de consecutivas rejeições e até ameaças à sua própria vida, Confúcio, retornou ao estado de Lu, onde ficou a ensinar aos jovens a sabedoria dos antigos.

Confúcio considerava de extrema importância a cultura dos antigos sábios chineses e ao longo da sua vida reeditou e compilou muitas das várias obras das culturas antigas. Este facto fez com que “Os Cinco Clássicos” fossem sempre associados a Confúcio. Os Analectos são os escritos que contêm mais informação sobre a sua vida.

Quer na Religião Cristã, quer na Filosofia Confucionista, existem um conjunto de valores que ajudam os seus fiéis a viver em harmonia consigo e com a sociedade onde estão inseridos. Embora existam muitos valores e bases éticas que diferem entre o Cristianismo e o Confucionismo, também existem muitos pontos que os unem. O objetivo deste trabalho é encontrar as várias diferenças e semelhanças entre as doutrinas e apresentar as principais características de cada uma delas.

# **CAPÍTULO I**

## **O Cristianismo**



## 1.1. O que é a Filosofia?

A Filosofia ocidental nasceu na Grécia há mais de dois mil anos. Foram os primeiros filósofos gregos que, com a vontade de se libertar dos limites da superstição e dos mitos de deuses e divindades, trouxeram os primeiros conceitos de filosofia.

*O termo "filosofia" originou-se na Grécia antiga. Etimologicamente, é formado pelo verbo fileo = amor e o substantivo Sophia = sabedoria, conhecimento. Assim, para os gregos, a "filosofia" que era "o amor pela sabedoria"; de acordo com isso, toda a investigação científica eram "filosofia" e a palavra "filosofia" tinha o mesmo significado que a palavra "ciência". Com o passar do tempo, o crescimento do conhecimento excedeu a capacidade de uma pessoa, provocando o início da especialização da ciência.<sup>1</sup>*

Ao longo dos tempos foram criadas várias definições para o conceito de filosofia, como segue:

### a. Assman

A filosofia pode ser um verbo se utilizarmos o vocábulo “filosofar”, ou o substantivo, “filosofia”. Estes dois vocábulos estão relacionados com o pensamento, isto é, com uma ação a que se denomina “pensar”.

*Filosofar é pensar sobre o que nos acontece, sobre o sentido do que nos acontece ou sobre o significado da vida humana ou da vida biológica como tal. Diz-se assim que se tem uma “filosofia de vida”. Mas este significado do termo certamente é muito amplo e vago. Até mesmo pensar não é a mesma coisa para todos.<sup>2</sup>*

Segundo Assman, filosofar pode definir-se como a procura de “saber viver com sabedoria”,<sup>3</sup> de seguir uma doutrina, isto é uma Filosofia. Como exemplos de este tipo

---

<sup>1</sup> Arno, 1983:16

<sup>2</sup> Assman, 2006: 15

<sup>3</sup> *Idem.*

de filosofia do saber viver existem as filosofias dos sábios orientais como Confúcio, Buda, Zaratustra, que apenas diferem da filosofia ocidental devido à sua vinculação com a Religião.

A definição de Filosofia pode resumir-se à incessante procura pela verdade de tudo que nos rodeia através da racionalidade. Esta procura é importante devido à necessidade do Homem em saber a verdade. A um indivíduo que tem esta atitude de constante dúvida e procura do saber da verdade, dá-se o nome de filósofo. Um filósofo não se satisfaz com coisas acessíveis, pode viver desligado da realidade, questionando-se sobre conceitos abstratos e tomar uma atitude crítica em relação a tudo o que o rodeia. Contudo esta atitude crítica não se baseia em falar mal, mas com a aptidão de compreender melhor o que quer dominar, para assim distinguir o bem do mal, “(...) o filósofo é inimigo mortal de qualquer fanatismo, de qualquer dogmatismo.”<sup>4</sup>

A Filosofia releva de um objetivo radical, não se satisfazendo em ficar na superfície das coisas mas sim mergulhar no fundo da questão, na procura do desvelar do porquê. A filosofia é caracterizada também pela capacidade de reflexão de um indivíduo, pela ação de pensar para consigo mesmo sobre tudo o que o rodeia.

#### b. Woods

Segundo Woods a filosofia é uma perspetiva de decifração do mundo, pois, apesar de todos os indivíduos pensarem conseguirem diferenciar o bem do mal, ainda existem muitas questões que ocuparam e ocupam a mente de grandes pensadores. Todos aqueles que anseiam compreender a vida devem recorrer à filosofia, ou seja, devem elevar o pensamento a um nível muito superior ao usado no dia-a-dia para resolver as questões do quotidiano. É apenas através desta elevação que o ser humano poderá alcançar a plenitude da sua consciência e da sua capacidade de encaminhar o destino.

Tal como qualquer caminho que mereça a pena seguir na vida, é necessária uma boa dose de esforço; o estudo da natureza da Filosofia também implica dificuldades. Na atualidade a Filosofia já ocupa um espaço nas ciências naturais: “Filosofia já não

---

<sup>4</sup> Idem:17.

ocupa o lugar do passado, uma vez que a especulação sobre a natureza do universo e da vida foi tirada há muito tempo pelas ciências naturais.”<sup>5</sup>

Na antiguidade, como a ciência não era suficientemente desenvolvida, as pessoas não podiam entender o mundo onde viviam. Esta falta de conhecimento levou-as a depender exclusivamente do seu único modo de interpretar o mundo: “a mente humana”<sup>6</sup>. Era esta a única capacidade que distinguia o Homem dos restantes seres vivos, ajudando-o na luta pelo controlo sobre a natureza.

#### c. Kazimierz

Segundo Kazimierz o conceito de Filosofia variou ao longo das épocas. Na realidade, nunca foi atribuído um significado concreto para Filosofia, isto é, o seu conteúdo semântico podia mudar de filósofo para filósofo. Até a uma época relativamente recente, a palavra Filosofia abrange disciplinas como a metafísica, a teoria do conhecimento, a lógica, a psicologia, a ética e a estética, etc. Porém, recentemente, com o avanço da ciência, algumas disciplinas tornaram-se independentes. As únicas que se mantiveram fiéis foram a metafísica, a teoria do conhecimento e a ética normativa <sup>7</sup>.

#### d. Arno

Começamos a filosofar desde uma tenra idade. Quando se é uma criança aquilo que nos rodeia começa a perder a sua simplicidade e é nessa altura onde começam as perguntas e as dúvidas daquilo que tínhamos como adquirido até então. “As perguntas filosóficas na realidade afetam cada um de forma imediata (...). A própria experiência pessoal, o próprio ser humano parece que é uma condição suficiente para isso (...). Desde o nascimento que o Homem está condenado à Filosofia.”<sup>8</sup>

Todos os seres humanos têm capacidade para filosofar, contudo existem diferentes níveis de Filosofia. Segundo Arno, um individuo pode filosofar bem ou mal, portanto a capacidade de filosofar é algo que se aprende e esta aprendizagem é

---

<sup>5</sup> Woods, 1995: 1; “La filosofía ya no ocupa el lugar del pasado, puesto que la especulación sobre la naturaleza del universo y la vida fue asumida hace tiempo por las ciencias naturales.” (TdA)

<sup>6</sup> *Idem*: 3.

<sup>7</sup> C.f. Kutschera, 1982: 20; “Ética normativa é uma parte da ética que tenta formular os princípios gerais que justificam sistemas regulatórios; ela argumenta por que certas regras devem ser adotadas. Ela é muitas vezes entendida ética no sentido de regras de ética, ou seja, esta parte é confundida com o todo. No entanto, enquanto ética descritiva está preocupada com determinar o que é considerado moralmente correto numa dada sociedade, ética normativa reflete sobre o que é moralmente certo e por quê.” (TdA)

<sup>8</sup> Arno, 1983: 16; “Las preguntas filosóficas afectan en realidad a cada uno de forma inmediata. (...) La propia experiencia personal, el propio ser humano parecen condición suficiente para ello. (...) Desde su nacimiento el hombre está condenado a la filosofía.” (TdA)

sobretudo possível quando se estuda os pensamentos dos filósofos antigos. Este estudo consiste na busca de respostas através da tradição filosófica. Para seguir esta tradição deve-se seguir três componentes: a experiência, a dúvida e a ausência de preconceitos.

Para Arno, a filosofia provém da experiência adquirida por cada indivíduo no seio familiar e na vida cotidiana. Porém a filosofia nada tem a ver com a ciência da experiência como a física, a química e a biologia. Pelo contrário, surge através da experiência do cotidiano e aptidão de cada indivíduo na busca de conhecimento. É através da experiência do cotidiano e desta busca pela verdade que o Homem pode encontrar a “certeza fundamental”<sup>9</sup>. Contudo, a dúvida é sempre o impulsionador para o começo desta busca.

Enquanto “ausência de preconceitos”, Arno refere-se à ausência de um método específico em filosofia. Diferentemente das outras ciências, a filosofia procura o seu método dentro da própria filosofia.

## **1.2. O conceito de Religião**

Segundo alguns autores referido anteriormente, o termo “Religião” vem do latim “religio” e foi derivado do verbo “elegere”, “releitura”. É também um conjunto de cerimónias e de atos sagrados, cujo sucesso depende da precisão com que cada indivíduo o realiza. Existem outras interpretações em que o termo “religião” pode ter tido origem em “religare”, que significa "juntar". Na língua grega não existe uma palavra para “religio”, o termo mais próximo encontrado é “Eusébia”, que significa "pena" e nos livros bíblicos judaicos a palavra mais próxima de Religião é "fé".

Até à atualidade tem sido muito difícil, senão impossível, determinar quando começou a existir a Religião. Existem alguns dados arqueológicos que nos permitem saber que a Religião já existia na época do paleolítico, contudo, embora se tente realizar um mapa cronológico, tal é impossível. O que os cientistas das religiões fizeram foi estabelecer uma cronologia, a fim de fazer comparações entre as várias civilizações

---

<sup>9</sup> Idem: 20.

antigas para encontrar semelhanças e diferenças. Alguns estudiosos começaram por criar um conceito de Religião:

a. E. O. James

Segundo James, a Religião consiste em acreditar no invisível, em algo que não conseguimos ver com os nossos próprios olhos e ajustá-lo à procura da felicidade pessoal. Também define Religião como uma reação do homem perante a vida.

b. Bertrand Russell

Para Russel, a Religião consiste apenas no medo que o Homem tem ao desconhecido e no desejo em ter algo, ou alguém, que possa protegê-lo das catástrofes a nível pessoal ou provocadas pela natureza. Este medo pode ser ultrapassado através da ciência; a ciência pode trazer certezas e explicações sobre aquilo que não se consegue encontrar resposta.

*A Religião é baseada, principalmente, creio eu, no medo. É em parte o medo do desconhecido e, em parte, como eu disse, o desejo de pensar que se tem um irmão mais velho que vai defender uma pessoa em todos os seus problemas e disputas. O medo é a base de tudo: o medo do misterioso, o medo da derrota, o medo da morte. O medo é o pai de crueldade, e, portanto, não é de estranhar que a crueldade e a religião andem de mãos dadas. Isto deve-se a que o medo é a base de duas coisas. Neste mundo, podemos agora começar a entender e dominar algumas coisas com uma pequena ajuda da ciência, que fez o seu caminho contra a religião cristã, contra as igrejas, e contra a oposição de todos os velhos preceitos. A ciência pode ajudar-nos livrarmos desse medo covarde em que a humanidade tem vivido por tantas gerações. A ciência pode ensinar-nos a não procurar ajudas imaginárias, não para inventar aliados celestes, mas sim a ver com os nossos esforços para fazer deste mundo um lugar habitável, e não o que eles têm feito com as igrejas todos estes séculos. É necessário mantermo-nos de pé e olhar o mundo na cara: as suas coisas boas, as coisas más, a sua beleza e a sua feiura; ver o mundo como ele é e não ter medo dele. Conquistar pela inteligência e não apenas submetidos ao terror que emana dele. Todo o conceito de Deus é derivado do antigo conceito de despotismo oriental. É um conceito indigno de homens livres. Quando se ouve na igreja pessoas humilharem-se, e*

*proclamarem-se miseráveis pecadores, etc., parece desprezível e indigno de seres humanos respeitados. Temos de ficar erguidos e olhar para o mundo de frente. Devemos fazer do mundo um lugar melhor, e se não for tão bom quanto nós queremos, no final, será melhor do que o que esses outros fizeram dele em todos esses séculos.*<sup>10</sup>

#### c. J. Martin Velasco

Segundo a opinião de Velasco, a Religião apresenta-se como “um fato humano específico que se origina no reconhecimento pelo Homem da realidade suprema.”<sup>11</sup> Existem imensas formas de representação para esta realidade. Pode ser representado no sobrenatural, numa figura divina ou num conjunto de figuras divinas, pode até ser representado em forma de um estado desejado pela pessoa.

*Mas em todas estas formas é sempre uma realidade suprema com todas as nuances de ontológica, a superioridade axiológica e grande dignidade [...] A realidade última é uma realidade que salva, que faz sentido. Mas esta doação é sentido religioso quando apresentado como uma final e total, quando oferecendo uma resposta final para o homem todo e de todas as realidades e eventos que constituem o contexto existencial da pessoa.*<sup>12</sup>

#### d. Friedrich Schleiermacher

A religião para Schleiermacher consistia na completa dependência em relação a uma divindade. Considerava Deus como uma criação do homem e que a doutrina de qualquer religião apenas confirmava essa crença.

*A religião foi o corpo material cuja escuridade sagrada se alimentou da minha vida juvenil e que se preparou para o mundo que ainda não sabia decifrar; na religião respirou o meu espírito antes de que ele encontrasse os objetos externos, a experiência e a ciência. Ela ajudou-me quando comecei a*

---

<sup>10</sup> Russel, 1977: 20.

<sup>11</sup> Velasco, 1973: 204.

<sup>12</sup> *Idem*: 204.

*examinar a fé paterna e a purificar o coração das sombras do passado; ela ergue-se para mim quando Deus e a imortalidade se esfumaram diante dos olhos vacilantes.*<sup>13</sup>

### 1.3. A vida de Jesus Cristo

Jesus (*Yeshua* em hebraico; *Iesous* em grego) nasceu entre os anos 7 e 2 a.C. e morreu entre 30 e 33 d.C.; é o Salvador, o Messias e Senhor dos fiéis do Cristianismo, pois estes o consideram Filho de Deus que veio salvar o mundo, tal como é referido no Antigo Testamento<sup>14</sup>. O Cristianismo diverge em 3 vertentes principais: o Catolicismo Romano, a Ortodoxa Oriental e o Protestantismo. A Ortodoxa Oriental baseou-se na Igreja Católica, contudo em 1054 ocorreu a chamada “Cisma do Oriente” ou “Grande Cisma” e as suas igrejas separaram-se definitivamente.

*O evento que transformou o debate filioque em uma questão genuinamente divisória da Igreja foi o intercâmbio de anátemas em 1054 entre o Cardeal Humbert de Silva Candida e o Patriarca Michael Cerularius. Humbert havia chegado a Constantinopla a pedido do Papa Leão IX para garantir a ajuda do imperador contra os normandos (cujas conquistas na Itália estavam a preocupar tanto os bizantinos quanto o papado) e lidar com recentes queixas orientais sobre o uso ocidental de pães ázimos (Azymes), e em particular com as acusações levantadas na carta de Leo de Ohrid a John of Trani.*<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Schleiermacher, 1990, 21 “La religión fue el cuerpo maternal en cuya sagrada oscuridad se alimentó mi vida juvenil y se preparó para el mundo, que todavía constituía para ella una realidad no descifrada; en la religión respiró mi espíritu antes de que él hubiera hallado sus objetos externos, la experiencia y la ciencia; ella me ayudó cuando comencé a examinar la fe paterna y a purificar el corazón de los desechos del pasado; ella permaneció en pie para mí cuando Dios y la inmortalidad se esfumaron ante los ojos vacilantes.” (TdA)

<sup>14</sup> Conjunto de escrituras hebraicas que constituem a primeira parte da Bíblia Cristã.

<sup>15</sup> Siecienski, 2010:113; “the event that turned the filioque debate into a genuinely Church-dividing issue was the exchange of anathemas in 1054 between Cardinal Humbert of Silva Candida and Patriarch Michael Cerularius. Humbert had come to Constantinople at the request of Pope Leo IX to secure the emperor’s help against the Normans (whose conquests in Italy were troubling both the Byzantines and papacy) and to deal with recent Eastern complaints about the Western use of unleavened bread (azymes), and with the charges raised in Leo of Ohrid’s letter to John of Trani.” (TdA)

### 1.3.1. Contextualização histórica

Através da leitura do Novo Testamento, pode-se ter conhecimento da situação política, social e religiosa em que se encontrava a região da Palestina (onde nasceu Jesus). Politicamente, a região da Palestina na época do nascimento de Jesus estava dominada pelos Romanos. E Roma sempre foi benevolente com as culturas dos povos que conquistava. Por esse facto, a cultura da Palestina era maioritariamente judia. As outras culturas existentes eram a grega e a romana. Embora não existam provas, há quem diga que Jesus falava além do aramaico, o grego e o hebraico. A vida de Jesus desenvolve-se durante o domínio dos imperadores romanos Augusto e Tibério. O rei de toda a Palestina era Herodes (o Grande) que, aquando a sua morte deixa aos seus filhos, Herodes Antipas e Arquelau, o seu território. Herodes herda Galileia e Arquelau herda Judeia. O procurador romano, segundo o Evangelho, era Pôncio Pilatos e os sumos sacerdotes eram Anás e Caifás. Naquela época os rebeldes judeus tentaram, mas sem sucesso, restaurar a independência da Palestina.

A nível social a população palestina dividia-se em dois grupos, os judeus naturais da Palestina e os pagãos (os romanos). No entanto, os judeus que viviam fora da Palestina também tinham muita influência sobre esta. Como consequência desta variada fonte de cultura a população palestina possuía diferentes religiões e opiniões políticas. Para questões religiosas o povo tinha o *Sanedrin*<sup>16</sup>, um senado constituído por 65 membros (sacerdotes, anciãos e escribas) e presidido por um sumo sacerdote. Este órgão religioso detinha o poder de julgar e condenar os crimes realizados contra a religião, contudo, na condenação à morte, era necessário a permissão do representante romano.

O local onde os judeus se encontravam para as suas reuniões religiosas era chamada Sinagoga. Existia uma Sinagoga em cada aldeia ou cidade. As reuniões davam-se ao sábado, onde os judeus rezavam, liam e escutavam a Escritura e os Profetas. Os sacrifícios eram realizados nos templos e todos os israelitas tinham de visitar o templo de Jerusalém pelo menos uma vez na vida. Os israelitas tinham fé num só Deus e acreditavam que Israel tinha sido o local escolhido para acolher o Messias, filho de Deus, que vinha salvar a humanidade.

---

<sup>16</sup> Reyro, 1982: 75.

### 1.3.2. Fontes da Vida de Cristo

Existem dois tipos de documentos que comprovam a existência de Jesus Cristo. Os documentos históricos não cristãos, como por exemplo documentos romanos e alguns textos de origem judia; e os documentos cristãos como os livros que constituem o Novo Testamento (este conjunto de livros faz parte da segunda parte da Bíblia) e os apócrifos. A Bíblia é um conjunto de textos religiosos que tem um grande valor sagrado para o Cristianismo. Estes textos relatam acontecimentos religiosos que justificam a presença do homem na terra.

#### a. Documentos históricos não cristãos:

- Plínio, o Jovem (62-113 d.C.): era o governador da Bitínia durante o imperador Trajano. No ano de 111, Plínio escreveu uma carta ao imperador a pedir um conselho de como haveria de fazer frente a um movimento religioso que ocorria na sua região. Nessa carta, foi referido que os homens (cristãos) não eram maus, mas eram muito supersticiosos e que viam um tal de “Cristo” como um Deus.
- Suetónio Tranquillus (65-135 ): foi um historiador romano, que escreveu um livro chamado *Os Doze Césares*. Este livro fala sobre o reinado de Cláudio (41-54) e refere que por volta da década de 40 existiu um tumulto em Roma provocado por homens judeus crentes em Jesus Cristo. Este tumulto originou a expulsão dos judeus de Roma. Quando Suetónio narra a vida do imperador Nero (54-68), também se referiu aos cristãos, dizendo: “foram submetidos a tormentos, como um género de homens pertencentes a uma superstição nova e maléfica”<sup>17</sup>
- Cornélio Tácito (54-119): escreveu os *Anais* (115) onde falou sobre o imperador Nero e o incêndio em Roma. Nero acusou os cristãos de tal acontecimento, pois tinham como fundador um homem que tinha sido morto pelo governador Pôncio Pilatos durante o domínio do imperador romano, Tibério.

#### b. Os textos de origem judia:

Estes textos podem dividir-se em dois grupos, os textos históricos de origem judia e os religiosos também origem judia.

---

<sup>17</sup> Apud Reyero, 1982: 78.

- Flávio Josefo (37-132 d.C.): foi um historiador judeu que escreveu sobre a história do seu povo. Em muitos dos seus textos foram inseridos textos de escritores cristãos. Contudo depois de uma análise profunda aos textos de Josefo, foi possível observar que o historiador considerava Jesus como um sábio, um homem virtuoso e de boa conduta, que ensinou a judeus e pagãos e que foi condenado a uma morte na cruz por Pôncio Pilatos.
- Os textos religiosos escreviam que existiu um tal de Jesus de Nazaré que viveu na Palestina. Este homem praticou feitiçaria, fugiu à lei e incitou muitos a seguirem as suas ideias, e curou doenças. Esses mesmos textos não estavam seguros do nascimento de Jesus, pois o seu pai era desconhecido, logo era tomado como filho ilegítimo.

#### c. Documentos Cristãos.

O livro que contém a maior quantidade de informação sobre Jesus Cristo é o Novo Testamento. O Novo Testamento é composto por 27 escrituras: os quatro Evangelhos (de São Mateus, São Marco, São Lucas e São João), os Atos dos apóstolos, as catorze cartas de São Paulo, os sete chamamentos Católicos e o Apocalipse. Contrariamente ao que se possa pensar, o Novo Testamento não é um livro de história, mas sim um conjunto de pequenos livros que dão a conhecer uma mensagem de fé. Embora possam conter muita informação histórica, o principal é a mensagem de fé e diálogos.

Os apócrifos são outros livros cristãos que também contêm informação sobre Jesus e a sua doutrina, contudo a Igreja nunca os considerou autênticos. Este facto deve-se a que muitos dos relatos destes livros contêm uma grande influência mística e fantástica do ponto de vista do cristão em relação aos milagres.

### **1.3.3 A predição da chegada de Jesus Cristo**

Para se falar sobre o anúncio do nascimento de Jesus primeiramente deve-se referir o anúncio do nascimento de João, cuja presença teria que ver com a vida de Cristo. Durante o reinado do rei Herodes da Judeia, existia um sacerdote chamado Zacarias. Zacarias, já de certa idade, não possuía descendência pois a sua mulher, Isabel, era estéril. Num dos seus dias de preces a Deus apela à conceção de um filho; Zacarias é obsequiado

com a aparição de um Anjo. Esse Anjo, chamado Gabriel, viera para lhe dar a boa nova de que a sua mulher iria conceber dentro de pouco tempo e que o seu filho se chamaria João e seria um ser cheio do Espírito Santo que converteria muitos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. Zacarias, como sabia que tanto ele e a sua mulher contavam com uma idade imprópria para ter filhos, desconfiou da palavra do anjo e este como castigo, tornou-o mudo e disse que só voltaria a falar quando o filho nascesse.

Meses mais tarde, quando Isabel já se encontrava no sexto mês de gestação, o anjo Gabriel foi enviado à cidade de Nazaré, onde vivia uma parente de Isabel, Maria. Esta era uma jovem virgem que estava prometida a um carpinteiro chamado José, descendente de Davi. Quando o anjo apareceu a Maria disse:

*Salve, agraciada; o Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir estas palavras, turbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa. Disse-lhe então o Anjo: – Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de JESUS. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. Então Maria perguntou ao Anjo: – Como se fará isso, visto que não conheço varão? Respondeu-lhe o Anjo: – Virá sobre ti o Espírito Santo e o Poder do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra. Por isso o Santo, que de ti há de nascer, será chamado o Filho de Deus. Eis que também Isabel, tua parenta concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril. Porque para Deus nada é impossível. Disse então Maria: – Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o Anjo ausentou-se dela.<sup>18</sup>*

Depois da boa nova, Maria deslocou-se à Judeia, terra de Isabel, a fim de confirmar a gravidez. Quando entra em casa de Isabel, esta sente em seu ventre a alegria da criança, virou-se logo para Maria e disse:

*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! E donde me provém isto, que me venha visitar a mãe do meu Senhor? Pois logo que me soou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria dentro*

---

<sup>18</sup> Paglarin, 2010: 16.

*de mim. Bem-aventurada aquela que creu que se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas.*<sup>19</sup>

Antes de voltar para casa Maria ficou três meses em casa de Isabel.

Quando regressa a casa, José, prometido de Maria, tenta abandoná-la secretamente pois não acreditou que o bebé que esta tinha no seu ventre era fruto do Espírito Santo. Porém, numa noite, José teve um sonho onde o mesmíssimo anjo Gabriel lhe confirmou o estado de graça de Maria e que a criança seria um menino cujo nome seria Jesus, o seu primogénito. Embora José não abandonasse Maria, só a aceitou como esposa depois do nascimento do bebé.

Com o ocorrer de todos estes acontecimentos, chegou o tão esperado dia do nascimento do filho de Isabel. Quando completou oito dias de vida, no dia da circuncisão, os familiares de Zacarias e Isabel pensaram que o menino se chamaria Zacarias como o pai, porém Isabel contrariou-os e diz que o menino se irá chamar João; Zacarias concorda e como não podia falar escreveu numa tabuinha o nome de João. Logo após a escolha do nome de João, a língua de Zacarias desenrola-se e este voltou a poder falar.

*Zacarias, seu pai, ficou cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo: – Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo, e para nós fez surgir uma Salvação poderosa na casa de Davi, Seu servo. Assim como desde os tempos antigos tem anunciado pela boca dos Seus santos profetas; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com nossos pais e lembrar-se do Seu santo pacto e do juramento que fez a Abraão, nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, O servíssemos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os dias da nossa vida. E tu, menino, serás chamado Profeta do Altíssimo. Porque irás ante a face do Senhor, a preparar os Seus caminhos; para dar ao Seu povo conhecimento da Salvação, na remissão dos seus pecados, graças à profunda misericórdia do nosso Deus, pela qual nos há de visitar a aurora lá do Alto, para*

---

<sup>19</sup> *Idem:17.*

*alumiar aos que jazem nas trevas e na sombra da morte, a fim de dirigir os nossos pés no caminho da paz.*<sup>20</sup>

Este milagre foi falado em toda a região, chegando mesmo a espalhar-se para outras lugares.

### **1.3.4. O nascimento e a juventude de Jesus**

Aquando o nascimento do tão esperado Messias, o imperador romano decretou que todos os varões se recenciassem. José, um varão justo e honrado, iniciou a sua jornada até Belém (onde se encontrava a casa da família de Davi<sup>21</sup>). Durante a viagem, Maria entrou em trabalho de parto, como as estalagens estavam todas cheias devido ao alistamento, o parto ocorreu numa manjedoura. Foi então assim que nasceu Jesus, o primogénito de Maria e José.

Nesse momento, naquela mesma região, um anjo do Senhor visitou uns pastores que vigiavam o seu rebanho durante a noite.

*E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo. Pois hoje, na cidade de Davi, vos nasceu o a Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por o sinal: achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura. E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, a paz na terra, boa vontade para com os homens!*<sup>22</sup>.

Logo após ouvirem a boa nova, os pastores decidiram verificar se o que dizia o anjo era verdade e encontraram Maria e José com o bebé deitado na manjedoura. Depois

---

<sup>20</sup> *Idem*: 19.

<sup>21</sup> Família de José. José de Nazaré era descendente da Linhagem de Davi.

<sup>22</sup> Lc 2, 10-15.

de confirmarem a veracidade do nascimento do seu salvador, os pastorinhos espalharam o acontecimento por todas as aldeias e vilas onde passavam.

Como era hábito naquela época, no oitavo dia de vida, o bebê de Maria foi circuncidado. Nesse mesmo momento recebeu o nome de Jesus. Após cumprido o tempo de purificação, o menino foi levado ao templo de Jerusalém, pois segundo a lei de Deus “Todo o primogénito varão será consagrado ao Senhor”<sup>23</sup>. Em Jerusalém vivia um homem chamado Simeão. A Simeão tinha sido revelado que ainda veria em vida o tão aguardado Messias que salvaria o povo de Israel. Existia também uma profetiza chamada Ana, que dedicou quase toda a sua vida a Deus. Aquando da chegada de Jesus ao templo, Simeão e Ana, que se encontravam a rezar, aperceberam-se de imediato que aquele menino no colo de Maria era o tão profetizado Messias.

Na época do nascimento de Jesus, o rei que governava Judeia era o Rei Herodes. Vindo do Oriente, chegaram a Jerusalém uns magos em busca do “rei dos judeus” que acabara de nascer. Herodes, ao ouvir que uns magos andavam à procura de um rei que não era ele, fica intrigado e pede a todos os príncipes, sacerdotes e escribas que investiguem sobre esse tal rei. Quando ouviu falar da profecia, pediu a presença dos magos na corte e informou-os que também queria adorar esse novo rei, por isso quando os magos o encontrassem que viessem imediatamente com ele. Nessa altura José teve um sonho onde foi avisado que teria de fugir com Maria e com o menino. Contudo, a verdadeira intenção do rei era de matar Jesus. Então, José pega em Maria e no seu filho e fogem para o Egipto, ficando lá escondidos até à morte do rei Herodes. Quando o rei Herodes morreu, José voltou a receber um aviso em sonhos que dizia que ele juntamente com a sua esposa e filho, deveriam ir para a terra de Isabel e que não era necessário viver com medo, pois aquele que queria matar o menino já tinha falecido. Este facto comprovou mais uma vez as profecias dos antigos “Ele será chamado de Nazareno.”<sup>24</sup>

Nenhum incidente digno de registo ocorreu até Jesus ter doze anos de idade. Pela época da Páscoa era costume a família de Jesus ir a Jerusalém para festejar os dias de festa. Aquando, o regresso a casa Jesus não acompanhou os seus pais. Estes só se aperceberam da sua ausência quando chegaram a casa. De imediato procuram o menino entre os seus familiares e conhecidos. Passados três dias regressaram a Jerusalém em sua

---

<sup>23</sup> Lc 2, 23.

<sup>24</sup> Mt 2, 23.

busca. Lá encontraram-no entre os mestres, estes estavam estupefactos com a inteligência e as respostas da criança. Ao vê-lo, a sua mãe disse-lhe: “Filho porque nos fizeste isto? Olha que Teu pai e eu andávamos aflitos à Tua procura”, Jesus respondeu: “Porque me procuráveis? Não sabeis que devia estar em casa de Meu Pai? Maria e José não perceberam as palavras de Jesus e este quando todos regressaram a Nazaré tornou-se um filho submisso.”<sup>25</sup>

Anos mais tarde, quando Jesus já era um jovem, apareceu em Jordão um tal João, que oferecia o batismo para redenção dos pecados. Havia quem pensasse que João era o messias prometido, mas este era apenas o filho de Isabel, que dizia a todos que o quisessem ouvir: “Depois de mim, vai chegar outro que é mais poderoso do que eu, diante do qual não sou digno de me prostrar para lhe desatar as correias das sandálias. Eu vos batizarei em água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo.”<sup>26</sup> Alguns dias depois Jesus veio ao encontro de João e foi batizado por este. Aquando o seu batismo o céu abriu-se e o Espírito Santo desceu dos céus em forma de pomba e uma voz disse: “Tu és o Meu filho muito amado, em Ti pus toda a Minha complacência.”<sup>27</sup> Após o batismo, Jesus é levado pelo Espírito para o deserto, onde esteve quarenta dias de jejum e foi tentado pelo diabo. Como Filho de Deus, superou a tentação.

Como qualquer mestre com grande sabedoria, Jesus tinha seguidores, homens que o respeitavam e o viam como um exemplo a seguir. Certo dia, depois de passar uma noite a orar, chamou os seus discípulos e escolheu doze para se tornarem seus apóstolos. “Simão, a quem chamou de Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé, filho de Alfeu, e Simão, o Zeloso; Judas, irmão de Tiago e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.”<sup>28</sup> Após a escolha dos discípulos, Jesus viajou de cidade a cidade, aldeia a aldeia, ensinado o Evangelho, curando os enfermos e ressuscitando mortos. Os seus feitos tornaram-se tão famosos que grandes multidões o seguiam nas suas viagens.

---

<sup>25</sup> Lc 2, 48-52

<sup>26</sup> Mc 1, 8.

<sup>27</sup> Lc 3, 22.

<sup>28</sup> Lc 6, 13-16.

### 1.3.5. A Sua morte e ressurreição

Apesar de todos os seus discípulos saberem que Jesus era o Filho de Deus, este pedia para que aquele facto não fosse espalhado pela comunidade. Jesus chamava-se a si próprio “o Filho do Homem” e durante as suas viagens, informou os seus discípulos que teriam de ir a Jerusalém, onde “O Filho do Homem tem de ser entregue nas mãos dos homens, que O matarão, mas, ao terceiro dia, ressuscitará”.<sup>29</sup> Ao ouvir esta notícia, os discípulos ficaram assustados, e Pedro pediu para que não se falasse sobre o assunto. Chocado, Jesus acusou-o de apenas apreciar as coisas do homem e não as de Deus.

Muito perto de chegar a Jerusalém, Jesus pede a dois dos seus discípulos que procurassem e trouxessem um jumento. Quando chegaram às portas da cidade, os discípulos começaram a louvar a Deus e os aldeões receberam-nos mal. Jesus começou a chorar e declarou que aquela cidade ia arrepender-se de não ter reconhecido a visita do Filho de Deus. Dito aquilo, foi para o templo e, desde aquele dia, começou a ensinar o povo. Os sacerdotes, escribas e príncipes questionavam-se sobre a sua autoridade como mestre.

Entretanto, avizinhou-se a época da Páscoa e os sacerdotes, escribas e príncipes andavam a planear um modo de o afastar, sem que o povo se revoltasse. Nesse momento Judas, um dos discípulos de Cristo, que havia sido tentado por Satanás, foi falar com os sacerdotes para ajudar a entregar Jesus. Quando chegou o dia da Páscoa, Jesus mandou Pedro e João irem à cidade procurar um senhor que transportava uma bilha de água. Esse senhor iria levá-los a sua casa onde nessa mesma noite o mestre e os seus discípulos iriam comer o cordeiro pascal. Durante a ceia disse:

*Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até chegar o reino de Deus.” Ao pegar no pão e o partir disse: “Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós, fazei isto em minha memória.” Quando acabou a ceia, pegou no cálice de vinho e disse: “Este cálice é nova aliança no Meu sangue, que por vós se vai derramar.”<sup>30</sup>*

---

<sup>29</sup> Mt 7, 23-24.

<sup>30</sup>Lc 22, 14-20.

Esta foi considerada a “última ceia”, onde Jesus repartiu o seu ser com todos os discípulos e lhes pediu que espalhassem a sua fé. Também insinuou as traições que tinha sofrido por alguns dos seus discípulos.

Depois da ceia, Jesus triste com algumas das respostas dos discípulos, dirigiu-se para o monte das Oliveiras onde ficou a orar. Certo momento, Judas, junto com uma grande multidão, aproximou-se desse mesmo local. Jesus foi levado pelos guardas e preso numa cela, onde os seus carcereiros lhe batiam e o tratavam mal. No tribunal, Pilatos parecia achar que Ele era inocente, sem nenhum mal cometido; contudo a multidão exigia que fosse morto pelos seus crimes, pois tinha andado a influenciar o povo. Pilatos cede às exigências da multidão e castiga Jesus. O seu castigo seria carregar uma cruz (onde seria morto) até ao local da sua execução. Neste percurso de castigo, Jesus era seguido por uma grande multidão, onde muitos lamentavam e choravam a sua dor. Quando chegaram ao local da execução, nomeado Calvário, Jesus foi crucificado junto com dois malfetores. Nesse momento Jesus disse: “Perdoa-lhes, ò Pai, porque não sabem que fazem.”<sup>31</sup>

Quando chegou a noite, Jesus dando um último suspiro olhou para o céu e disse a Deus que lhe entregava o seu espírito, e morreu. No meio da multidão encontrava-se José, um membro do Conselho que não concordou com a condenação de Jesus. Este pede a Pilatos para levar o corpo de Jesus e sepulta-o. Jesus foi então sepultado num sepulcro talhado numa rocha. As mulheres que o tinham seguido desde a Galileia, procuraram fazer aromas e perfumes para o sepulcro. No sábado respeitaram o dia de descanso e no domingo, quando se dirigiram ao local, descobriram o sepulcro vazio. Então, dois homens apareceram a dizer que não era necessário visitar uma campa de uma pessoa viva. Incrédulas, as mulheres avisaram todos os conhecidos e os apóstolos. Jesus encontrou-se com os seus onze discípulos e diz:

*A paz seja convosco!”. Ao ver que os discípulos pensavam estar a ver um espírito disse: “Porque estais perturbados e porque surgem dos vossos corações tais pensamentos? Vede as minhas mãos e os meus pés; sou Eu mesmo, Palpai-Me e olhai que um espírito não tem carne, nem ossos, como verificais que Eu tenho. (...) Estas foram as palavras que vos disse, quando estava convosco: que*

---

<sup>31</sup>Lc 23, 34.

*era necessário que se cumprisse tudo quanto a Meu respeito está escrito em Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia, que havia de ser pregado, em Seu nome, o arrependimento e a remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vos sós testemunhas destas coisas. E eu vou mandar sobre vós o que Meu Pai prometeu.*<sup>32</sup>

Distas estas palavras levou-os a Betânia, abençoou-os e elevou-se nos Céus.

## **1.4. A História da Religião Cristã**

Até aos dias de hoje, a Igreja de Cristo continua a estar presente na história da humanidade. Esta influência começou com o mandato apostólico pronunciado por Jesus Cristo antes de subir aos Céus: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amén”<sup>33</sup>. Na história da Igreja pode-se encontrar uma ligação entre o divino e o humano. Aos longos dos séculos ocorreram grandes acontecimentos na História Cristã que permitiram dividi-la em épocas, onde esses acontecimentos são os pontos divisórios.

### **1.4.1. Antiguidade cristã**

O começo desta época deu-se no século I, quando Jesus ressuscita dos mortos e prega os seus últimos ensinamentos aos discípulos. A partir deste momento o Cristianismo demorou apenas duas décadas a propagar-se desde o Mar Negro até ao Nilo. Esta parte da história tem o nome de “Período da Era Apostólica”<sup>34</sup>, que terminou com a morte do último dos doze apóstolos, João.

---

<sup>32</sup> Lc 23, 36-50.

<sup>33</sup> Mt 28, 19-20.

<sup>34</sup> Hurlbut, 1979: 16.

O período após a Era Apostólica, que durou mais de duzentos anos, foi marcado pela perseguição dos cristãos pelo Império Romano. Este período de perseguição terminou apenas quando, no século IV, Constantino I, um cristão, se tornou imperador do Império Romano. Nesse mesmo século com imperador Teodósio I (379-395), o Cristianismo converteu-se na religião oficial do império romano. No século V o Império Romano foi derrotado pelos bárbaros, contudo, as igrejas cristãs foram conquistando a Europa que começou a criar nações cristãs em vez de nações pagãs.

### **1.4.2. A Idade Média**

A Idade Média ou o Período dos mil anos, iniciou-se com a Europa num verdadeiro caos. A Europa do início deste período caracterizava-se por um continente habitado por tribos sem um poder central oficial que governasse o povo. Aos poucos e poucos, pequenos reinos foram-se formando e o Bispo de Roma tentou não só governar a Igreja como também o mundo. Na época do Sacro Império Romano, os árabes, da religião de Maomé, começaram a conquistar terras do Cristianismo primitivo, tornando-se assim em inimigos. Aqui deu-se o começo das Cruzadas com o fim de reconquistar a Terra Santa que estava em posse dos muçulmanos. A época da História da Igreja da Idade Média acaba com a queda de Constantinopla em 1453.

### **1.4.3. Idade Moderna**

Depois do despertar da Europa no século XV, durante o século XVI dá-se a Reforma da Igreja, onde vemos a Igreja de Roma dividida. Enquanto os povos da Europa setentrional construíram as suas próprias igrejas nacionais, os países católicos iniciaram atividades para pôr fim à Reforma. Esta durou cerca de trinta anos, e terminou com o tratado de paz em Westfália durante o ano de 1648. A partir de então existiu uma grande divisão entre os países católicos romanos e os países protestantes.

#### **1.4.4. Idade Contemporânea**

Esta época iniciou-se com a Revolução Francesa de 1789, que começou com a supressão do clero. Esta revolução foi o início de um período turbulento para a Igreja que terminou com a restauração das monarquias pré-revolucionárias em 1815. Depois desta restauração dá-se o período do romantismo. Apesar deste período de paz, a Revolução Francesa levou a uma ideologia de liberdade que era contraditória à ideologia católica, o que promoveu novos conflitos para Igreja.

Durante o século XIX, o Catolicismo começou a perder a proteção do estado em muitos países. Este período de perda culminou com o termo do poder temporal dos papas em 1870, aquando a conquista italiana dos Estados Pontifícios e da unificação da península. Neste mesmo período a Igreja aproveitou as vantagens da crise e fortaleceu a união dos cristãos ao redor da Santa Sé, libertando-se assim nas intromissões dos estados no governo interno da Igreja.

No século XX, a Igreja volta a sair de um período de paz quando o Papa Pío X teve de coibir as tendências teológicas modernistas dentro da própria Igreja. Quando o Papa Benedito XV, durante a primeira Guerra Mundial, teve de manter uma imparcialidade política entre os contendores e desenvolver uma atividade humanitária com objetivo de ajudar os prisioneiros de guerra e os povos afetados. Durante a segunda Guerra Mundial, o Papa Pío XII teve de salvar vários judeus das perseguições sofridas pelos nazis.

Entre os anos de 1962-1965, o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, onde foi analisada a importância de um esforço universal para aceitar os aspetos positivos da modernidade e do incremento de outras religiões. Nos anos a seguir a este Concílio, a Igreja sofreu uma profunda crise, que foi resolvida durante o pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005).

#### **1.5. A Filosofia da religião cristã**

Para muito pensadores, como é o caso de Unamuno, a Filosofia anda de mão dada com a Religião. Ambas as áreas refletem sobre a vida e morte e sobre todas as ações dos

homens no mundo. Diferem apenas na linguagem, representações e símbolos a que recorrem para se poder explicar.

### **1.5.1. Filosofia da Religião**

Desde a época medieval que o tema “Filosofia e Religião” tem gerado muita controvérsia. Antes de se debruçar pelo tema de Filosofia da Religião é necessário saber distinguir Filosofia da Religião de Filosofia religiosa. Segundo Ropero, a Filosofia da Religião é “(...) o fenómeno religioso independentemente do credo, da verdade ou da falsidade de seu conteúdo. A Filosofia da Religião lida com a experiência religiosa, com a sua articulação doutrinária e prática, não tomando uma atitude de um crente, e sim de um cientista.”<sup>35</sup> Na teoria de Ropero, esta filosofia propõe questões gerais que estão intimamente relacionadas com a dúvida na crença da crença da fé. A Filosofia da Religião acredita num estudo do divino usando a razão, a investigação e a crítica.

Ao contrário, existe a Filosofia religiosa que se baseia na explicação cósmica através dos sentimentos e das ideologias religiosas. Segundo Hegel<sup>36</sup>, como tudo que é real é também racional, então se a Religião é real também tem de ter algum resto de racionalidade.

Após a tentativa de ligação entre a Filosofia e a Religião, surgiu então uma outra área, a teologia evangelista, a teologia é caracterizada pela recusa em unificar o pensamento filosófico à religião cristã, pois o Cristianismo distingue-se das outras religiões devido ao seu carácter de religião revelada. A Bíblia (livro sagrado da religião cristã) foi escrita através da inspiração dada por Deus. Este acontecimento demonstra que a razão humana não é suficientemente idónea para poder criticar ou analisar o conteúdo das escrituras bíblicas. Segundo Ropero, “a revelação não anula a razão, pelo contrário, eleva-a a uma melhor compreensão de si mesma.”<sup>37</sup>

No decorrer da história, muitos eclesiásticos tentaram mudar as interpretações da Bíblia a seu proveito pessoal, esquecendo-se que esta é um livro que contém os registos das palavras de Deus em termos humanos, de modo a que haja uma união entre Deus e o

---

<sup>35</sup> Ropero, 1999: 32.

<sup>36</sup> *Apud Idem*: 36.

<sup>37</sup> *Idem*: 37.

Homem. Para Ropero, o conteúdo da doutrina da Bíblia não deve ser afastado de uma investigação crítica, histórica e racional.

*A filosofia pode, de fato, ser perigosa para a religião, ou seja, quando se intromete nos seus assuntos. Sem dúvida, isto é, contra o julgamento de seu objeto. Mas não é perigoso quando considera este objeto como anteriormente lhe foi dado e tenta esclarecê-lo em relação à sua essência. A razão e o seu filósofo procedem de forma injusta quando acreditam que não devem receber religião, mas podem construí-la ou destruí-la livremente da força autônoma do pensamento humano. Mas eles não cometem nenhuma injustiça quando, tomando a religião como dada anteriormente, reconstruíram-na atendendo ao seu objeto - dado de antemão - e da força da Inteligência que o homem tem de si mesmo e de ser, Inteligência que é o elemento na que vive da Religião. Nesse sentido, trata-se da reconstrução crítica da Religião anteriormente dada com vista ao ser em essência autênticos.<sup>38</sup>*

## **1.5.2. A Filosofia Cristã**

Para debater este tema, é necessário recuar até ao início da influência do Cristianismo na sociedade da época medieval. Sabe-se que o Cristianismo teve três grandes pináculos na sociedade da época. Esses pináculos ocorreram quando o Cristianismo começou a destronar o paganismo; quando, no século IV, por volta do ano 313, a Igreja saiu das sombras e começou a tomar papel na organização social, jurídica e administrativa; e durante o século V, quando os bárbaros começaram a trazer a destruição e por conseguinte o império e a sociedade entraram em ruína. Nesta época, o Cristianismo foi visto como uma esperança espiritual e marcou severamente a sociedade desse período.

Na época medieval, o homem nascia, crescia e morria num ambiente religioso. Era neste ambiente que a sua inteligência de homem pensante se desenvolvia. Este facto

---

<sup>38</sup> *Idem* 40; “La filosofía puede de hecho ser peligrosa para la religión, a saber, cuando se entromete en sus asuntos. Indebidamente, es decir, en contra del sentido de su objeto. Pero no resulta peligrosa cuando estima este objeto como dado previamente para ella e Intenta esclarecerlo en los relativo a su esencia. La razón y su filosofía proceden Injustamente cuando creen que no deben recibir la religión, sino que pueden construirla o también destruirla libremente desde la fuerza autónoma del pensamiento humano. Pero no cometen ninguna Injusticia cuando, tomando la religión como previamente dada, la reconstruyen atendiendo a su objeto -dado de antemano- y desde la fuerza de la Inteligencia que el hombre tiene de sr mismo y del ser, Inteligencia que es el elemento en el que vive la religión. En este sentido se trata de la reconstrucción crítica de la religión previamente dada con miras al auténtico ser y esencia de la misma.” (TdA)

influenciou o seu modo de pensamento racional sobre o mundo e a vida. Devido isto estar interligado com a fé, a filosofia medieval é caracterizada pela seguinte expressão: “intellectus quaerens fidem”, “uma razão que se move no horizonte da fé”.<sup>39</sup> Contudo este refletir do homem medieval não se baseava somente em refletir ou filosofar na fé, mas sim em refletir e filosofar sobre a fé. A este tipo de filosofia deram o nome de Filosofia Cristã. Contudo este ramo da filosofia gerou muita controvérsia no decorrer dos tempos entre os filósofos e historiadores. De um ponto de vista social, o Cristianismo originou e ainda origina uma filosofia própria. De uma perspetiva epistemológica, o grande problema consiste em saber se uma filosofia verdadeira pode ser influenciada por uma doutrina como o Cristianismo, isto é, se mesmo que tenha influência desta religião ainda possa ser considerada como verdadeira. No século passado, durante a década de 30, brotou uma polémica protagonizada por Émile Bréhier e Étienne Gilson, no qual o primeiro alegou que não existia nenhuma filosofia cristã, enquanto que o segundo prova, através de várias investigações e factos históricos, que a filosofia medieval foi marcada pela influência do Cristianismo, tornando-se de facto numa filosofia cristã.

Historiadores cristãos como Mandonnet, Sertillanges e Van Steenberghen, constataam que “o adjetivo «cristã» não afecta nem pode afetar intrinsecamente o substantivo «filosofia», e se o afecta é anulando esta como filosofia, já que esta releva simplesmente da razão e não da fé”.<sup>40</sup> Na opinião de Coutinho, o Cristianismo não existe como filosofia, mas sim como religião, pois o cristão é um ser crente que alberga as verdades da Revelação através da fé. Este facto torna o Cristianismo numa doutrina e não numa filosofia, pois apoia-se na fé e não na razão.

### **1.5.3. Ensinaamentos de Jesus Cristo**

Apesar de, como já foi referido, existirem três ramos da religião cristã subsistem um conjunto de doutrinas fundamentais que os unem. Doutrinas essas que caracterizam a fé cristã e que não podem ser alteradas ou negadas, pois isso levaria a uma descaracterização do cristianismo bíblico original.

---

<sup>39</sup> Coutinho, 2008: 15.

<sup>40</sup> *Idem*: 18.

### 1.5.3.1. Deus, o Criador

Com a diversidade de religiões existentes na terra, pode concluir-se que o ser humano tem uma necessidade inata de procurar um Deus ou uma força divina que prove que existe uma dignidade transcendente no homem que deve ser respeitada. Para os cristãos, o único caminho para alcançar Deus é através das sementes de verdade que o seu filho, Jesus Cristo, implantou na terra aquando a sua presença. Este único Deus é o criador de todas as coisas, um ser extraordinariamente superior ao homem. Na religião cristã, Deus é constituído por três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, três seres eternos, perfeitos e gloriosos. Deus é um ser omnisciente “Que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração, e conhece todas as coisas.”,<sup>41</sup>omnipotente “Porém o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe aprouve”<sup>42</sup>e omnipresente “Porventura sou eu Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, que eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor”.<sup>43</sup>Deus é espírito e o Autor da redenção eterna.

*No princípio, Deus criou os céus e a e terra. E a terra era sem a forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: haja a luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que se move sobre a terra. E disse Deus: eis que vos dei toda erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra, e toda árvore, em que há fruto de árvore que dá semente; ser-vos-á para mantimento.<sup>44</sup>*

---

<sup>41</sup> 1 Jo 3, 20.

<sup>42</sup> Slm 115, 3.

<sup>43</sup> Jer 23, 23-24.

<sup>44</sup> Gen 1, 1-5 / 27-29.

### 1.5.3.2. Jesus como Deus e homem

Jesus é a segunda pessoa da Santíssima Trindade que desistiu dos seus privilégios como ser divino para descer à terra e salvar a humanidade de todos os seus pecados. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram afeitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”.<sup>45</sup>

Foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu do ventre de Virgem Maria. Jamais pecou e foi crucificado pelos pecados do Homem. Este facto tornou o Mediador entre o Homem e Deus, portanto o único caminho para chegar a Deus. (“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.”)<sup>46</sup> Após a sua crucificação, ressuscita ao terceiro dia e depois de aparecer aos seus discípulos foi ao encontro do seu Pai para um dia voltar à terra em forma física e resgatar a Igreja, julgando a humanidade e reinando sobre todas as nações.

### 1.5.3.3. Os sacramentos

Os sacramentos são palavras e ações criadas por Jesus Cristo, são rituais que o homem pode realizar a fim de alcançar a vida eterna. Os sacramentos podem ter três significados; o primeiro é de causa santificante, que é a morte e a ressurreição de Cristo; o segundo é o efeito santificante ou de graça; e o terceiro é o de santificação, que significa a ter glória eterna. “O sacramento é um símbolo que comemora o que aconteceu, isto é, a Paixão de Cristo; é um atributo que mostra o efeito da paixão de Cristo em nós, isto é, a graça; e é um sinal que antecipa, isto é, que prefigura a glória que vem”<sup>47</sup>. No total existem sete sacramentos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem sacerdotal e Matrimónio. Este conjunto de sacramentos correspondem aos momentos mais importantes da vida de um cristão. Existem também as celebrações litúrgicas que se dividem nos Sacramentais e nas Exéquias Cristas.

- Sacramentos de iniciação cristã.

---

<sup>45</sup> Jo 1, 1-4.

<sup>46</sup> 1 Tim 2, 5.

<sup>47</sup> www.opusdei.es: “El sacramento es un signo que rememora lo que sucedió, es decir, la Pasión de Cristo; es un signo que demuestra el efecto de la pasión de Cristo en nosotros, es decir, la gracia; y es un signo que anticipa, es decir, que preanuncia la gloria venidera.”

a. Batismo: este sacramento adquiriu este nome devido ao processo como o ritual é realizado. Batizar significa «imersão» na água; o batizado é imerso na água que simboliza a morte de Cristo e ressurrege com Ele como uma nova criatura. Também Jesus foi batizado na sua vida terrena pelo seu Primo João. Este sacramento é necessário para o homem conseguir alcançar a salvação e permite que o cristão possa fazer parte da comunidade, sem os pecados originais. A pessoa que recebe o batismo fica a pertencer para sempre a Jesus Cristo. “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.”<sup>48</sup>



*Figura 1-Batismo de Cristo 1481-1483. Por Perugino, na Capela Sistina, no Vaticano.*

b. Confirmação: pode também ter o nome de Crisma. Confirmação porque se trata de um rito que confirma/reforça a graça batismal. Crisma porque a essência do ritual é a unção. Normalmente este ritual é realizado por um Bispo e consiste na unção com o santo crisma, isto é, untar óleo misturado com bálsamo que é consagrado pelo Bispo. Apenas as pessoas que já foram batizadas podem receber o crisma, pois com este ritual o batizado funde-se com o Espírito Santo.

---

<sup>48</sup> Mt 28, 19-20.

*Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ele ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.) Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo.<sup>49</sup>*

- c. Eucaristia: este ritual foi introduzido na Última Ceia, onde Cristo celebrava o seu último jantar com os Apóstolos. Este rito simboliza o sacrifício do Corpo e Sangue de Jesus Cristo na cruz. É também um símbolo de unidade, onde se cria um vínculo de caridade e onde se recebe Cristo, que enche a alma de graça e ajuda a alcançar a vida eterna. A eucaristia é o auge da vida de um cristão, que traz uma união à liturgia do Céu e que antecipa a vida eterna, pois fortalece o cristão para a peregrinação da vida. A celebração da eucaristia consiste em dois momentos, o primeiro é quando se proclama e escuta a palavra de Deus; o segundo consiste na liturgia eucarística, isto é, quando se apresenta o pão e o vinho e onde se profere uma oração que contém palavras da consagração e da comunhão.
- Sacramentos de cura:
    - a. Penitência e Reconciliação: este sacramento existe porque embora todos os cristãos recebam o batismo, este não suprimiu a frágil natureza humana, que está em constante tentação para o pecado. A penitência manifesta-se nas ações tomadas pelos cristãos a fim de compensarem as falhas. Estas ações podem ser o jejum, a oração ou a esmola, embora existam outras formas. Para que ocorra a penitência é necessário que o cristão confesse as suas falhas mais graves a um sacerdote, este, pelo poder concedido por Deus, pode absolver a falha e conceder o perdão, estabelecendo assim a reconciliação entre o cristão e Deus.
    - b. Unção dos Enfermos: este sacramento destina-se ao cristão que se encontra em perigo de morte, devido a uma doença ou velhice. A celebração deste sacramento consiste na unção de óleo benzido na frente ou nas mãos do doente e na menção de uma oração. O objetivo da unção dos enfermos é

---

<sup>49</sup> Mt 8, 14-17.

de ligar o fiel à paixão de Cristo, trazendo-lhe coragem, conforto e paz e, se for vontade de Deus, também lhe pode trazer a recuperação da saúde física. Este sacramento também pode preparar o fiel para a passagem para o mundo de Deus.

- Sacramentos ao serviço da comunhão e da missão:
  - a. Ordem: é o sacramento que permite que a missão que Jesus deu aos seus apóstolos continue a ser realizada pela igreja. Tem este nome porque Ordem aponta para um corpo eclesial, do qual se passa a fazer parte mediante uma ordenação, onde o cristão recebe o poder concedido pelo Espírito Santo para exercer a sua função na comunidade cristã. Apenas um cristão do sexo masculino pode receber este poder e é-lhe concedido numa cerimónia regida por um Bispo.
  - b. Matrimónio: consiste numa cerimónia que une um homem e uma mulher de forma voluntária e consciente criando assim um laço de amor perpétuo e exclusivo. Este vínculo é selado por Deus que traz santidade à vida conjugal e acolhimento responsável aos frutos desta união. A cerimónia é regida por um Sacerdote da igreja e deve conter testemunhas. Nem todos os cristãos são obrigados a este sacramento, existem aqueles que optam por seguir as pegadas virginais de Cristo, e que decidem amar apenas Deus e o seu filho.

#### **1.5.3.4. A vocação do Homem**

A fé e os sacramentos estão interligados com a vida moral cristã. A fé é o símbolo que professa essa moral e os sacramentos é o modo como é comunicada. É na fé e nos sacramentos que os fiéis recebem a graça de Jesus Cristo e do Espírito Santo, que lhes vai permitir viver uma vida como filhos de Deus.

A vocação do homem está na sua vida em Cristo e para se realizar esta vida os cristãos devem seguir e compreender os ensinamentos de Deus. Esses ensinamentos podem dividir-se em duas categorias: a dignidade e a comunidade humana. Estas categorias ainda se dividem em subcategorias.

Dentro da dignidade humana:

- a. O homem à semelhança de Deus: a dignidade do homem provém da sua semelhança com Deus. Deus dotou o homem com uma alma espiritual e imortal, com inteligência e vontade livre, o que o tornou num ser em constante procura da bem-aventurança eterna.
- b. A vocação à Bem-Aventurança eterna: é a capacidade de uma vida eterna divina, ultrapassando as capacidades humanas, como um dom oferecido por Deus. Esta Bem-Aventurança leva os cristãos à tomada de decisões morais que estimulam a capacidade dos fiéis de amar a Deus acima de tudo. Esta vocação está no centro de todos os ensinamentos de Jesus, e aperfeiçoa as promessas de Deus. O incessante desejo humano de felicidade está relacionado com a Bem-Aventura, pois esta responde ao desejo de felicidade que Deus depositou no coração do homem e que apenas ele pode saciar.
- c. A liberdade do Homem: a liberdade consiste no poder que Deus deu ao homem a fim de este realizar por si mesmo ações propositadas. Esta liberdade permite escolher entre o bem e o mal, onde a escolha do último é um abuso da liberdade concedida por Deus. Quando mais bem se fizer maior liberdade se possui. A liberdade está intimamente ligada com a responsabilidade, pois o homem é responsável pelos seus actos. O direito à liberdade é inseparável da dignidade humana; por isso, todos os homens têm o direito de ser respeitados quer a nível moral quer a nível religioso. Um ato moralmente bom pressupõe a existência de bondade na ação; isto leva a que mesmo que o fim de um objetivo seja bom, se o caminho seguido para o alcançar seja mau, esse objetivo torna-se mau.
- d. A moralidade de paixões: as paixões consistem nos afetos e emoções que levam a agir de um modo ou de outro de acordo com o bom e o mau. Como principais, existem o amor e o ódio, o desejo e o medo, a alegria e a tristeza e a cólera. O amor é a paixão fundamental que atrai o bem. As paixões podem ser boas ou más, dependendo de se a ação for boa ou má.
- e. A consciência moral: esta consciência habita no íntimo de uma pessoa e permite que o homem pratique o bem ou evite o mal. É graças à consciência que o homem percebe se realizou uma ação boa ou má e permite que se assuma responsabilidade. Um homem cauteloso pode ouvir a voz de Deus através desta consciência interior. Quando o homem age contra a sua consciência está também a agir contra a sua dignidade humana. A consciência moral provém de uma educação interligada com a palavra de Deus, é protegida com os dons do Espírito

Santo e auxiliada com os conselhos de pessoas sábias. A consciência deve seguir três normas:

- 1) nunca fazer o mal, sim fazer o bem;
- 2) «tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho vós também»<sup>50</sup>;
- 3) respeitar o próximo e a consciência é um ato de caridade.

Embora o seguimento da consciência seja um bem fundamental na vida de um cristão, nem sempre a consciência emite juízos corretos, por vezes pode-se cometer um erro devido a uma má interpretação da consciência. Isto leva à necessidade de emendar os erros da consciência moral.

f. As virtudes: é um pré-disposição para fazer o bem; existem dois tipos de virtudes: as virtudes humanas e as virtudes teologais. As virtudes humanas vêm da inteligência e da vontade e regulam os actos humanos, ordenam as paixões humanas e guiam a conduta através da razão e da fé. As virtudes permitem reforçar os atos moralmente bons e são purificadas e elevadas pela graça divina. As principais virtudes humanas (também chamadas de Cardeais) são: prudência, justiça, fortaleza e a temperança.

- 1) Prudência: ajuda a razão a alcançar o verdadeiro bem pelo caminho justo, é também a virtude que guia as outras virtudes, dando-lhes regra e medida.
- 2) Justiça: é a incessante vontade de dar ao próximo aquilo que lhe corresponde. A virtude religiosa é a justiça para com Deus.
- 3) Fortaleza: ajuda a assegurar a firmeza na época de dificuldades e na procura do bem.
- 4) Temperança: ajuda a moderar a atração para os prazeres mundanos, assegurando um domínio da vontade sobre os instintos e assim harmonizar equilíbrio nas ações.

As virtudes teologais são aquelas que tiveram origem no próprio Deus. São colocadas no homem pela graça divina e ajudam-no a viver em relação com a Santíssima Trindade. Estas virtudes são: fé, esperança e a caridade.

- 1) Fé: é a virtude que nos permite acreditar em Deus e em tudo o que Ele revelou. É através da fé que o homem se integra livremente a Deus.
- 2) Esperança: é a virtude que ajuda a esperar de Deus a vida eterna, a confiar nas promessas de Cristo e a se apoiar na ajuda da graça do Espírito Santo.

---

<sup>50</sup> Mt 7, 12.

3) Caridade: é a virtude que permite amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a nos mesmos. “A caridade é o vínculo da perfeição”<sup>51</sup>

Existem ainda os dons e os frutos que o Espírito Santo deposita no homem com o objetivo de o tornar dócil, para assim seguir as inspirações divinas. Estes dons são sete: sabedoria, entendimento, fortaleza, ciência, piedade, conselho e temor de Deus. Os frutos são: “ (...) do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, e fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei.”<sup>52</sup>

g. O pecado: “é um «ato, palavra ou desejo contrário à lei eterna.» Isto significa que o pecado é um ato humano, visto que requiere a concorrência da liberdade e que se expressa em ato externos, palavras e atos interno. Além disso, este ato humano é mau, quer dizer, opõem-se à lei eterna de Deus, que é a primeira e a suprema regra moral.”<sup>53</sup> . O pecado pode distinguir-se entre pecado mortal e pecado venial.

1) Pecado mortal que deriva de uma ação má que se toma em plena consciência de que é má. Este pecado, se não houver arrependimento, leva a alma a ir para o inferno depois de morrer. O batismo e a Penitencia ou Reconciliação ajudam no perdão deste pecado.

2) Pecado venial consiste na toma de uma ação má, mas sem consciência de que é má. Para um cristão se redimir deste pecado são necessárias penas purificadoras temporais.

No homem o pecado é gerado pelo pecado que mais tarde irá levar a vícios. Estes vícios são o contrário de virtudes, são hábitos degradados que escurecem a consciência e ajudam o mal. Os vícios estão interligados com os sete pecados capitais: orgulho, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça.

Dentro da comunidade humana:

a. A pessoa e a sociedade: para uma boa convivência humana é necessário que haja justiça e valores. Nos locais onde o pecado governa na sociedade é necessário utilizar a graça de Deus para se converter o coração do homem.

---

<sup>51</sup> Col 3, 14.

<sup>52</sup> Gal 5, 22-23.

<sup>53</sup> www.opusdei.es: “es un «acto, palabra o deseo contrario a la ley eterna» 1. Esto significa que el pecado es un acto humano, puesto que requiere el concurso de la libertad 2, y se expresa en actos externos, palabras o actos internos. Además, este acto humano es malo, es decir, se opone a la ley eterna de Dios, que es la primera y suprema regla moral.” (TdA)

- b. A participação na vida social: o ser humano vive em comunidade é necessário que haja uma autoridade legítima que assegure a ordem e os bem comuns. Esta característica de natureza humana foi estabelecida por Deus. O bem comum caracteriza-se pelo respeito dos direitos do próximo e pelo desenvolvimento dos bens espirituais e temporais da pessoa e da sociedade, que traz a paz e a segurança global. Cada ser humano tem um papel na sociedade onde está inserido, este lugar deve ajudar na construção de uma sociedade pacífica e religiosa.
- c. A justiça social: consiste no respeito pela dignidade dos direitos da pessoa. A sociedade deve procurar a justiça social que está interligada com o bem comum. Os direitos da pessoa consistem na igualdade entre os homens, pois todos são filhos de Deus, e, na solidariedade humana, esta solidariedade consistem na partilha dos bens espirituais e não dos bens materiais.

### **1.5.3.5. Os mandamentos de Deus**

Os dez mandamentos de Deus são os fundamentos da base ética do Cristianismo. Segundo Jesus, não basta acreditar nas suas palavras mas sim segui-las por meio de ações. “«Se queres entrar na vida, observa os mandamentos», e acrescenta: «Vem e segue-me»”<sup>54</sup>.

- a. Primeiro: Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.
- b. Segundo: Não invocar o santo nome de Deus em vão.
- c. Terceiro: Santificar os Domingos e festas de guarda.
- d. Quarto: Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores).
- e. Quinto: Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).
- f. Sexto: Guardar castidade nas palavras e nas obras.
- g. Sétimo: Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo).
- h. Oitavo: Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo)
- i. Nono: Guardar castidade nos pensamentos e desejos.

---

<sup>54</sup> Mt 19, 16-21.

j. Décimo: Não cobiçar as coisas alheias.

*Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egípto, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás, porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, E faço misericórdia a milhares, aos que me amam, e aos que guardam os meus mandamentos. Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão. Lembra-te de guardar o dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado, e o santificou. Honra teu pai e tua mãe, para que os teus dias se e prolonguem na terra que o SENHOR teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.*<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Ex 20, 2-17.



## **CAPÍTULO II**

### **O Confucionismo**



## 2.1. Historia do criador do confucionismo

Confúcio (孔子 *Kǒngzǐ*) nasceu no ano 551 a.C. no estado de Lu (魯 *Lǔ*), na atual província de Shangdong (山东省 *Shāndōng shěng*), durante o reinado da Dinastia Zhou (周朝 *Zhōucháo*). O seu nome de nascença era Kong Qiu (孔丘 *Kǒngqiū*), porém, quando já adulto havia quem lhe chama-se Kong Zhongzi, Mestre Kong ou Kong Fuzi (孔夫子 *Kǒng fūzǐ*). Este último deu origem à latinização do seu nome durante o século XVII pelos missionários jesuítas, sendo a partir de então referido por muitos como Confúcio.

### 2.1.1. Contextualização histórica

Para perceber a origem das ideias e dos métodos de Confúcio e até mesmo da sua forma de viver, é necessário contextualizar a época histórica onde nasceu, viveu e morreu. Como já foi referido, Confúcio nasceu durante a Dinastia Zhou, tendo esta dinastia começado em 1027 a.C., com o término da Dinastia Shang (商朝 *Shāngcháo*). A Dinastia Zhou governou desde a China central até a China ocidental e foi a que teve a maior duração em toda a história chinesa.

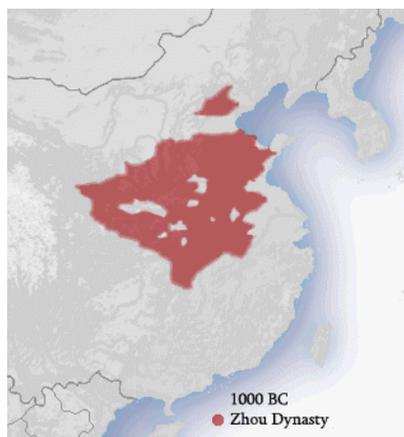


Figura 2 - Dinastia Zhou (1000 a.C.)

Em certa medida como a dinastia antecessora, constituía um estado feudal. Contudo, embora este termo seja usado pelos historiadores ocidentais, o feudalismo da Dinastia Zhou difere muito do feudalismo da Europa medieval. O governo Zhou não era composto apenas pelo Imperador e alguns conselheiros deste, mas sim por vários ministros que desempenhavam os seus papéis de acordo com a sua área.

*Quando usamos a palavra “feudal” não devemos pensar em um rei e nos seus poucos conselheiros sentados num castelo. A estrutura do governo de Zhou era complexa. Havia um primeiro-ministro, um ministro da família, um ministro da justiça e um diretor de obras públicas cujo trabalho era construir e reparar diques, pontes, canais de irrigação e reservatórios de água. Havia um ministro da guerra e ministros que estavam no comando das fortificações. O ministério da religião que realizava adivinhação, interpretou sonhos e fenômenos celestiais, e viu ofertas sacrificiais. Outros departamentos lidavam com tudo, desde entreter convidados estrangeiros, dirigir o conservatório de música, supervisionar e armazenar a colheita, caça e artesanato. Outros oficiais aconselharam o governante sobre a lei, recompensas por serviço à coroa e conduta apropriada.<sup>56</sup>*

A aristocracia desta dinastia era guerreira, onde os governantes e nobres procuravam o prestígio e poder na guerra, caça e nos sacrifícios feitos aos ancestrais. Estas características distinguiram os nobres dos plebeus. As famílias nobres viviam da riqueza proveniente das propriedades que governavam. E aqueles que trabalhassem nelas eram servos; caso a família entrasse em guerra eles também teriam de lutar. O papel dos ancestrais era muito importante para estas famílias nobres, capazes de punir os vivos caso as oferendas não fossem periódicas. Este facto tornava os rituais dos ancestrais muito importantes, sendo que estes também podiam ajudar a punir os inimigos. Para ajudar nas cerimónias religiosas feitas para aos ancestrais, os nobres tinham a ajuda de xamãs que auxiliavam desde a organização das cerimónias a exorcizar espíritos malignos e servir de comunicação entre os vivos e os mortos. “Exorcizavam espíritos malignos e abriam comunicação com os mortos através da adivinhação. Esses xamãs tinham várias maneiras de prever o futuro. Eles ocupavam cargos oficiais na corte e eram principalmente mulheres.”<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Lee, 2010:3; “When we use the word “feudal” we should not think of a king and his few advisors sitting about in a castle. The Zhou government structure was complex. There was a prime minister, a minister of the household, a minister of justice, and a director of public works whose job it was to build and repair dykes, bridges, irrigation channels, and water reservoirs. There was a minister of war and ministers who were in charge of fortifications. The ministry of religion carried out divination, interpreted dreams and celestial phenomena, and saw to sacrificial offerings. Other departments dealt with everything from entertaining foreign guests, directing the music conservatory, overseeing and storing the harvest, hunting, and crafts. Other officials advised the ruler on the law, rewards for service to the crown, and proper conduct.” (TdA)

<sup>57</sup> *Idem*, 4; “they exorcized evil spirits and opened up communication with the dead through divination. These shamans had several ways to foretell the future. They held official positions at court and were mostly women.” (TdA)

Em termos religiosos, os governantes Zhou acreditavam no conceito de “Céu”. Este Céu podia ser visto como um Deus, contudo diferindo do Deus segundo a perspectiva Bíblica. Este Deus era descrito por uns como um poder sobrenatural, por outros como um ser com características, com personalidade, e havia quem o descrevesse como algum poder muito próximo à natureza e muito diferente dos seres humanos. O Céu tinha o poder de ouvir, ver e aprovar, ou não, as decisões dos seres humanos. A Dinastia Zhou usou o conceito do Céu para justificar a queda da dinastia Shang. Segundo os Zhou, os governantes eram escolhidos pelo Céu tendo, portanto, o chamado “Mandato do Céu” (天命 *tiānmìng*), para governar de forma honesta e honrada. Se algum governante era derrotado seria porque tinha perdido o Mandato do Céu e teria de ser substituído por um bom governante.

O declínio da Dinastia Zhou começou quando em 771 a.C. a capital de Zhou foi invadida por rebeldes não chineses que mataram o governante, o que fez com que a família real mudasse a capital para Chengzhou (成周 *Chéngzhōu*), atual cidade de Luoyang (洛陽 *Luòyáng*). A família real começou a perder o seu poder, pois eram vistos como fracos que nem conseguiram proteger a própria capital. Este facto fez com que os nobres tivessem mais controlo nas suas propriedades e passassem a ter menos tendência a obedecer à família real. Este súbito poder fez com que os senhores locais comesçassem a criar governos dentro das suas propriedades e exércitos de modo a combater com outros senhores para aumentar a propriedade. Estas propriedades tornaram-se em estados independentes. Estourou então uma época de desconfiança e desordem, onde membros da mesma família podiam lutar entre si com o fim de conseguir mais propriedades e, por conseguinte, mais poder. O problema maior que estes senhores locais enfrentavam era a falta do Mandato do Céu, pois eles não tinham poder legítimo, o que criou uma época onde as famílias nobres se derrotavam entre si e onde até aqueles que não tinham sangue nobre usavam a sua riqueza para alcançar poder.

Este período de guerras indetermináveis levou a que no ano de 720 a.C. existissem mais de 120 estados feudais. Aquando da morte de Confúcio em 479 a.C., apenas 40 estados tinham sobrevivido.

## 2.1.2. Fontes da vida de Confúcio

Muitas das fontes escritas sobre a vida de Confúcio provêm dos seus seguidores e quase todas foram escritas após a sua morte. Contudo, alguns dados que estão escritos são influenciados pela fama de Confúcio, o que faz com que nem toda a informação seja verídica. Muitos mitos foram criados à volta de Confúcio, originado diferentes versões do seu nascimento e da sua vida.

A primeira bibliografia data a época da Dinastia Han (汉朝 *Hàncháo*), contudo sabe-se que é uma bibliografia incompleta e que contém muitos dos mitos e lendas criadas em redor de Confúcio. Um desses mitos diz-nos que antes do nascimento deste, a sua mãe recebeu a visita de um unicórnio que trazia uma placa onde afirmava que depois do declínio da Dinastia Zhou, o bebé seria um “rei sem coroa”<sup>58</sup>; segundo o mesmo mito, aquando do nascimento de Confúcio, dois dragões vindos do céu rodearam a sua casa e cinco Deuses visitaram o seu pátio. Nesse mesmo momento a sua mãe ouviu uma música celestial. Este mito justificou o facto do nome de nascimento de Confúcio ser Kong Qiu (孔丘 *Kǒngqiū*).

## 2.1.3. Vida de Confúcio



Figura 3 - Imagem tradicional de Confúcio em “*Confucius & Confucianism The Essentials*”

Apesar das poucas fontes fidedignas existentes sobre a vida de Confúcio, alguns historiadores afirmam existir duas fontes que contam a sua vida de modo muito próximo à realidade. Uma delas são os Analectos, que embora não tenham sido escritos

---

<sup>3</sup> *Idem*: 12; “uncrowned king.” (TDA)

diretamente por ele, foram escritos pelos seus discípulos que, ao longo dos anos, compilaram ações e palavras do seu mestre. Outra fonte é a biografia detalhada que se encontra no capítulo XLVII do Shi Ji (史记 *shǐjì*), Registos Históricos “A primeira história dinástica da China compilada perto do ano de 86 a.C.”<sup>59</sup>

Segundo os historiadores, Confúcio era proveniente de uma família aristocrática empobrecida, filho do segundo casamento de um famoso magistrado e oficial. Alguns registos referem que o seu pai era descendente de uma casa ducal do estado de Song (宋 *sòng*), que tinha uma ligação com a família real Shang (商 *Shāng*). Conflitos políticos levaram esse ramo da família a emigrar para o estado de Lu (魯 *Lǔ*), muito antes do nascimento de Confúcio.

Pensa-se que Confúcio provem de uma família de nobres que tinham ligação direta com a família real de Shang, família esta que tinha uma linhagem de nada menos do que setenta e sete gerações. Contudo, este facto ainda hoje não foi provado como verdadeiro pois existem muitas pessoas com o apelido de Kong, tanto na China, como em Taiwan.

O primeiro casamento do pai de Confúcio deu uma descendência com pouca saúde, o que levou este a optar por um segundo casamento, apesar da idade avançada. Pouco tempo depois do casamento, nasce Confúcio, contudo, quando este tinha apenas 3 anos, o seu pai faleceu. Esta tragédia levou Confúcio a viver com a família materna que vivia num estado de pobreza. Era apenas um adolescente quando a sua mãe morreu e a sua tentativa de colocar as cinzas desta junto das do seu pai, revela a importância que tinham os seus pais para ele. Confúcio frequentou a escola de um primeiro-ministro, e foi aí, onde foi reconhecido por vários funcionários públicos, como um jovem sábio que era capaz de compreender os antigos rituais e executá-los.

Como qualquer jovem da sua cultura, Confúcio casou-se cedo e teve o seu primeiro filho por volta dos 20 anos, foi nessa mesma altura que entrou como oficial menor no governo. Segundo os mesmos registos, Confúcio passou de cargo em cargo até chegar a primeiro ministro de Lu. Enquanto ministro demonstrou possuir uma grande sabedoria e pouca arrogância. Conta a história que, (aquando a chegada de emissários armados do estado de Qi), este não se tenha deixado intimidar e resolveu o problema de forma astuta e respeitosa.

---

<sup>59</sup> Feng, 1989: 58; “La primera historia dinástica de China, compilada cerca del año 86 a.n.e).

A sua discordância para com os seus companheiros, governantes e todos os acontecimentos, levaram Confúcio a sair do estado de Lu, em busca de algum governante que desse realmente valor aos seus conselhos. Estas viagens caracterizaram-se pela vida de extrema pobreza e perigo que o mestre e os seus alunos sofreram. Em muitos estados, eles foram atacados e espancados, e no estado de Song, quem visse Confúcio tinha autorização para o matar. Devido à corrupção existente nos estados, Confúcio foi incapaz de encontrar um governo que valorizasse os seus conselhos e ensinamentos.

Com o final da sua jornada, Confúcio retorna ao estado de Lu, onde viria a viver até à sua morte. Após o retorno, dedicou-se a ensinar os seus alunos e aqueles que o quisessem escutar, e a escrever, corrigir e compilar os textos antigos. Muitos afirmam que ele foi o primeiro a estabelecer a ocupação de professor como uma profissão, contudo sabe-se que não existia nenhum edifício como escola. As aulas eram dadas na casa de Confúcio e os seus alunos eram aqueles nobres e cavaleiros do mesmo estatuto que ele, que pagavam pelos seus ensinamentos; porém Confúcio também acolheu como alunos alguns jovens mais pobres. Para Confúcio, o esforço e dedicação do aluno é que era o mais importante. Os seus ensinamentos não se baseavam apenas nas suas experiências de vida, mas também nas suas interpretações daquilo que tinha aprendido em jovem, como história, música, poesia, literatura e rituais. Era muito importante preservar os ensinamentos antigos, pois só esses eram os mais puros e verdadeiros. Estes alunos eram preparados para ocupar cargos no governo, através da sua aprendizagem de rituais e comportamentos da corte.

Sobre a sua jornada, Confúcio afirmou:

*Com a idade de quinze, eu coloquei a minha mente em estudo. Com a idade de trinta estabeleci-me; Aos quarenta, não tive dúvidas. Aos cinquenta anos eu conhecia a escolha do Céu; Aos sessenta, os meus ouvidos estavam atentos a ele; E, aos setenta, eu poderia seguir os desejos do meu coração sem ultrapassar os limites do comportamento adequado.<sup>60</sup>*

---

<sup>60</sup> Lee, 2010:20; “At the age of fifteen, I set my mind on study. At the age of thirty, I established myself; at forty, I had no doubts. At fifty I knew the choice of Heaven; at sixty, my ears were tuned to it; and, at seventy, I could follow the desires of my heart without going beyond the bounds of proper behavior. (Analects, II, 4)” (TdA)

Confúcio não era visto como um humano arrogante ou pretensioso, os seus alunos descreviam-no como um homem de boa conduta, nada egoísta que procurava sempre corrigir os seus erros e melhorar a sua conduta.

*Quando falho em cultivar a virtude, quando não coloco em prática o que aprendi, quando sei o que é certo e ainda não consigo segui-lo, quando não sou capaz de mudar o que não é bom dentro de mim - Essas são as coisas que me preocupam<sup>61</sup>.*

Para ele pôr em prática os ensinamentos que admirava e ensinava era muito importante, como se pode ver num diálogo que teve com um dos seus discípulos: “Pensas que eu estudei muito e sei muitas coisas de cor? (...) Não, sublinhou Confúcio. O que eu faço é aprender e praticar.”; “Aprender e depois praticá-lo oportunamente, não será um verdadeiro prazer?”<sup>62</sup>

A morte de Confúcio deu-se no ano de 479 a.C., quando ele tinha 72 anos. A história que se conhece conta que, no leito da sua morte, os seus discípulos queriam realizar um funeral digno de um rei, mas Confúcio, com a sua humildade, pediu para ter um funeral de acordo com a sua posição hierárquica. Assim foi, Confúcio foi enterrado juntos aos seus antepassados da família Kong e ainda hoje a sua sepultura é visitada por milhões de pessoas todos os anos.

## **2.2. As suas principais obras**

### **2.2.1.Os clássicos antigos**

Antes do nascimento de Confúcio já existia um grande desenvolvimento na aprendizagem social. E mesmo depois da queda da Dinastia Shang, a Dinastia Zhou continuou a desenvolver esse sistema oficial de aprendizagem. Sabe-se que o duque de Zhou, fundador da dinastia, inseriu um sistema na instituição imperial, onde não era

---

<sup>61</sup> *Idem*: 20; “When I fail at cultivating virtue, when I do not put into practice what I have learned, when I know what is right and still cannot follow it, when I am not able to change what is not good within me – these are the things that worry me.” (TdA)

<sup>62</sup> Guerra, 1990:32.

apenas importante o Ritual de Idades, como também outros rituais e a música. Esta aprendizagem era facultada em materiais escritos, principalmente em tiras de bambus e em materiais de bronze, materiais esses que permitiram a preservação das versões oficiais da cultura antiga.

Como já foi referido, Confúcio foi um dos primeiros mestres a exercer uma educação privada. Segundo alguns registos, pôde ter ensinado cerca de três mil alunos, contudo não sabe se foi realmente o que aconteceu. Dentro desses três mil alunos encontravam-se centenas de estudantes pobres. Como professor, Confúcio estava em contestante estado de aprendizagem, sempre procurando adquirir novos conhecimentos e compreender os ensinamentos das culturas antigas. Ao estudar os registos antigos, Confúcio editou, interpretou e corrigiu o que mais tarde viriam a ser chamados “Os Clássicos (经 *jīng*)”<sup>63</sup>. Estes eram vistos como livros sagrados, que se acredita terem sido escritos pelos antigos sábios. O facto de serem registos de antigos sábios e ainda possuírem comentários e correções de Confúcio levou a que os confucianos acreditassem que eram grandes fontes de conhecimento e princípios celestiais, e quem os estudasse poderiam começar a compreender os ensinamentos do Céu e por conseguinte encontrar “O Caminho da Humanidade” (仁 *rén*).<sup>64</sup>

Na história educacional chinesa, os Clássicos exerceram um papel muito importante. Eles eram os principais manuais de estudos dos alunos. Os estudiosos confucionistas eram obrigados a decorar os textos e no final teriam de retirar algum significado deles. Quando o Confucionismo se tornou uma doutrina oficial do governo, durante a Dinastia Han (汉朝 *Hàncháo*), os Clássicos eram os textos básicos da educação pública. O valor destes era tão grande que o exame oficial para se poder alcançar algum cargo como oficiais, era neles baseado.

Para aqueles que eram seguidores do Confucionismo, os Clássicos eram considerados uma fonte de conhecimento sobre o pensamento confucionista. Estes seguidores acreditavam que deveriam moldar o seu modo de viver às ideias e pensamentos encontrados nos textos sagrados. Até mesmo as atividades do governo eram influenciadas pelas escrituras destes clássicos. Assim, tudo o que um letrado deveria saber ou o modo como deveria viver, como por exemplo a poesia, a história, os princípios, a

---

<sup>63</sup> Yao, 2000:49; “the classics (*jing*)”.

<sup>64</sup> *Idem*: 50; “Way of humanity”.

música, deveria ser influenciado pelos Clássicos. Os últimos anos da vida de Confúcio foram dedicados à reorganização dos Anais da Primavera e do Outono (春秋 *chūnqiū*). Para o mestre estes não eram apenas um relato da história, mas sim uma fonte de valores e recomendações que ajudavam a moldar as ações futuras. “As futuras gerações entender-me-ão através dos Anais da Primavera e do Outono e também julgar-me-ão com base nos Anais da Primavera e do Outono.”<sup>65</sup>

Como é normal ocorrer com um grande número de seguidores, muitas perspectivas diferentes foram retiradas da leitura dos clássicos. Essas diferenças levaram os confucionistas a debater entre si, o que originou o desenvolvimento de vários ramos e por conseguinte à fundação de diferentes escolas confucionistas. Muitas das vezes eram os próprios mestres destas escolas que, com as suas experiências e pensamentos, mudavam e influenciavam as interpretações retiradas dos Clássicos. “Por exemplo, parece haver três escolas do Livro da Poesia no início do século II aC, baseadas em três versões diárias do texto disponível na época. Havia também três escolas para o livro da história, e quatro para o livro das mudanças.”<sup>66</sup>

Ao longo da história, os vários governos das diferentes dinastias utilizaram os clássicos como uma ferramenta para influenciar o seu poder sobre o povo. Segundo se sabe, aqueles que detinham o poder deveriam guiar-se pelos ensinamentos dos clássicos confucianos, pois assim demonstravam ser dignos de tal poder. Contudo, o que de facto aconteceu foi que os governos utilizaram os clássicos e as interpretações destes a seu belo proveito, dando importância a um livro e por vezes desacreditando outros a fim de se manterem no poder, ou alcançar ainda mais poder. No Shi ji (四经 *sìjīng*), Confúcio expôs:

*Todas as Seis Artes ajudam a governar. O Livro dos Ritos ajuda a regular os homens, o Livro da Música traz harmonia, o Livro da História regista incidentes, o Livro da Poesia expressa emoções, o Livro das Mudanças revela influência sobrenatural e os Anais da Primavera e do Outono mostram o que é certo.*<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> *Idem*: 51; “The future generations shall understand me through the Spring and Autumn Annals and shall also judge me on the basis of the Spring and Autumn Annals’ (Mengzi, 3b: 9).” (TdA)

<sup>66</sup> *Idem*: “For example, there appeared to be three schools of the Book of Poetry at the beginning of the second century bc, based on three different versions of the text available at that time. There were also three schools for the Book of History, and four for the Book of Changes.” (TdA)

<sup>67</sup> *Idem*: “All Six Arts help to govern. The Book of Rites helps to regulate men, the Book of Music brings about harmony, the Book of History records incidents, the Book of Poetry expresses emotions, the Book of Changes reveals supernatural influence, and the Spring and Autumn Annals shows what is right. (Shiji, 1997: 3197)” (TdA)

## 2.2.2. Influência de Confúcio nos Clássicos

Os historiadores afirmam que foi Confúcio quem compilou os antigos Clássicos; sem ele estes seriam apenas fragmentos de textos antigos com registos dessa cultura. Existem registos que datam a época da Dinastia Han, onde os confucionistas acreditavam que os Clássicos não existiam antes de Confúcio, que poderiam ter existido escritos sobre poemas, discussões políticas, canções, reflexões filosóficas e até mesmo rituais, contudo, foi Confúcio que os recolheu e organizou de modo a compilar os livros. Assim sendo, foi Confúcio que deu forma e valor aos clássicos. Esta teoria foi adotada pelas famílias aristocráticas após a Dinastia Han e vingou até aos dias de hoje. Existem muitos letrados chineses que acreditam nessa teoria:

*Lifu Chen, por exemplo, acredita que "Confúcio editou o Livro das Canções, e o Livro da História, compilou o Livro dos Ritos e o Livro da Música, anotou o Livro das Mudanças e escreveu os Anais da Primavera e do Outono. Estes foram chamados de "Seis Clássicos" (Chen, 1972: 2). E Xiong Shili acredita que "os Seis Clássicos [existentes] foram a versão final preparada por Confúcio nos seus últimos anos" (Xiong, 1996: 406-42).<sup>68</sup>*

Como seria de esperar, também existe quem afirme que Confúcio não teve assim tanta influência nos Clássicos Antigos. Segundo os estudiosos da Escola dos Textos Antigos <sup>69</sup>(uma escola confuciana que se baseia nos escritos dos Han), Confúcio apenas reorganizou os primeiros escritos, que já existiam desde o início da Dinastia Zhou, com o intuito que de poder ensinar os seus alunos a cultura dos antigos. Junto desta perspectiva, existem alguns ocidentais que concordam com os estudiosos da Escola dos Textos Antigos. Os clássicos não foram escritos por Confúcio, eles já existiam, há quem chegue a afirmar que “Os Cinco Clássicos” nada têm a ver com Confúcio.

---

<sup>68</sup> *Idem*: 53; Lifu Chen, for example, believes that ‘Confucius edited the Book of Songs, and the Book of History, compiled the Book of Rites, and the Book of Music, annotated the Book of Changes, and wrote the Spring and Autumn Annals. These were called the “Six Classics”’ (Chen, 1972: 2). And Xiong Shili believes that ‘the [existent] six classics were the final version fixed up by Confucius at his late years’ (Xiong, 1996: 406–42). (TdA)

<sup>69</sup> *Idem*: 53; “Old Text School” (TdA)

*Na nossa examinação dos vários livros que Confúcio supostamente escreveu.... Leva-nos a concluir que não temos nenhuma evidência convincente de que ele escreveu ou mesmo editou qualquer coisa. Este não é um veredicto original; um número crescente de estudiosos chegou à esta mesma conclusão nos últimos anos. (Creel, 1960: 106)<sup>70</sup>*

Para contrastar com estas opiniões opostas, existem também aqueles que não apoiam nenhuma das duas. Apenas acreditam que os clássicos confucianos são muito antigos, concentrando-se então em saber que fragmentos tomaram forma na época de Confúcio e dos seus discípulos, e que fragmentos tomaram forma após as suas mortes.

### **2.2.3.A contextualização dos Clássicos Confucianos na História**

A primeira referência aos clássicos data o período dos Reinos Combatentes e é feita na compilação do livro de um taoista, Zhuangzi (莊子 *Zhuāngzi*). Nesta alusão, o Livro da Poesia, o Livro da História, o Livro dos Ritos, o Livro da Música, o Livro das Mudanças e os Anais da Primavera e do Outono foram associados como Clássicos.<sup>71</sup> O sucesso destes livros durou até à ascensão da Dinastia Qin (秦朝 *Qíncháo*), cujo primeiro Imperador que queria submeter as escolas até então criadas a uma, deixou-se levar pelos conselhos dos legalistas e mandou confiscar todos os livros que fossem contra as suas ideologias, principalmente os confucionistas. Este acontecimento foi um grande golpe na tradição confucionista, que se concentrava na preservação dos Clássicos e no ensinamento do pensamento dos sábios antigos. A preferência pelo estudo dos Clássicos foi então erradicada, para apenas aparecer muitos anos mais tarde, já na época da Dinastia Han.

A segunda referência aos Clássicos é então, na época da Dinastia Han, quando os confucionistas redescobriram e reeditaram os manuscritos dos Antigos Clássicos confucionistas. Esta busca pelo antigo conhecimento deu-se pela incessante procura do governo em resolver problemas de estado, em descobrir novas e eficientes medidas administrativas e no desejo de preservar o tradicional. Contudo, esta reedição dos

---

<sup>70</sup> *Idem*: 54; “Our examination of the various books Confucius is supposed to have written. . . leaves us with the conclusion that we have no convincing evidence that he wrote or even edited anything at all. This is not an original verdict; an increasing number of scholars have reached this same conclusion in recent years. (Creel, 1960: 106)” TDA

<sup>71</sup> Watson, 1964: 363.

clássicos antigos apenas contribuiu para que exista ainda hoje aqueles que acreditam que os Clássicos que se encontram na atualidade não sejam necessariamente fiéis aos originais; e aqueles que acreditam que os estudiosos de Han realizaram um bom trabalho na sua reedição dos clássicos antigos. Sabe-se que para evitar que mais clássicos fossem destruídos, um decreto real foi emitido a fim que se gravasse em pedra a versão dos textos dos cinco clássicos de Han.

Outra referência data a época da Dinastia Song (宋朝 *Sòngcháo*). Como já se referiu anteriormente, embora o governo da Dinastia Han tivesse legitimado o Confucionismo, também se pôde ver um crescimento do Taoísmo e do Budismo na mesma época histórica. Após a queda dos Han, até à queda da Dinastia Tang (唐朝 *Tángcháo*), a crença das ideias confucionistas foi ultrapassada em vigor das crenças nas ideologias Budistas e Taoistas, como uma religião para os chineses. Apenas voltando a atingir o seu auge, durante a Dinastia Song, quando apareceram os chamados Neo-confucionistas, que introdução “*Dao xue* (Aprendizagem do Caminho), ou *li xue* (Aprendizagem do Princípio) e *xin xue* (Aprendizagem do Coração / Mente),”<sup>72</sup> o Confucionismo voltou a ter favoritismo em prol das outras tradições religiosas e não religiosas. Os Neo-confucionistas reinterpretaram e reeditaram os Antigos Clássicos, e ainda que essas interpretações e edições tenham tido influência do Budismo e do Taoísmo, os escritos Neo-confucionistas foram considerados oficiais e usados como manuais para os exames do estado. Esta versão Neo-confucionista foi levada para outras partes da Ásia.

## 2.2.4.Os Clássicos

A história conta que inicialmente terão sido seis livros a constituir os Clássicos, ou seja, designados 六经 (*liù jīng*):

- Livro da Poesia (诗经 *shījīng*),
- Livro da História (书经 *shūjīng*),
- Livro dos Ritos (礼记 *lǐjì*),
- Livro da Música, (乐经 *yuèjīng*),

---

<sup>72</sup> Yao, 2000:56; “(...) *dao xue* (the Learning of the Way), or *li xue* (the Learning of the Principle) and *xin xue* (the Learning of the Heart/Mind) (...)” (TdA)

- Livro das Mutações (易经 *yìjīng*),
- Anais da Primavera e do Outono (春秋 *chūnqiū*).

No entanto, devido à destruição dos livros confucionistas durante a Dinastia Qin, o Livro da Música perdeu-se. Os cinco que restaram passaram a ser chamados de 五经 (*wǔjīng*), Os Cinco Clássicos.

Mais tarde, durante a Dinastia Han posterior (后汉 *Hòuhàn*), os Cinco Clássicos foram adicionados aos Analectos de Confúcio (论语 *lúnyǔ*) e ao Livro da Piedade Filial (孝经 *xiàojīng*), ficando assim com Sete Clássicos. No final da Song, os clássicos já contavam com doze livros. Embora a quantidade de livros que constituem os clássicos tenha mudado ao longo dos séculos, os Cinco foram sempre considerados como os livros básicos que transmitiam a verdadeira cultura antiga.

O primeiro clássico a retratar é o Livro das Mutações (易经 *yìjīng*). Segundo o Hanshu (汉书 *hànshū*), livro que conta a história antiga de Han), o Livro das Mudanças deu origem às seis artes, tornando-se assim o primeiro livro dos Cinco Clássicos.<sup>73</sup> Durante a dinastia Han, este manual era usado para a arte da adivinhação, através da interpretação de uma mensagem do oráculo (utilizando varas de milho<sup>74</sup>) e para uma compreensão do mundo. Nas outras dinastias, era mais um livro de caráter filosófico. O seu nome é Yijing (易经 *yìjīng*), pois o caráter Yi (易 *yì*), significa “mudança”, que também pode significar “fácil”, o que está relacionado com o conteúdo do livro.

O Yijing (易经 *yìjīng*) é constituído por duas partes, a vertente textual e a dos comentários. A parte do texto são práticas divinatórias muito antigas. O texto tem padrões de seis linhas, a que se dá o nome de hexagramas, logo, compostos por seis linhas quebradas e não quebradas que são reconhecidas como yin e yang, respetivamente. Sabe-se que os ossos de oráculo que correspondem à época das Dinastias Shang e Zhou, apresentavam símbolos igualmente de seis partes, contudo não eram traços, mas sim números; este uso dos traços deu-se mais tarde. Este método formava os trigramas. Os sábios teriam alternado entre o método do hexagramas e trigramas na suas praticas religiosas e de adivinhação. Quando começam a existir as primeiras traduções deste livro para algumas línguas ocidentais, os tradutores (por exemplo: James Legge e Richard

<sup>73</sup> *Idem*: 57.

<sup>74</sup> Sistema numérico que data o período dos Reinos Combatentes.

Wilhelm<sup>75</sup>), afirmaram que os textos e comentários tinham sido obras de antigos sábios como Fu Xi, o rei Wen (fundador da dinastia Zhou). Hoje em dia considera-se que foi no início da Dinastia Zhou onde os textos e comentários para este livro foram escritos.

Os comentários são constituídos por dez partes. Segundo a história chinesa, esses comentários são atribuídos a Confúcio, que teria tido um grande apreço por este livro. Estes comentários terão sido compilados pelos discípulos de Confúcio e mais tarde adicionados ao livro. Segundo a tradição confuciana, o próprio Confúcio terá entregue uma cópia do livro já com os seus comentários. De acordo com Lynn, apesar dos comentários terem vestígios de Confúcio e das suas escolas, estes deveriam ter sido adicionados apenas nos finais do período dos Reinos Combatentes, ou até mesmo entre as dinastias Qin e Han.<sup>76</sup>

O “Livro da Poesia, Livro das Canções ou Livro das Odes”, é segundo livro dos Cinco Clássicos. É um conjunto de poemas que foram escritos entre a Dinastia Zhou e o Período da Primavera e Outono. Segundo a tradição confucionista, o próprio Confúcio escolheu de entre mais de três mil peças, trezentos e cinco poemas para editar o livro e usá-lo com fins educativos. Igual a os outros clássicos, durante a destruição dos livros na Dinastia Qin, também o “Livro da Poesia” desapareceu. Consequência disto, com a ajuda de três académicos que transmitiam oralmente o conteúdo do livro da poesia, foram criadas “Três Versões Oficiais da Poesia”. O mestre Han Ying criou a primeira versão; a segunda proveio de um mestre do estado de Qi, e passou a ser chamada de Poesia de Qi. A terceira foi criada por um mestre do estado de Lu. Uma outra versão foi criada por um estudioso apelidado de Mao, que estudou e ensinou o “Livro da Poesia” e os seus comentários; o resultado deste trabalho é designado de “Poesia de Mao”. No final dos Han, as três versões oficiais desapareceram ficando apenas a versão de “Poesia de Mao”.

---

<sup>75</sup> *Idem*: 58; “James Legge and Richard Wilhelm (1873–1930)”.

<sup>76</sup> Lynn, 1994: 3.



Figura 4 - Kǒngzǐ Shīlùn (孔子诗论), uma discussão inicial do Clássico da Poesia. Tinta em tiras de bambu, que remontam ao período dos Estados Guerreiros (475-221 aC), coleção do Museu de Xangai.

Os trezentos e cinco poemas podem classificar-se em três assuntos.

- Sobre os costumes, festivais locais e vida cotidiana de treze estados e regiões diferentes existem 160 poemas.
- Sobre os tribunais dos estados locais existem 74 odes menores. Sobre o Reino de Zhou, lendas e mitos antigos e registos históricos existem 31 odes maiores.
- Sobre ritos, festas e *performances* musicais do estado de Lu, Zhou e da dinastia Shang, existem 40 hinos. Cada poema é reconhecido pelo seu título, que é formado pela extração dos dois caracteres das duas frases. Cada poema também é seguido por uma passagem ou prefácio a explicar ou resumir o seu conteúdo.



Figura 5 - Um poema do Clássico da Poesia, escrita à mão pelo Imperador Qianlong, juntamente com uma pintura.

O terceiro clássico é o Livro da História, em chinês Shangshu (尚書 *shàngshū* ou 书经 *shūjīng*). O carácter “尚” (*shàng*) significa “antigo”, enquanto que o carácter “书” (*shū*) significa livro. É um livro que retrata os eventos históricos e políticos das três primeiras grandes dinastias, Xia, Shang e Zhou. O livro pode dividir-se em cinco secções: a das consultas (谏 *mó*), que retrata principalmente diálogos entre o Imperador e os seus ministros; as instruções (训 *xùn*), conselhos dados pelos ministros ao Imperador; anúncios (诰 *gào*), dados pelo Imperador ao povo; declarações (逝 *shì*), discursos proferidos pelo

Imperador durante uma batalha; e por último os Comandos (命 *mìng*), que são os direitos e privilégios reais para um único indivíduo.

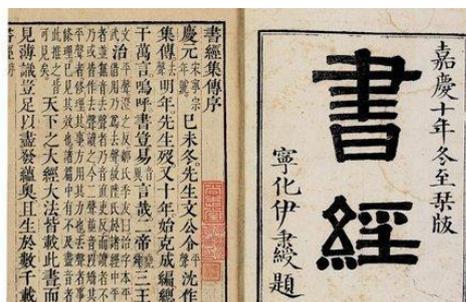


Figura 6 - Shujing.

Segundo a História, na altura de Confúcio, o “Livro de História” teria cerca de 100 capítulos, que terá sido usado pelo próprio Confúcio como manual para as suas escolas. Segundo Yao<sup>77</sup>, se esta versão do livro realmente existiu, terá sido perdida durante a Dinastia Han. O exemplar que existe atualmente é composto por dois textos: os 28 ou 29 capítulos que fazem parte do “Novo Texto” (escritos no período da dinastia Qin e Han) e os “Antigos Textos” (que terão sido encontrados na antiga casa de Confúcio). Estes “Antigos Textos” terão sido apresentados ao Imperador da Dinastia Jin (晋朝 *Jincháo*) que terão sido adicionados ao livro e considerados verdadeiros documentos históricos até à Dinastia Qing (清朝 *Qīngcháo*), quando foram descobertos como falsos.

Contudo, durante um longo período de tempo, o “Livro de História”, foi considerado pelos confucianos um dos clássicos mais importantes, não apenas porque acreditavam que tinha sido o próprio Confúcio a organizar cronologicamente e a acrescentar os prefácios de cada capítulo, como também porque foi considerado a fonte da filosofia confuciana. Para os confucionistas os ensinamentos morais ou religiosos dos registos deveriam ser seguidos.

O Livro dos Ritos, ou Li Ji (礼记 *lǐjì*), é o quarto livro que faz parte dos clássicos e que retrata os rituais antigos. Tal como os outros clássicos, a versão original terá sido perdida durante a queima dos clássicos ordenada pelo imperador da dinastia Qin (清朝 *Qīngcháo*). A junção dos segmentos perdidos feita durante a Dinastia Han terá originado duas versões do Li Ji. Estas versões terão sido editadas por dois confucionistas da época, Dai De (戴德 *Dàidé*) e o seu sobrinho Dai Sheng (戴圣 *Dàishèng*). A primeira versão

<sup>77</sup> Yao, 2000:61.

contém 85 capítulos, enquanto que a segunda versão apenas 49. Esta última originou-se devido à perda da maioria dos capítulos da primeira versão. Apesar de se dizer que este livro trata de rituais da Dinastia Zhou e que foi interpretado por Confúcio e escrito pelos seus discípulos, também se diz que a maior parte dos capítulos foi registado apenas entre o período dos Reinos Combatentes e a Dinastia Han.



Figura 7 - Clássico dos Ritos.

O Liji pode dividir-se em cinco partes de acordo com o conteúdo.

- A primeira é constituída pelos rituais, ritos e os ensinamentos como por exemplo: A Grande Aprendizagem e a Doutrina do Meio.
- A segunda é constituída pelos Rituais de Etiqueta e Cerimonia.
- A terceira é constituída pelas as citações que foram atribuídas a Confúcio e aos seus discípulos.
- A quarta é constituída pelos os rituais e as cerimónias antigas. E por último existem provérbios antigos e máximas.

O último livro dos Cinco Clássico é “Os Anais de Primavera e Outono” (春秋 *chūnqiū*). É um livro onde se registaram todos os acontecimentos históricos, políticos, económicos e naturais desde 481 a.C. e 242 a.C.; O nome deste livro foi influenciado pela tradição do Estado de Lu, ao incluir nos nomes o ano, mês, dia em que ocorre algum acontecimento. Este livro foi atribuído à autoria de Confúcio desde a época de Mêncio. Confúcio terá editado e escrito os Anais para julgar as injustiças e a corrupção existentes na sua época. Esta teoria só foi contestada no durante o século XX, quando alguns estudiosos encontraram provas que evidenciavam o não envolvimento de Confúcio na edição e escrita dos Anais.<sup>78</sup>

<sup>78</sup> Chunqiu Zuoqian Zhu, 1981:8-16 (春秋左传注. 杨伯峻. 中华书局.1981).

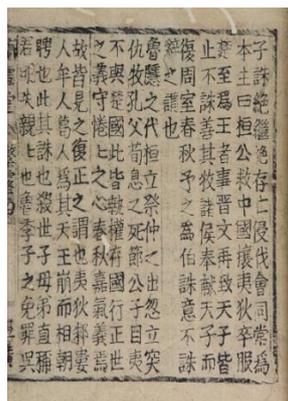


Figura 8 - Atribuída a Dong Zhongshu (179-104 a.C.), erudito da dinastia Han, *Chun Qiu fan lu* (Os abundantes orvalhos dos Anais de Primavera e Outono), Biblioteca Nacional da China.

No início da dinastia Han, apareceram três grandes estudiosos, que através das suas anotações, ajudaram os leitores a perceber o que significavam as passagens escritas no livro. Estas anotações, além de interpretar os acontecimentos, também acrescentavam informações sobre o contexto dos eventos. Foram divididas em duas versões. A versão mais antiga que estava relacionada com os Anais, que datavam da época pré Qin; e a versão mais recente que estava relacionada com os Anais da época da dinastia Han. Ambas as versões foram alvo de debate ao longo da história, quer pelos confucionistas da velha escola quer pelos confucionistas da nova escola.

## 2.2.5. Os Cinco Clássicos e os Quatro Livros

Os Cinco Clássicos foram considerados os manuais oficiais da doutrina confuciana, e eram usados pelos alunos como manuais de estudo para os exames de estado. Os Analectos de Confúcio também chegaram a ser aceites como um manual. Contudo, na ascensão da Dinastia Song, os Neo-confucionistas, como por exemplo Zhu Xi (朱熹 *Zhūxī*), deram mais ênfase nos Analectos de Confúcio, na Grande Aprendizagem, na Doutrina do Meio e no livro de Mêncio<sup>79</sup>. Os seus comentários sobre estes quatro livros foram registados no *Sishu Jizhu*, “Análise interlinear e comentários recolhidos sobre os Quatro Livros”.<sup>80</sup> Devido à crença de Zhu onde eram os Quatros livros que detinham os princípios fundamentais para se lidar com as preocupações pessoais e sociais. Em 1313,

<sup>79</sup> Mêncio (孟子, *Mèngzǐ*): discípulo de Confúcio que viveu durante o Período dos Estados Combatentes.

<sup>80</sup> 四書章句集注 (*Sì shū zhāngjù jízhù*), "Interlinear analysis of and collected commentaries on the Four Books", shortly called *Sishujizhu* 四書集注, is a collection of fundamental commentaries on the Four Books (*Sishu* 四書) compiled by the great Neo-Confucian master Zhu Xi 朱熹 (1130-1200). *ChinaKnowledge.de - An Encyclopaedia on Chinese History, Literature and Art.* (TdA)

um decreto real faz com que as anotações e comentários de Zhu sobre os “Quatro Livros” tornem estes mais importantes que os “Cinco Clássicos”. A partir dessa altura os Quatro Livros passaram a ser os manuais para os exames de estado.

Os “Quatro Livros” são organizados de acordo com o seu tamanho e dificuldade. O primeiro é o livro da “Grande Aprendizagem”, pois é o mais pequeno de todos e o mais acessível. Em segundo e terceiro lugar ficam o livro “Doutrina do Meio” e os “Analectos de Confúcio”. O livro mais longo e menos acessível é o livro de Mêncio.

O livro “Grande Aprendizagem” a tradução literal de daxue (大学 *dàxué*), significa que para se ser grande é necessário aprender. Segundo a história, este livro foi escrito por um discípulo de Confúcio, Zheng Shen (505-432 a.C.). Neste livro, o autor pretende ensinar o indivíduo a seguir “o Grande Caminho”, explicando também como se pode governar bem o mundo, não utilizando armas, violência, nem infringindo as leis. Explica que tudo pode ser alcançado através da força das virtudes morais, e, portanto, só estas devem ser cultivadas e bem tratadas. O livro contém oito passos que o indivíduo deve seguir, ou seja, estudar, aprender e praticar de modo a alcançar e enriquecer os seus carácter, o coração e a mente.

A “Doutrina do Meio” (中庸 *zhōngyōng*) teria sido compilada por um descendente de Confúcio. Foi escrita durante o século V a.C. e terá sido reeditada durante as Dinastias Qin e Han. Este documento terá sido o primeiro documento confucionista a tratar a ideia dos Cinco Elementos. A Doutrina do Meio caracteriza-se pela escolha de cultivar o carácter e, por conseguinte, tornar-se um *sage*. Este caminho escolhido nomeia-se de Caminho do Meio, um caminho centrado na harmonia e sinceridade. Esta sinceridade (誠 *chéng*), ajuda as pessoas a desenvolver a sua natureza e a ampliarem o seu pensamento. Aquele que é sábio será sincero e poderá formar uma “tríade” com o Céu e a Terra.



Figura 9 - 中庸是什么意思 (Zhōngyōng shì shénme yìsi)? O que significa a Doutrina do Meio?

Os Analectos (论语 *lúnyǔ*) é um conjunto de textos que retratam os diálogos e conversas que Confúcio mantinha com os seus discípulos.

*O Lun Yu contém as respostas dadas pelo Mestre Kong aos seus discípulos e contemporâneos, e as discussões entre os discípulos ou as palavras que ouviram do Mestre. Naquela época, cada discípulo tinha os seus próprios registros, de modo que quando o Mestre morreu, os seus seguidores juntaram as suas anotações para fazer uma compilação, assim chamada Lun Yu. (Han Shu, 1997: 1717)<sup>81</sup>.*

Tal facto tornou este livro como a fonte mais fiável, quer para os ensinamentos do Confucionismo, quer para as informações da própria vida de Confúcio. Segundo o japonês Yamashita Toraji, terá sido o próprio neto de Confúcio, Zisi (子思 *zǐsī*) a compilar o livro. Facto que vem contraria a opinião do chinês Yang Bojun, que afirma que terá sido o aluno mais novo de Confúcio (曾子 *Zéngzi*) a compilá-lo.

Embora os Analectos sejam considerados a mais fiel das fontes dos ensinamentos confucionistas, é preciso ter em atenção que existiram várias alterações nos seus capítulos ao longo dos séculos. Segundo Arthur Waley (tradução dos Analectos 1938), os termos usados nas suas traduções são baseados em sentido convencional, e as ideias provêm dos ditos. “Eu uso o termo «Confúcio» ao longo deste livro num sentido convencional, que significa os primeiros Confucianos primitivos cujas ideias são incorporadas nos ditos”<sup>82</sup>

O quarto e último livro é o Livro de Mêncio (孟子 *mèngzǐ*). Possivelmente escrito pelos seus discípulos. Mêncio foi um discípulo de Confúcio que viveu durante o período dos Reinos Combatentes. O livro de Mêncio não foi creditado como um dos clássicos confucionistas até à Dinastia Song, quando os neo-confucionistas viram as ideias de Mêncio como algo ortodoxas e desde então passou a fazer parte dos clássicos. O livro é composto por sete partes, onde cada uma é subdividida em duas. O seu conteúdo retrata as ideias e as interpretações de Mêncio sobre o Confucionismo. Segundo Mêncio, todos

---

<sup>81</sup> Yao, 2000: 61; “The Lun Yu contains the replies made by Master Kong to his disciples and contemporaries, and the discussions between the disciples or the words that they heard from the Master. At that time each disciple held his own records, so that when the Master died, his followers put their notes together to make a compilation, thus called the Lun Yu. (Han Shu, 1997: 1717)”. (TdA)

<sup>82</sup> Waley, 1938: 21; “I use the term “Confucius” throughout this book in a conventional sense, simply meaning the particular early Confucians whose ideas are embodied in the sayings”. (TdA)

os seres humanos podiam tornar-se sábios, criando uma unidade com o Céu, e a bondade era algo inata.

Para além dos Cinco Clássicos e dos Quatro Livros, ainda existem documentos importantes que têm influência na doutrina confucionista. Dois deles são o “Livro da Música” e o “Clássico da Piedade Filial”, que, apesar de não fazerem parte dos clássicos, também detêm informação valiosa sobre o Confucionismo.

## **2.3. Confucionismo como vertente filosófica**

### **2.3.1 A Filosofia do ponto de vista chinês**

No ponto de vista da civilização chinesa, a filosofia tem um papel tão importante como a religião do ponto de vista dos ocidentais. Ao longo dos séculos, a Filosofia era parte da educação de um indivíduo. Desde crianças que os chineses educados tinham de compreender e decorar os Quatro Clássicos. Desde tenra idade, começavam o processo de memorização de caracteres; para auxiliar, existia um clássico de três caracteres. Este livro fornecia a primeira lição sobre a filosofia confuciana e consistia em frases com três caracteres que rimavam entre si para facilitar a memorização.

Segundo o escritor chinês Feng Yulan, a filosofia é todo aquele pensamento reflexivo que se fazem sobre a vida.

*Enquanto a mim, chamo «filosofia» ao pensamento sistemático e reflexivo sobre a vida. Toda a pessoa está imersa na vida. Mas não são muitos os indivíduos que pensam refletidamente sobre a vida e ainda são menos os que reflexionam sistematicamente. Um filósofo tem de filosofar; quer dizer, tem que pensar reflexivamente sobre a vida e depois expressar as suas ideias de forma sistemática<sup>83</sup>.*

---

<sup>83</sup> Feng, 1989:16; “En cuanto a mí, llamo «filosofía» al pensamiento sistemático y reflexivo sobre la vida. Toda persona está inmersa y la vida. Pero no son muchos los indicios que piensan reflexivamente sobre la vida, e son menos los que reflexionan sistemáticamente. Un filósofo tiene que filosofar; es decir, tiene que pensar reflexivamente sobre la vida, y luego expresar sus ideas en forma sistemática.” (TdA)

No ponto de vista de Feng, refletir é vida, todas as teorias existem realmente porque existe vida. Ao contrário dos filósofos ocidentais, que afirmam que antes de pensar sobre algum conceito devemos pensar sobre o pensamento. Feng declara que este modo de pensamento é um ciclo sem fim, pois não possuímos outra capacidade para refletir sobre aquilo que nos rodeia, senão o pensamento.

Na opinião de Feng, os chineses, tal como os outros seres humanos, procuram algo divino, para além do normal, a que se possam aderir. Está na natureza do ser humano, acreditar que existe algo para além do mundano. Contudo, essa procura pelo divino, pelo sobrenatural, é diferente na sociedade chinesa. Para os chineses, a filosofia ocupou sempre um lugar acima da religião. Em vez de religiosos, os chineses são filósofos. Através da Filosofia, os chineses conseguem preencher o vazio deixado pela cessante procura de algo divino, celeste, que dê respostas aos problemas mundanos. No ponto de vista chinês, a filosofia ajuda a apreciar, expressar e experimentar os valores morais.

Segundo a tradição chinesa, a filosofia não tem como função fornecer o conhecimento necessário sobre a vida real, sobre a realidade. A função da Filosofia é apenas ajudar a elevar a mente, a pensar para além do mundo concreto. Na filosofia chinesa, existe uma grande dissemelhança entre a aprendizagem e o Caminho (道 *dào*), a função da aprendizagem consiste apenas na aquisição do conhecimento referente à realidade da vida, enquanto que, o seguimento do Caminho consiste no esforço para elevar a mente. Segundo Feng, a filosofia está inserida neste último.

A grande questão da filosofia chinesa é a realização pessoal. Este conceito está sujeito a uma grande variedade de significados, tudo dependente de aspirações, desejos e gostos de um indivíduo. Por isso, o processo para alcançar a realização pessoal, também se vai diferenciar de indivíduo para indivíduo. Contudo, ainda existe algo para além da realização pessoal, uma realização que está muito acima do pessoal. Esta realização, segundo os filósofos chineses, alcança-se quando um indivíduo se torna um sábio e, por conseguinte, o objetivo de um sábio é identificar-se com o universo. Na filosofia chinesa, para alcançar esta unificação com o universo, existem dois métodos:

- a) Metafísica: este método era usado pelos budistas e taoistas (na Filosofia Oriental) e por Platão (na Filosofia Ocidental). O seu conceito baseava-se no facto de que um sábio dever abandonar a sociedade de modo a poder desligar-se da dimensão puramente material. A vida está cheia de valores supérfluos ligados com o

mundo material, devendo arranjar-se um modo de escapar desse mundo. Segundo algumas filosofias, um modo para escapar era a morte.

*O Buda disse que a vida em si é a raiz e a fonte da miséria da vida. Num ponto de vista similar, Platão disse que o corpo é a prisão da alma (...). Todas estas ideias expressam o ponto de vista que aspira à fuga da rede do mundo corrompido pela matéria; e, por conseguinte, para que a mais alta meta de um sábio se chegue a realizar, o sábio tem de abandonar a sociedade e inclusive a mesmíssima vida.*<sup>84</sup>

- b) Não-metafísica: este método utilizado na filosofia de Confúcio baseia-se essencialmente nos valores morais, nas relações humanas e nos assuntos mundanos. Está mais ligado com a vida terrena e com a realidade presente no mundo. Nos Analectos encontra-se uma referência ao pouco interesse que Confúcio tinha sobre a morte. “Sem saber sobre a vida, como é possível saber sobre a morte.”<sup>85</sup>

Apesar de muitos considerarem a filosofia chinesa principalmente não- metafísica, Feng contraria essa ideia afirmando que é “Ao mesmo tempo deste mundo e do outro mundo.”<sup>86</sup> Segundo Feng, as teorias não-metafísica e metafísica podem estar impregnadas num indivíduo, sendo que esse indivíduo é o sábio. Este sábio tem a capacidade de estar ligado ao mundo mundano e ao espiritual, podendo, portanto, ajudar nas questões relacionadas com a vida cotidiana e com as relações humanas. O verdadeiro papel da filosofia chinesa está, portanto, na capacidade de tornar um indivíduo, sábio, e no cultivo de valores e morais.

---

<sup>84</sup> Feng, 1989:22; “El Buda dijo que la vida en si es la raíz y la fuente de la miseria de la vida. En un sentido similar, Platón dijo que el cuerpo es la prisión del alma. (...) Todas estas ideas expresan el punto de vista que aspira al escape de la red del mundo corrompido por la materia; y, por consiguiente, para que la más alta meta de un sabio llegue a realizarse, el sabio tiene que abandonar la sociedad e incluso la vida misma.”

<sup>85</sup> Cai, 1994: 11, 11; “未知生，焉知死。”。(Wèizhī shēng, yān zhī sǐ)

<sup>86</sup> Feng, 1989:23; “Es de este mundo y del otro mundo al mismo tiempo.”

## 2.3.2 A doutrina de Confúcio

Quando se fala na filosofia confucionista é importante retratar o humanismo<sup>87</sup> desta. O movimento humanista<sup>88</sup> fez parte desta filosofia desde o Confucionismo primitivo do seu fundador até o Neo-confucionismo de Zhu Xi (朱熹 *zhū xī*)<sup>89</sup>. A célebre frase de Confúcio:

*O homem pode expandir o caminho. O caminho não pode expandir o homem”,<sup>90</sup> Influenciou o pensamento do povo chinês moralmente e espiritualmente. O facto de Confúcio ter sido um humanista, não influenciou a sua crença na religião. Ele era um reformador que procurava ajudar e guiar aqueles que acudiam em busca do seu auxílio, no entanto, também era um conformista que procurava preservar a cultura dos antigos. “Relacionar e não inventar, acreditar e ser devoto da antiguidade. Permitam-me comparar com Lao Peng<sup>91,92</sup>.*

A importância dos sacrifícios e da vontade do Céu também estava presente na filosofia de Confúcio. Porém, ele punha o bem-estar dos homens acima da religião. Numa conversa com o seu discípulo Zi Lu (子路 *zì lù*, 542-480 a.C.) o mestre revela a sua pouca vontade em pensar o sobrenatural: “Zi Lu perguntou sobre o serviço aos espíritos e aos deuses. Confúcio respondeu: incapaz de servir aos vivos, como é possível servir aos espíritos? Zi Lu perguntou pela morte. Confúcio respondeu: sem saber sobre a vida como é possível saber sobre a morte?”<sup>93</sup> Este diálogo permitiu observar que Confúcio não vivia para pregar sobre a religião, não era nenhum sacerdote cujo objetivo seria a propaganda religiosa. A única preocupação de Confúcio era o Homem.

---

<sup>87</sup> “Humanismo é a filosofia moral que coloca os humanos como principais, numa escala de importância, no centro do mundo. É uma perspetiva comum a uma grande variedade de posturas éticas que atribuem a maior importância à dignidade, aspirações e capacidades humanas, particularmente a racionalidade. Embora a palavra possa ter diversos sentidos, o significado filosófico essencial destaca-se por contraposição ao apelo ao sobrenatural ou a uma autoridade superior.” in Wikipédia

<sup>88</sup> Chan, 1954:65.

<sup>89</sup> Zhu xi (1130-1200 d.C.) um famoso neo-confucionista da dinastia Song.

<sup>90</sup> Cai, 1994: 15, 29; “人能弘道，非道弘人。” (Rén néng hóngdào, fēi dào hóng rén)

<sup>91</sup> Oficial da dinastia Shang, que possuía um grande respeito pela antiguidade.

<sup>92</sup> Cai, 1994: 7, 1; “述而不作，信而好古，竊比於我老彭” (Shù ér bùzuò, xìn ér hào gǔ, qiè bǐ yú wǒ lǎo péng)

<sup>93</sup> *Idem*: 11, 11; “季路問事鬼神，子曰：未能事人，焉能事鬼，敢問死，曰，未知生，焉知死。” (Jì lù wèn shì guǐshén, zǐ rì: Wèi néng shì rén, yān néng shì guǐ, gǎn wèn sǐ, rì, wèi zhī shēng, yān zhī sǐ)

Como se referiu no início deste capítulo, a época na qual Confúcio viveu sofria de problemas sociais como a corrupção e guerras territoriais. A solução proposta pelo filósofo para trazer paz partia do restabelecimento do carácter ou da virtude das classes mais importantes. Ele acreditava que a virtude restaurada nas classes mais altas iria mais tarde influenciar o resto do povo chinês. Esta virtude viria a ser reintegrada com a ajuda do Céu. Era o Céu que permitia que a virtude vigorizasse contra o domínio do apenas físico. O aperfeiçoamento da moral daqueles que detinham o poder, também viria contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade. Este aperfeiçoamento apenas seria possível se a sociedade onde o indivíduo estava inserido fosse estável. As famílias deveriam encorajar os jovens a educar-se e os líderes deveriam possuir um carácter benévolo. A base para uma sociedade perfeita partia de um governo constituído por “homens virtuosos”<sup>94</sup>. Estes foram os motivos que levaram Confúcio a direccionar a sua doutrina para os líderes dos governos ou estudantes cujo objectivo era tornarem-se em líderes. A doutrina de Confúcio exercia força principalmente na educação moral.

Nos ensinamentos de Confúcio, existiam dez virtudes máximas. Estas eram consideradas de extrema importância para a transformação de um indivíduo comum num indivíduo virtuoso. Essas virtudes eram: bondade; benevolência; tolerância, amor e o respeito pela natureza; amor e o respeito pelos pais e pelos antepassados; respeito pelos mais velhos; respeito pela ordem social; respeito pela ordem política; respeito pela ordem religiosa e o respeito pela harmonia. A base destes ensinamentos tinha como objetivo a restauração da cultura e da sabedoria dos antigos sábios da China.

#### **2.3.4. Mêncio**

Como Confúcio foi mais um professor do que um filósofo, Mêncio (孟子 *mèngzi*) (372-289 a.C.) é considerado o primeiro filósofo confucionista e o primeiro a deixar um registo escrito. O seu nome verdadeiro é Meng ke (孟軻 *mèngkē*), contudo era também conhecido por Mengzi ou mestre Meng. Foi o segundo pensador, após Confúcio, a ter um nome latim dado pelos jesuítas. Nasceu um século depois da morte do mestre e foi discípulo do neto deste último. Mêncio tornou-se conselheiro de distintos governantes, porem nenhum realizou as suas ideias. Os seus diálogos estão gravados num livro

---

<sup>94</sup> Adler, 2002:32.

chamado Mêncio, como foi referido no ponto sobre os Clássicos do Confucionismo. Os principais temas estudados por Mêncio foram: a governação humana (仁政 *rénzhèng*) e a natureza humana (人性 *rénxìng*).

A governação humana de Mêncio refere-se à maior responsabilidade que um governante tem. Essa responsabilidade consiste em certificar-se de que o povo tenha todos os bens necessários para a sua sobrevivência. O governante também deve tratar os seus súbditos como trataria a si próprio, ou seja, eles deveriam usufruir o que o próprio governante usufruiu. Desde modo, o povo pode retribuir este gesto participando no exército e cultivando-se moralmente. Esta ideia baseia-se na ideia de Confúcio que a confiança supera a força. Mêncio fez distinção entre “os métodos de um déspota e os do verdadeiro rei”<sup>95</sup>. O rei tirano, como eram a maioria dos governantes dos estados combatentes, detinham um poder superficial. O verdadeiro rei, sábio, não dava apenas valor aos bens materiais.

Como o ser humano, segundo Mêncio, se sente naturalmente atraído pelo bem, deve-se governar através da virtude moral, pois esta exerce um “efeito agradável e revigorante sobre a natureza boa inata dos homens”. Esta natureza inata boa ajuda no autoaperfeiçoamento que fundamenta o ser humano no cosmos. Mostrando uma dimensão mística existente no pensamento de Mêncio, segundo Adler esta é “um sentimento de identidade com o cosmo que concretiza plenamente a nossa natureza moral que nos foi concedida pelo Céu: isto revela a dimensão religiosa do pensamento confucionista – uma dimensão religiosa que apenas se realiza no universo concreto da atividade social.”<sup>96</sup>

Na ideologia de Mêncio, a natureza humana boa do homem era inata, a moralidade era natural e única dos seres humanos. Numa das suas tentativas de demonstrar que o sentimento de compaixão e de distinção o certo do errado é inato no ser humano, dando o exemplo de uma situação onde uma criança caiu a um poço e onde todos os sentem na necessidade de a ajudar, não por esperar uma recompensa, mas pelo sentimento de compaixão. Segundo Mêncio, aquele que não possuísse este sentimento não seria humano, aquele que não soubesse distinguir o bem o e mal, não era humano.

Mêncio criou uma teoria a que chamou de “quatro princípios”; esta teoria consistia em que existiam quatro moralidades inatas: humanismo/bondade (仁 *rén*), justiça e

---

<sup>95</sup> *Idem*: 38.

<sup>96</sup> *Idem*.

gratidão (义 *yì*), ritual (礼 *lǐ*) e inteligência/sabedoria (智 *zhì*). Contudo, como se tratavam apenas de princípios era necessário cultivar a moral a fim de fortalecer estas virtudes para se tornarem plenas de humanidade, rectidão, correção ritual e sabedoria. Esta teoria veio corroborar outra onde a bondade da natureza humana é uma bondade potencial. Isto significa que tal natureza poderia estar em constante mudança. Esta capacidade de mudança distingue o ser humano do resto dos animais. Na questão do motivo por existir pessoas cruéis, Mêncio respondeu que a bondade vem junto com o pensamento, quem não pensa fica apenas com a maldade. Segundo Mêncio, todo o indivíduo tem a capacidade de se tornar moralmente bom, porém essa capacidade requer o cultivo da moral, modelos morais. Portanto o ambiente onde o indivíduo cresce e se cultiva é muito importante.

### **2.3.5. Xunzi**

Um outro famoso pensador confucionista foi Xunzi (荀子 *Xúnzi*). Xunzi nasceu alguns anos após a morte de Mêncio. Tornou-se conhecido devido à sua teoria de que a “natureza humana é perversa” contraditória à teoria da natureza boa inata de Mêncio. O confronto entre as duas teorias deve-se mais propriamente à definição de natureza, que era diferente para Xunzi. Segundo Xunzi “um traço que carece de ser cultivado não pode ser a natureza de uma coisa”<sup>97</sup>, para ser considerado natureza deve ser espontâneo e sem qualquer formação. Assim sendo, defende que a natureza que refere Mêncio é sim o potencial moral, que é inato no Homem.

Xunzi defendia que todos poderiam tornar-se sábios, contudo, era uma tarefa muito dificultosa e não dependia da autorreflexão. Era necessário a influência de sábios mais velhos e a influência dos rituais. Enquanto para Mêncio tornar-se sábio requeria o aperfeiçoamento, para Xunzi era tudo uma questão de transformação. Xunzi não concordava com a ideologia confucionista de que o Céu possuía vontade moral, acreditava sim que o Céu pertencia ao mundo natural, logo carecia de carácter moral. Para este pensador, o Homem deveria concentrar-se no plano humano e social; evidentemente qualquer bem que pudesse vir era apenas resultado dos atos humanos. Esta ideia mais lógica sobre o confucionismo era diferente da ideia criada pelo próprio Confúcio.

---

<sup>97</sup> Adler, 2002:42.

## 2.4. Confucionismo uma religião?

Ao começar a analisar e estudar o confucionismo, os pesquisadores ocidentais trataram de encaixá-lo numa das categorias tradicionais, como a Religião e a Filosofia. Porém, nenhuma destas consegue abranger o Confucionismo, pois este pode sempre navegar entre as duas categorias, dependendo do estudioso que o analisa.

## 2.5. As antigas tradições

Nos tempos antigos antes de Confúcio, o povo chinês venerava um único Divino, este que tinha o nome de Tian (天 *tiān*) ou Shangdi (上帝 *shàngdì*) era considerado o senhor do Céu e da Terra, e quem orientava o homem. Na terra, o governante (天子 *tiānzǐ*) detinham o Mandato (天命 *tiānmìng*), e com ele teriam de orientar o povo.

Nas várias canções de origem popular, era visível a importância do respeito e da dignidade familiar. Esta dignidade concentrava-se na fidelidade eterna e no amor dos cônjuges, imortalizada nas canções. Naquela época, a mulher não era considerada uma serva ou uma empregada como em muitas outras civilizações. A mulher era considerada uma companheira venerada pelo homem, para a vida terrena e para o outro mundo. O amor familiar era tão importante que muitos primos se tratavam por “irmão” e muitos que tinham o mesmo apelido se tratavam como “parentes”. Desta forma, toda a sociedade era considerada como uma grande família.

## 2.6. Aspectos religiosos do “Céu” (天 *tiān*)

A fim de compreender melhor o aspecto religioso do Confucionismo, é necessário ter como modelo uma definição de religião. Quando Adler cita Frederick Streng refere que este foi um dos estudiosos que próprios uma definição de religião mais exata e profícua. Para Streng, religião é um meio de “transformação fundamental”, e com fundamental significa que “o objetivo da vida religiosa se define em termos do que quer

que seja que a tradição em questão crê ser absoluto ou incondicional.”<sup>100</sup> No Confucionismo, tornar-se um sábio deveria ser o objetivo de um indivíduo; segundo Mêncio: “Desenvolver por completo a nossa mente é conhecer a nossa própria natureza. Conhecer a nossa própria natureza é conhecer o Céu. Servimos o Céu preservando a nossa mente e alimentando a nossa natureza. (7<sup>a</sup>:1)”<sup>101</sup>

Para o Confucionismo, o Céu é o símbolo da fundamentalidade, do absoluto. Quando se entra no processo de autoconhecimento, entra-se no processo de conhecer o Céu, pois é o Céu que confere a bondade à natureza humana. “Confúcio disse: A minha virtude provém do Céu.”<sup>102</sup> Para Adler a autorrealização é a realização do “potencial moral do cosmo” que apenas o ser humano consegue realizar. Existe uma passagem de um antigo escrito confucionista, chamado *Centralidade e Comunidade*, que corrobora essa opinião:

*Somente aquele que no mundo se revela mais perfeitamente autêntico. Consegue desenvolver por completo a sua natureza. Sendo capaz de desenvolver por completo a sua natureza, é capaz de desenvolver por completo a natureza de outros seres humanos, e, sendo capaz de desenvolver por completo a natureza de outros seres humanos, é capaz de desenvolver por completo a natureza de outros seres vivos. Sendo capaz de desenvolver por completo a natureza de outros seres vivos, pode auxiliar as forças transformadoras e sustentadoras do Céu e da Terra; sendo capaz de auxiliar as forças transformadoras e sustentadoras do Céu e da Terra, pode formar uma tríade com o Céu e a Terra.*<sup>103</sup>

## 2.7. O culto a Confúcio

A principal fonte de adoração a Confúcio era feita pelos estudiosos e pelas suas escolas. Este culto desenvolveu-se para homenagear aquele que tinha sido a fonte de toda a cultura e sabedoria dos chineses. Este culto baseava-se em erguer templos e proceder sacrifícios tendo em memória o sábio. Tal como era prestada uma homenagem ao grande

---

<sup>100</sup> Apud Adler, 2002:41.

<sup>101</sup> Apud idem.

<sup>102</sup> Cai, 1994: 7,23; “子曰，天生德於予。” (Zi yuē, tiānshēng dé yú yǔ).

<sup>103</sup> Idem:42.

sábio, também muitos dos seus discípulos foram homenageados, pois contribuíram para uma difusão da cultura e da moralidade.

O primeiro culto a Confúcio (fora o culto realizado pela sua família) iniciou-se no período do Imperador Gaozu (高祖 *Gāozǔ*: tempo de reinado 206-195 a.C.) durante a Dinastia Han. Anos mais tarde, nessa mesma dinastia, foi decretado um culto regular organizado pelas escolas. Este acontecimento elevou Confúcio a patrono divinizado dos estudantes. Contudo os primeiros templos erguidos em seu nome foram construídos apenas durante a Dinastia Liang (梁 *Liáng* 502 – 557), onde todos os anos ocorriam sacrifícios em honra do mestre. Estes sacrifícios foram realizados duas vezes por ano durante a Dinastia Qi (齐 *qí* 550-577). Mais tarde, no período do Imperador Tai Zong (太宗 *Tàizōng* 626-649), foram construídos templo de Confúcio em todos os distritos e adicionadas tabuas que continham o nome de outras pessoas notáveis. Esses templos tornaram-se, então, os “Salões de Fama”.<sup>104</sup>

Este culto a Confúcio era muito semelhante ao culto que o povo chinês realizava para com as divindades. Assim, havia quem considerasse Confúcio como um Deus. Esta tendência em tornar o Grande Mestre como numa divindade era motivo para um perseverante conflito entre os estudiosos. Segundo Smith, na época dos jesuítas:

*Matteo Ricci acreditava e dizia que a veneração prestada a Confúcio não era diferente da prestada aos antepassados, e nos seus Commentari ele afirma que não havia ali sinais de idolatria e nenhuma superstição. A reverência prestada a Confúcio não passava de um reconhecimento dele como um grande homem. Isto, contudo, não era a opinião do papa Clemente XI e da Congregação Romana dos Ritos que proibiram aos funcionários chineses actos rituais em honra de Confúcio.*<sup>105</sup>

No final, este culto encorajado pelo próprio estado chinês, não passava de um modo de educar a moralidade do povo, com o objetivo de este poder sustentar e apoiar o poder do governo imperial.

---

<sup>104</sup> Smith 1971:196. Em chinês, 十三碑亭, “treze pavilhões de estelas”, são treze salões no Templo do Confúcio em Qufu, Shangdong, onde estão guardadas mais que cinquenta inscrições dos imperadores das diversas dinastias em elogio ao Mestre. (NdA)

<sup>105</sup> *Idem*: 196.

## 2.8. Confucionismo: Religião ou Filosofia

Uns dos temas mais controversos do Confucionismo presente na sociedade ocidental é a designação deste como uma religião ou como uma filosofia. Ao longo das décadas do século XX, discutiu-se o facto da corrente confucionista não deter muitas das características para se categorizar como uma Religião. Os seus textos nunca foram considerados “revelações” como a Bíblia; nunca teve rituais de iniciação como muitas das outras religiões; não possui respostas ou teorias para a vida depois da morte; não possui clero. Para Adler, o Confucionismo nunca desenvolveu um clero, pois não tinha essa necessidade, eram os próprios estudiosos que realizavam os ritos. Também nunca existiu a criação de um credo, pois sempre existiu uma “liberdade da crença individual”.<sup>106</sup> Não acreditavam que deveriam voltar-se para algum deus salvador na altura da desgraça ou do pecado. Contudo, se a definição de Religião fosse o facto de o homem procurar-se identificar com um ser superior espiritualmente, então sim, o Confucionismo poderia ser considerado como uma religião.

Segundo Simth:

*(...) os ensinamentos sublimes de Confúcio se fundavam em religião: num profundo respeito pelas práticas do culto através das quais os nomes dos antepassados e de outros poderes espirituais eram adorados e honrado, e também num conceito dominante dos «Caminhos do céu» onde o céu (t`ien) se concebia como uma divindade suprema cujos «caminhos» regulavam a vida e as relações dos homens.<sup>107</sup>*

Por outro lado, do ponto de vista de Chan, a filosofia oriental é “profundamente religiosa”<sup>108</sup>, pois declara repetidamente a intimidade entre o Homem e a realidade. O facto de o Homem ser o “eu” pequeno que está dentro de um “eu” maior é uma constante

---

<sup>106</sup> Smith 1971:196.

<sup>107</sup> *Idem*: 56.

<sup>108</sup> Chan, 1954:27.

na filosofia do Oriente. Este motivo levou a um desenvolvimento paralelo entre a religião e a filosofia confucionista.

*Este fenómeno extraordinário, o facto de que algumas das religiões do mundo mais intensas ter surgido de filosofias não-religiosas, pode parecer estranho à primeira vista. Mas não é, porque um tal desenvolvimento não foi apenas uma necessidade social e psicológica, mas também da necessidade filosófica. Todas as grandes filosofias do oriente coincidem com a crença de que o homem e a realidade têm uma essência comum. Existe uma relação natural entre o homem e o cosmos que ninguém pode deixar de notar.*<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> *Idem*: 28; “Este fenómeno extraordinario, el hecho de que algunas de las más intensas religiones del mundo hayan surgido de filosofías no religiosas, puede parecer extraño a primera vista. Pero no lo es, porque tal desarrollo era no solamente necesidad social y psicología, sino también necesidad filosófica. Todas las grandes filosofías del oriente coinciden en la creencia de que el hombre y la realidad poseen una esencia común. Que existe una relación natural entre el hombre y el cosmos que ninguno puede dejar de notar.” (TdA)

**CAPÍTULO III**  
**Comparação das duas doutrinas**



### 3.1. Ética e valores morais

Cada vez mais a atualidade mostra um mundo onde existe uma grande falta de ética e valores morais. Existem fortes manifestações de protesto, sobretudo a partir do grupo etário da terceira idade, focando que o mundo está a fugir dos valores morais, que não existe mais ética, quer no trabalho, quer na vida pessoal. Isto leva o ser humano a um sentimento de perda, de insegurança.

A ética, um dos ramos da filosofia, relaciona o que é moralmente correto com o que não é, o que é certo com tudo que é errado. Etimologicamente, ética e moral têm a mesma base, pois em grego “ethos” e em latim “moral”, têm o mesmo significado. Estes dois termos são entendidos como distintos apenas porque é normal ligar ética com algo mais público, isto é, com a parte mais visível da vida de um indivíduo, enquanto que a moral estará mais relacionada com aspetos privados.

Sabe-se que todas as civilizações estabelecem um conjunto de valores que ajudam na definição do bom e do mau; esta moral é ou deve ser importante para todos os membros da comunidade. Não existem valores morais que sejam importantes apenas para um único indivíduo e que não sejam compartilhados por mais ninguém da sociedade. Isto levou a que possam ter existido diferentes estruturas morais, em diferentes contextos históricos e diferentes geografias. Neste sentido, pode-se dizer que nem sempre houve a presença de uma ética, isto é, de uma reflexão onde eram discutidos e interpretados os valores morais. Como moral, tem-se a preocupação do indivíduo com a sua vida pessoal e social, do modo como age em diferentes situações, enquanto que a ética está mais relacionada com o estudo desta preocupação em agir dentro do contexto onde a ação se realiza.

*Quando falamos de ética, falamos sempre de uma fundamentação racional dos valores. Se na Filosofia greco-romana a ética, e a virtude, se definem por nossa relação com os outros cidadãos e com a polis (cidade), na Idade Média, virtuoso moralmente é quem cumpre a vontade de Deus. Por isso, pode-se dizer que na Idade Média predomina uma teologia moral, fundada na fé, na crença de que é Deus quem estabelece, e só ele, o que é bem e é mal. Enquanto isso, na modernidade, com mais direito se deve falar de ética, na medida em que se*

*procura fundamentar os valores, o bem e o mal, unicamente na razão humana, ou melhor, na experiência dos seres humanos livres em sociedade.*<sup>110</sup>

### **3.1.1. A ética na perspectiva de Kant**

Na perspectiva de Kant, o ser humano não possui uma bondade inata. É um ser egoísta, destrutivo, ambicioso, cruel e agressivo por natureza. Este pensamento levou Kant a acreditar que a ética é razão. O ser humano tem a necessidade do “dever” para assim se tornar um ser moral. Para se poder compreender a teoria da ética Kantiana é necessário perceber a distinção entre a “razão pura” e a “razão prática”; também a distinção entre a ação por necessidade/casualidade e a ação por liberdade/finalidade.

Ao longo dos tempos, todo o Homem possuiu o mesmo modo de praticar a atividade racional do conhecimento. Este facto tornou tanto a razão pura como a razão prática em dados universais, ou seja, todos os homens as possuem independentemente do local e do tempo onde vivem. Basicamente, a única diferença entre os dois tipos de razão encontra-se no objeto. A “razão pura” releva da teoria do conhecimento (gnoseologia), ou seja, como podemos conhecer, e a “razão prática” releva da ética, ou seja, como devemos agir, sobretudo ancorada no conceito de “imperativo categórico”.

Assim sendo, Kant deduziu três máximas morais que exprimem incondicionalidade dos atos realizados pelo dever:

- 1. Age como se a máxima de tua ação devesse ser erigida por tua vontade em lei universal da Natureza*
- 2. Age de tal maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca como um meio;*
- 3. Age como se a máxima de tua ação devesse servir de lei universal para todos os seres racionais.*<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> Assmann, 2006:80.

<sup>111</sup> *Apud* Cauf, 2000:444.

## **3.2. Os principais valores morais e éticos da religião cristã**

Os dez Mandamentos são os fundamentos da base ética do Judeu-cristianismo. Segundo Jesus, não basta acreditar nas suas palavras, mas sim segui-las por meio de ações. “«Se queres entrar na vida, observa os mandamentos», e acrescenta: «Vem e segue-me»”<sup>112</sup>

### **3.2.1. Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas**

Na Bíblia está escrita a seguinte afirmação: “Eu sou o senhor teu Deus”<sup>113</sup>. Esta afirmação compromete o fiel a seguir e praticar as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade). Com a virtude da Fé, o fiel deve crer em Deus acima de todas as coisas e rejeitar tudo o que lhe é contrário. Com a virtude da Esperança, o fiel evita cair em desespero por esperar alcançar a tão aguardada visão bem-aventurada de Deus. Com a virtude da Caridade, o fiel deve amar a Deus sobre todas as coisas e rejeitar qualquer sentimento ou emoção que desrespeite esse amor.

Com a Palavra do Senhor “Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto”,<sup>114</sup> o fiel deve honrar e adorar Deus como o Senhor de tudo o que existe e foi criado. Os fiéis devem prestar-lhe o culto apropriado quer individualmente quer em comunidade e, acima de tudo, devem fazer sacrifícios espirituais durante a vida em honra ao sacrifício feito por Cristo da cruz. Este culto consiste em rezas de louvor e ações de graças. Tal pode relacionar-se com a procura da verdade e da liberdade. Todo o ser humano tem o direito e o dever moral de se empenhar na busca da verdade, especialmente se com esta procura se aproxima de Deus e realiza um culto autêntico.

Quando Deus afirma “Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás a outros deuses diante de mim.”<sup>115</sup>, o Senhor quer com isto dizer que este mandamento proíbe o politeísmo e a idolatria. Também proíbe a superstição que permite os fiéis acreditar em adivinhação, magia, feitiçaria e espiritismo. E

---

<sup>112</sup> Mt 19, 16-21.

<sup>113</sup> Ex 20, 2.

<sup>114</sup> Mt 4, 10.

<sup>115</sup> Ex 20, 2-3.

principalmente proíbe o ateísmo, que nega a existência de Deus, e o agnosticismo, que trata com indiferença Deus.

### **3.2.2. Não invocar o Santo Nome de Deus em vão**

Este mandamento leva os fiéis a respeitar a Santidade do Nome de Deus (ou seja, a sua diferença). Os fiéis devem evitar a todo o custo usar o Santo Nome de Deus com o fim de justificar um crime, ou ainda pior, usar o Seu nome blasfemando, sendo isto considerado um pecado muito grave. O nome de Deus deve ser invocado, bendito, louvado e glorificado. Isto deve-se a que o nome de Deus, é a invocação da própria verdade, logo, nunca pode ser conjugado com uma mentira.

### **3.2.3. Santificar os Domingos e Festas Sagradas**

Na Bíblia, precisamente na parte do êxodo, está escrito que Deus “abençoou o dia de Sábado e o declarou sagrado”; isto aconteceu porque o Sábado foi o dia em que Deus repousou após da criação do mundo. Todavia, segundo Marcus, sabe-se que Jesus, em certa medida, desmitificou o Sábado. “O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado”.<sup>116</sup>

Apesar dos Judeus considerarem o dia de Sábado santificado, os fiéis cristãos mudaram esse dia para Domingo. A sua justificação deve-se ao facto da ressurreição de Cristo ter ocorrido a um Domingo. Assim sendo, Domingo, foi considerado como “o primeiro dia da semana”. O modo como os cristãos santificam o Domingo, compreende atividades relacionadas com as necessidades familiares ou comunitárias, a participar na Eucaristia do Senhor, e, por ultimo, dar descanso à mente e ao corpo. Para que todos possam realizar as atividades necessárias a fim de santificar o Domingo, é necessário considerar este dia como um dia festivo, onde apenas é permitido o cuidado da vida religiosa, familiar, cultural e social.

---

<sup>116</sup> Mc 2, 27.

### **3.2.4. Honrar pai e mãe**

Quando um homem e uma mulher contraem matrimónio e tem descendência, estão a construir uma família. A família foi instituída por Deus. É no ceio da família que se estabelecem as primeiras relações pessoais e onde se aprende os princípios e os valores primários. A vida em família deve preparar um indivíduo para uma vida em sociedade. Para uma família viver em harmonia, é necessário que os filhos respeitem, reconheçam e obedeçam os pais (piedade filial, até certo ponto semelhante ao confucionismo). Este comportamento também ajuda na construção de uma boa relação entre irmãos e irmãs. Quando os pais se encontram numa situação de velhice, doença ou solidão, os filhos adultos têm o dever de os ajudar quer moralmente, quer materialmente.

Embora os filhos tenham deveres para com os pais, o mesmo acontece na direção oposta, os pais também têm deveres para com os filhos. Uma das principais missões dos pais é a educação daqueles dentro da fé cristã, pois são os primeiros anunciadores da fé. Um pai deve também amar e respeitar o filho, não apenas porque é seu filho, mas sim porque é uma pessoa e um filho de Deus. A ajuda deve ser não apenas a nível material, se isso for possível, mas principalmente a nível espiritual.

Contudo, embora os laços familiares sejam importantes, não são um bem absoluto, portanto um pai não pode amar mais o filho do que ama o próprio Cristo, nem um filho pode amar mais o pai do que ama Cristo. “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; quem ama a filha ou o filho mais do que a Mim não é digno de Mim”<sup>117</sup>.

### **3.2.5. Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo)**

Todos os seres humanos devem respeitar a vida, pois segundo Deus esta é sagrada. Nos inícios dos tempos Deus criou a vida e manteve sempre uma relação especial com ela. Este facto leva a que a destruição de uma vida humana inocente seja vista como um pecado muito grave aos olhos de Deus. Matar é ir contra a dignidade humana e, principalmente, contra os ensinamentos de Cristo. Aquando da Criação o próprio Deus

---

<sup>117</sup> Mt 10, 37.

diz: “De palavras de falsidade te afastarás, e não matarás o inocente e o justo, porque não justificarei o ímpio”<sup>118</sup>. Porém existe perdão para quem mata uma vida em legítima defesa; isto deve-se a que quando um indivíduo age em legítima defesa está a agir de acordo com o direito à própria vida ou à vida de quem defende. Contudo, quando se age em defesa de outro não se deve exercer mais violência do que aquela que é necessária.

Quando ocorre a morte de alguém, ao culpado deve-se aplicar uma pena. Esta pena é aplicada por uma autoridade legítima e tem como objetivo contrapesar a desordem que a culpa trouxe, preservar a ordem na sociedade e trazer a segurança aos membros desta. Também ajuda na busca de perdão por parte dos culpados.

O quinto mandamento proíbe homicídio voluntário ou a cooperação nele; o aborto direto, pois o ser humano desde a sua conceção deve ser respeitado e protegido; a eutanásia; o suicídio ou a cooperação nele, este ato é uma grande ofensa ao amor que Deus sente pelo Homem. Quando uma pessoa fica doente, é permitido o tratamento da doença com usos de paliativos que não contribuam para a morte, também é permitido a renúncia ao excesso de medicamentos quando os tratamentos não trazem resultados positivos para o doente.

### **3.2.6. Guardar castidade nas palavras e nas obras**

Quando Deus criou o homem e a mulher, criou-os com a mesma igualdade de dignidade pessoal, e neles introduziu a vocação ao amor e à comunhão. Contudo, compete a cada indivíduo aceitar ou não a sua identidade sexual.

Seja qual for a sexualidade de cada um, existe espaço para a castidade. É uma virtude moral, uma graça, um dom do Espírito Santo e de Deus. Esta castidade consiste no controlo ou domínio de si mesmo. Para este domínio concorre de uma educação integral e permanente que cresce ao longo das várias etapas de crescimento. Para se alcançar a castidade é necessário viver na graça de Deus, na ajuda dos sacramentos, na oração, no crescimento de si, na adaptação a diferentes situações, no exercício das virtudes morais, principalmente da temperança, que ajuda a que as paixões sejam guiadas pela razão.

---

<sup>118</sup> Ex 23, 7.

O chamamento da castidade ocorre de vários modos: o primeiro deles é na imitação de Cristo, um modelo de castidade; outro é levar a vida de forma casta, como conservar a virgindade, viver no celibato consagrado, entregando a Deus um coração indiviso; outro modo é o casamento, vivendo em castidade conjugal. Os pecados contra a castidade são vícios que provêm da luxúria: o adultério, a masturbação, a fornicação, a pornografia, a prostituição, a violação, os actos homossexuais. Quando estes pecados se cometem contra menores, tornam-se ainda mais graves pois age-se contra a integridade física e moral do menor.

### **3.2.7. Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo)**

Este mandamento está relacionado com a distribuição universal e a propriedade privada dos bens. Cada pessoa tem o direito ao respeito de si próprio e dos seus bens. A Igreja Cristã utiliza este mandamento para manter uma doutrina social, onde existe um dever do homem no trabalho, para ajudar a economia e a vida social e política da sociedade. Isto leva a que uma propriedade possa ser adquirida ou recebida de um modo justo, desde que também seja respeitado o destino universal dos bens, para a satisfação das necessidades fundamentais de todos os homens.

O sétimo mandamento proíbe o furto, que consiste no roubo de um bem alheio sem o consentimento do dono desse bem. Também proíbe as fraudes, os danos a propriedades privadas ou públicas. A usura, a corrupção e o abuso também são considerados um pecado que devem ser punidos.

### **3.2.8. Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo)**

Todo o ser humano é convocado a usar sinceridade e veracidade nas suas ações. Cada indivíduo tem o dever de procurar a verdade e viver segundo ela. Foi em Cristo que Deus manifestou a verdade, que trouxe à humanidade o “Espírito de verdade”<sup>119</sup>. Um bom

---

<sup>119</sup> Jo 14, 17.

fiel tem o dever de testemunhar a verdade evangélica em todos os campos da sua vida, quer no pessoal, quer na privada. Se assim for, é necessário inclusive sacrificar a própria vida em prol da verdade. Este ato em si já demonstra a verdade da fé.

O oitavo mandamento proíbe o falso testemunho, a mentira, o juízo temerário, a maledicência, a difamação, a calúnia, a adulação, a lisonja, basicamente todos os atos que podem prejudicar terceiros quando a verdade não é contada.

### **3.2.9. Guardar castidade nos pensamentos e desejos**

O nono mandamento consiste em resistir à luxúria carnal nos pensamentos e nos desejos. Esta luta contra a luxúria deve passar pela purificação do coração e da alma e também pela prática da virtude e da temperança. Como o mandamento, refere é proibido cultivar pensamentos e desejos relacionados com o sexto mandamento.

Para alcançar a pureza do coração, é necessário primeiramente a realização do batismo logo após a nascença. O batismo, um sacramento de Deus, ajuda o homem a lutar contra os desejos luxuriosos e também a alcançar a pureza através da virtude e do dom da castidade, da pureza da intenção, do domínio dos sentidos e da imaginação. A pureza exige o pudor, que preserva a intimidade da pessoa, manifesta a delicadeza da castidade e orienta a dignidade pessoal. Esta pureza afasta o erotismo e tudo aquilo que favorece a curiosidade mórbida. Os costumes numa sociedade ajudam à purificação do ambiente social.

### **3.2.10. Não cobiçar as coisas alheias**

Este mandamento é uma espécie de complemento do sétimo mandamento. Todo o ser humano tem o direito a possuir bens pessoais e o dever dos outros é o de não invejar, nem desdenhar esses bens. Num dos seus pregamentos, Jesus referiu que a pobreza levaria ao encontro de Deus, por isso os seus discípulos deveriam desprender-se das riquezas. “(...) pobres em espírito, porque deles é já o reino dos céus.”<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> Mt 5, 3.

### 3.3. A ética confucionista

A ética confucionista consiste em virtudes contidas nas Cinco Constantes (五常 *wǔcháng*). Este termo foi usado por estudiosos confucionistas durante a Dinastia Han. As cinco constantes são:

#### a. Ren – o humanismo

O humanismo é o pilar dos ensinamentos de Confúcio. A esta virtude essencial do homem, Confúcio deu o nome de Ren (仁 *rén*). Se esta virtude fosse posta em prática, o homem poderia viver em paz e harmonia na sociedade onde se integra. Ren (仁 *rén*) pode ser traduzido como humanismo, cortesia, bondade, benevolência. A regra de ouro consistia em que todos os seres humanos deveriam ser respeitados e amados.

*Quando Tzu Chang <sup>121</sup> perguntou a Confúcio sobre benevolência. Confúcio disse, a capacidade de aplicar as cinco em toda a parte sob o Céu é benevolência. Quando lhe pediu que se estendesse, Confúcio disse, cortesia, tolerância, integridade, sagacidade e generosidade. Se fores Cortez, não te insultaram. Com tolerância há apoio do povo. Com integridade o povo confia as responsabilidades. Com sagacidade há mérito. Com generosidade o povo pode empregar-se voluntariamente.<sup>122</sup>*

#### b. Yi - justiça

A benevolência e a justiça eram duas virtudes a que Confúcio dava muito valor. “Justiça (义 *yì*)” é o dever, a atitude que se deve tomar para realizar uma ação moralmente correta. Cada indivíduo tem o seu papel na sociedade e com esse papel assume os seus deveres. Uma ação deixa de ser justa quando o motivo que a move não é moralmente correto. Ao longo dos seus ensinamentos, Confúcio, dá ênfase à

---

<sup>121</sup> Discípulo de Confúcio.

<sup>122</sup> Cai, 1994: 17, 6; “子張問仁於孔子，孔子曰，能行五者於天下，為仁矣，請問之，曰，恭，寬信，敏，惠，恭則不侮，寬則得眾，信則人任焉，敏則有功，惠則足以使人。” (Zi zhāng wèn rén yú kǒngzǐ, kǒngzǐ rì, néng xíng wǔ zhě yú tiānxià, wèi rén yǐ, qīngwèn zhī, rì, gōng, kuān xìn, mǐn, huì, gōng zé bù wǔ, kuān zé dé zhòng, xìn zé rén rèn yān, mǐnzé yǒugōng, huì zé zúyǐ shǐ rén).

diferença entre o termo “Justiça (义 yì)” e “Proveito (利 lì)”. “Confúcio disse: O homem de bem compreende a retidão, o homem mesquinho compreende os lucros.”<sup>123</sup>

Segundo Feng, na filosofia confuciana, “Justiça” é um conceito mais formal e “benevolência” uma ideia mais concreta. Como um conceito “mais formal” significa o dever dos indivíduos de cumprir o seu papel na sociedade. Como um conceito “mais concreto” relaciona o dever do indivíduo do amor para com os outros. Um pai deve amar e respeitar o seu filho, tal como um filho deve amar e respeitar o seu pai. Nos *Analectos* é possível observar o facto de Confúcio usar a palavra *Ren* para se referir a todas estas virtudes. Também se pode observar expressões como “homem de Ren”, que é um indivíduo que possuiu todas as virtudes.

### c. Li - rito

Em chinês li (禮 lì) pode significar rito, rituais ou moral. A importância dos rituais para a sociedade chinesa começou muitos antes de Confúcio. Já os sábios antigos deram valor aos rituais para o bom funcionamento da sociedade. Confúcio transmitiu essa importância existente na cultura antiga. Para o sábio, os rituais iam muito além de simples comportamentos formais, eram os códigos comportamentais de uma comunidade e não estavam presos a mandamentos religiosos. Segundo Hegel, era uma moralidade construída ao longo de vários séculos, onde o modelo de conduta tem uma função central.

Para o sábio, não eram os rituais em si que detinham a maior importância. Essa importância provinha da poesia e da música que estavam relacionadas com a conduta e as virtudes sociais do homem. Os benefícios dos ritos derivavam da sua ajuda na construção de um mundo harmonioso. Por isso, para Confúcio os rituais eram a fonte de conduta do povo e também do governante. “Confúcio disse: Se um homem não é benevolente, de que servem então os ritos? Se um homem não é benevolente, de que serve então a música?”<sup>124</sup>

Existem muitos poucos versos nos *Analectos* referentes aos ritos. Existem muitos mais referentes ao valor moral que rejeita a brutalidade, a vulgaridade, os maus tratos para com os outros. Os ritos não são apenas vénias e convecções habituais, são uma aprendizagem de respeito pelo próximo. “Confúcio disse: Governe com políticas,

---

<sup>123</sup> Cai, 1994: 4,16; “子曰，君子喻於義，小人喻於利。” (Zi rì, jūnzǐ yù yú yì, xiǎo rén yù yú lì).

<sup>124</sup> *Idem*: 3, 3; “子曰，人而不仁，如禮何，人而不仁，如樂何。” (Zi rì, rén ér bùrén, rú lǐ hé, rén ér bùrén, rú lè hé).

aplique disciplina com castigos, e o povo se reprimirá, mas sem um senso de vergonha. Governe com virtude, aplique disciplina com os ritos e haverá um sentido de vergonha e melhoras conscientes.”<sup>125</sup> Deste ponto de vista os rituais eram vistos como um modo de controlar a sociedade e de manter as hierarquias políticas.

#### d. Zhi - sabedoria

O carater de zhi (智 *zhì*) pode dividir-se em duas partes: zhi (知 *zhī*) que significa “saber” ou “entender”; e yue (曰 *yuē*) que significa falar, dizer. Nas primeiras tentativas de tradução deste carater, o ocidente usou a expressão: falar com conhecimento. Contudo, hoje em dia a tendência é para traduzir zhi como: sabedoria.

Confúcio sabia que nem tudo o que parecia era certo; ele afirmava que “(...) o verdadeiro conhecimento «sabedoria» consiste em saber que você sabe o que sabe e que não sabe o que não sabe.”<sup>126</sup> Como uma pessoa estudiosa, curiosa e observadora, nunca se contentou com relaxar e aproveitar as vantagens dos seus conhecimentos. Confúcio nunca dava nada por certo. Em todos os locais por onde passava, interessava-se por aprender a cultura e os costumes do local. Caso não soubesse a resposta a alguma questão, não descansava enquanto não a obtinha. Como uma pessoa humilde, ele afirmava que não tinha nascido com o conhecimento, mas o seu ávido desejo de aprender foi inspirado nos antigos. Ao afirmar:

*Aqueles que nasceram com o conhecimento ocupam uma posição alta. Aquelas que adquirem conhecimento através do aprendizado ocupam a posição seguinte. Aqueles que aprendem quando se encontram em dificuldades ocupam a posição seguinte. Aqueles que não aprendem ainda quando se encontram em dificuldade ocupam a posição mais baixa entre o povo.*<sup>127</sup>

Confúcio declara que aprender e experimentar é necessário para adquirir o conhecimento, mas não suficientes.

<sup>125</sup> *Idem*: 2,3; “子曰，道之以政，齊之以刑，民免而無恥，道之以德，齊之以禮，有恥且格。” (Zi yuē, dào zhī yǐ zhèng, qí zhī yǐ xíng, mǐn miǎn ér wúchǐ, dào zhī yǐ dé, qízhǐlǐ, yǒu chǐ qiè gé).

<sup>126</sup> *Idem*: 2,17; “子曰，知之為知之，不知為不知，是知也。” (Zi yuē, zhīzhī wéi zhīzhī, bùzhī wéi bù zhī, shì zhī yě).

<sup>127</sup> *Idem*: 16,9; “生而知之者，上也，學而知之者，次也，困而學之，又其次也，困而不學，民斯為下矣。” (Shēng ér zhīzhī zhě, shàng yě, xué ér zhīzhī zhě, cì yě, kùn ér xué zhī, yòu qíci yě, kùn ér bù xué, mǐn sī wéi xià yǐ)

A pobreza familiar levou Confúcio a aprender várias habilidades e artes durante a sua infância e adolescência. Mais tarde, em fase adulta, o facto não conseguir cargos de oficiais, levou Confúcio a automear-se “mestre de ninguém”, contudo segundo *Zhu Xi*, um discípulo de Confúcio, existiu um ministro que considerava Confúcio um poço de sagacidade e sabedoria. Isto tudo se devia à experiência de Confúcio adquirida devido às suas dificuldades durante a infância e adolescência, dificuldades que outros alunos não enfrentaram. Estas experiências ensinaram ao sábio que existia uma delicadeza prática para compreender os principais assuntos e que os domínios das habilidades menores ajudavam na apreensão do Caminho.

#### **e. Xin - honestidade**

O carater xin (信 *xìn*) pode-se traduzir como “verdade”, “real” ou “honestidade”. Quando se traduz como honestidade, significa que as ações correspondem às palavras. Que as palavras e a mente estão em uníssono. A honestidade é a chave para a perfeição humana; sem ela as outras virtudes perdem-se. A honestidade é intrínseca numa criança, que depois é perdida ou não dependendo de estímulos externos.

Para Confúcio, a honestidade era uma das virtudes mais importantes a serem ensinadas. Era necessário ser completamente sincero, por isso, pedia aos seus estudantes parem dizerem o que sabiam, mas, quando não sabiam também, o deveriam comunicar. Era assim a melhor forma de aprender.

As virtudes que acompanhavam as Cinco Constantes:

#### **a. Lealdade (忠 *Zhōng*)**

A lealdade era uma virtude muito importante para os alunos de Confúcio, pois muitos deles queriam tornar-se oficiais e, para isso, era necessário entrar no serviço civil do governo, serviço que requeria plena lealdade para com o governante. Segundo o Sábio, um superior deveria ser obedecido devido à retidão moral. A lealdade não significa servilismo à autoridade, mas sim a ocorrência de uma reciprocidade que também é exigida a um superior. Confúcio disse: “um príncipe deveria empregar os seus ministros de acordo com as regras da propriedade, os ministros deveriam servir seu príncipe com fidelidade «lealdade»”.<sup>128</sup>

---

<sup>128</sup> *Idem*: 19, 1; “孔子對曰：君使臣以禮，臣事君以忠。” (Kǒngzǐ duì yuē: Jūn shǐ chén yǐ lǐ, chén shì jūn yǐ zhōng)

Para Mêncio, quando um governante não era competente este deveria ser substituído, e a função dos súbditos seria derrubá-lo. Quando fosse necessário, um bom confuciano deveria repreender os seus superiores, e estes deveriam aceitar essas reprimendas. Um governante deveria ouvir e respeitar os conselhos dos seus ministros, pois assim poderia melhorar a forma como governa. Porém, nos tempos posteriores, existiu mais ênfase nas obrigações dos súbditos para com os governantes do que das obrigações destes. Ao longo dos séculos, a virtude Zhong foi usada para manipular o povo a seguir os regimes impostos.

Existiam, todavia, muitos confucionistas que lutaram por um regime e governante justo. Na Dinastia Qing, Huang Zongxi (黃宗羲 *Huáng Zōngxī*, 1610-1695), criticou a natureza absolutista do sistema imperial e tentou preservar este poder sob controlo. Muitos confucionistas também compreenderam que a lealdade e a piedade filial podia entrar em conflito um com o outro, teoria que se revelou verdadeira especialmente durante o caos social patente na transição da Dinastia Ming para a Qing.

#### **b. Piedade Filial (孝 *xiào*)**

A instituição básica de uma sociedade é a família; por isso é que a relação entre os pais e os filhos é o alicerce da ordem social e, por conseguinte, esta se reflete na relação para com os governantes. A piedade filial é uma virtude ligada com os rituais. Numa sociedade agrária e patriarcal, como era a sociedade chinesa, o culto aos antepassados era muito importante. O conceito de piedade filial não se confinava apenas aos pais, mas também a outros membros da família. Se o indivíduo fosse bom filho e bom irmão, seria um bom cidadão e um bom súbdito. “Confúcio disse: Repare nas aspirações de um homem durante a vida do pai, e a conduta de um homem depois da morte do pai. Se depois de três anos, ele não tiver mudado os caminhos do pai, isso pode ser considerado lealdade filial.”<sup>129</sup>

Exercer piedade filial consistia em não se rebelar contra os pais, mostrar amor, respeito, cortesia e apoio; garantir descendência masculina; aconselhar os pais com sabedoria e dissuadi-los de uma injustiça moral. Ficar triste por alguma doença que lhes possa surgir, ou até mesmo com a morte; realizar sacrifícios depois da sua morte. Durante a Dinastia Yuan foi criada uma coleção de histórias que refletiam sobre a

---

<sup>129</sup> *Idem*: 1, 11; “子曰，父在觀其志，父沒謹其行，三年無改於父之道，可謂孝矣。” (Zi yuē, fù zài guān qí zhì, fù méi guān qí xíng, sān nián wú gǎi yú fù zhī dào, kěwèi xiào yī).

piedade filial, “Os vinte e quatro exemplares da piedade filial (二十四孝 èrshí-sì xiào). Esta coleção continha histórias sobre crianças que exerciam a piedade filial. Segundo o historiador Hugh D.R Baker<sup>130</sup>, este respeito pela família é o único elemento comum entre os chineses crentes noutras filosofias.

*Youzi disse: um homem de lealdade filial e amor fraternal raramente estaria inclinado a ofender aqueles acima dele. Não existe um homem inclinado a causar desordem sem a inclinação de ofender aqueles acima dele. O homem nobre nutre as raízes. Com as raízes fixadas, o caminho se desenvolve. Não são a lealdade filial e o amor fraterno as raízes da benevolência?*<sup>131</sup>

### c. Moral, virtude, carácter moral (德 dé)

Segundo a ideologia confucionista, o governo dispõe-se a agir na sociedade como uma força positiva e transformadora que ajuda a criar um ambiente onde as pessoas respeitem e implantem a “Vontade do Céu”, de modo a obter uma sociedade harmoniosa. Para Adler, “a teoria de governação de Confúcio baseia-se na noção de “De” virtude ou poder moral: o poder de influenciar os outros, estabelecendo um exemplo moral.”<sup>132</sup> Numa sociedade harmoniosa, o governador dever ser moral e bondoso; só assim o povo o poderá seguir sem a necessidade de recorrer à força, a castigos ou punições cruéis. A bondade é importante para a natureza humana. “Quando deseja o bem, o povo será bom. As virtudes do senhor são como o vento, as virtudes do povo são como o pasto. O pasto inclina-se com o vento”<sup>133</sup>

O povo desempenha um papel importante na ideia política de Confúcio. Sem o seu consentimento não poderá criar nenhum governo. Isto é complementado pela ideia de educar as pessoas. Esta ideia aproxima-se à ideia de democracia. Durante o tempo de Confúcio, esta ideia perdeu-se devido à predominância de guerras.

### d. Artes nobres

---

<sup>130</sup> Baker, 1979:98.

<sup>131</sup> Cai, 1994: 1, 2; “有子曰，其為人也孝弟，而好犯上者，鮮矣，不好犯上，而好作亂者，未之有也，君子務本，本立而道生，孝弟也者，其為仁之本與。” (Yǒu zǐ rì, qí wéi rén yě xiàodì, ér hào fànshàng zhě, xiǎn yǐ, bù hào fànshàng, ér hào zuòluàn zhě, wéi zhī yǒu yě, jūnzǐ wù běn, běnlì ér dào shēng, xiàodì yě zhě, qí wéi rénzhi běn yú.)

<sup>132</sup> Adler, 2002:36.

<sup>133</sup> Cai, 1994: 12, 19; “子欲善而民善矣，君子之德風，小人之德草，草上之風必偃。” (Zǐ yù shàn ér mín shàn yǐ, jūnzǐ zhī dé fēng, xiǎo rén zhī dé cǎo, cǎo shàng zhī fēng bì yǎn).

As artes nobres incluíam a música, poesia e arte em geral. Confúcio tinha uma grande estima pela arte vinda do período da Dinastia Zhou, e considerava a música como a chave da harmonia universal. Acreditava que toda expressão artística era símbolo da virtude e que deveria ser manifesta na sociedade. Para Confúcio, os indivíduos que rejeitavam a arte rejeitavam também as virtudes do homem e do Céu. O Sábio considerava a música como um reflexo do homem superior e que espelhava o seu caráter verdadeiro.

### **3.4. Comparação entre a duas doutrinas**

Quer a sabedoria cristã quer a sabedoria confucionista baseiam-se nos ensinamentos religiosos e filosóficos dos sábios antigo. A religião cristã é uma compilação da sabedoria pagã, oriental e ocidental, e da tradição judaica. A Igreja foi fundada em prol desta compilação, com o fim de propagar a fé de Cristo. Durante séculos os fanáticos da religião cristã mataram em função da propagação desta.

Na história da civilização chinesa também se pode observar momentos onde os ensinamentos de Confúcio forem postos em causa, como por exemplo a queima dos livros confucionistas pelos Qin. Estes acontecimentos apenas demonstraram que quer o fanatismo, quer o anti fanatismo pode levar à contradição da doutrina que certa sociedade quer seguir. Ao analisar os cinco clássicos que transmitem os ensinamentos da filosofia confucionista e o livro sagrado que transmite os da religião cristã, pode-se encontrar várias semelhantes e algumas diferenças.

#### **3.4.1 Semelhanças entre as duas doutrinas**

Pode-se dizer que quer Confúcio quer Jesus viveram numa época onde a sua sociedade atravessava uma fase complexa. Na época de Jesus, a Palestina estava sob o domínio do Império Romana, não tendo a liberdade desejada. Na época de Confúcio, a China estava em constante guerra, pois não existia um reino unido, mas sim um conjunto de reinos que lutavam entre si a fim de conseguir mais território, ou, como acabou por acontecer, a injúria. A corrupção também era um problema em ambas as sociedades.

Estas questões levaram Confúcio e Jesus a detetar uma falta de valores morais na sociedade das suas épocas.

A vida de ambos foi caracterizada por descolações na busca de alguém que aceitasse as suas ideologias. Ambos foram considerados como sábios e foram seguidos por jovens que acreditavam nos seus ensinamentos. Pode-se ver uma grande semelhança nas descolações dos dois sábios, pois ambos tinham a sua cabeça a prêmio, ambos sofreram intrigas e críticas da sociedade instalada e foram rejeitados pela mesma.

Uma outra semelhança entre os dois Sábios é o facto de que a sua doutrina ter sido seguida pelas suas respetivas sociedades por mais de dois mil anos. Durante esse período, os livros que contêm os seus ensinamentos foram vistos como sagrados, pelo menos no caso de Jesus. No caso de Confúcio, os Cinco Clássicos (embora tivesse havido algum momento da história em que estes eram proibidos) foram vistos como os manuais de ensinamento ético que ajudariam a sociedade a manter-se harmoniosa e em paz. No caso de Jesus, a Bíblia, mais precisamente o Novo Testamento, é o livro sagrado que ajuda os fiéis cristãos a encontrar o seu caminho de paz e comunhão com Deus e Cristo. Na sociedade atual, estes livros sagrados ainda exercem uma grande influência.

Na Bíblia podemos encontrar passagens que nos demonstram o ensinamento de um sábio: “O ensino do sábio é uma fonte de vida que o protege dos laços da morte.”<sup>134</sup> Nos Analectos podemos também encontrar várias passagens sobre os sábios: “Os sábios desfrutam as águas, os benevolentes desfrutam as montanhas, os sábios são ativos, os benevolentes são plácidos, os sábios são felizes, os benevolentes vivem muito tempo.”<sup>135</sup>

Quando se debruça sobre Bíblia e os Analectos, pode-se encontrar muitas semelhanças entre seus ensinamentos. Seguidamente apresentam-se alguns pontos principais que demonstram essas mesmas semelhanças.

#### **a. A palavra e a ação**

Para todo o ser humano o caminho da vida é difícil e cheio de obstáculos. É fácil encontrar nele diversos impedimentos pessoais, onde por vezes a aprendizagem implica uma boa dose de sofrimento. Segundo os ensinamentos de Jesus, os seus

---

<sup>134</sup> Prov 13, 14.

<sup>135</sup> Cai, 1994: 6, 21; “知者樂水，仁者樂山，智者動，仁者靜，知者樂，仁者壽。” (Zhizhě yào shuǐ, rénzhě yàoshān, zhì zhě dòng, rénzhě jìng, zhì zhě lè, rénzhě shòu)

ensinamentos estes a aliviar os fardos do destino, por mais que a vida seja cheia de sofrimentos e de obstáculos.

*Todo aquele, pois, que a escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram os rios, e sopraram os ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as pratica, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram os rios, e sopraram os ventos, e combateram aquela a casa, e caiu, e foi grande a sua queda.<sup>136</sup>*

Para Jesus as palavras deveriam vir seguidas das ações, pois todas as palavras que não eram acompanhadas de ações eram falsas. Para distinguir os homens falsos dos verdadeiros Jesus ensinou:

*Por seus a frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz a bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não dá bom a fruto corta-se e lança-se no fogo. E assim, pelos seus frutos os conhecereis.<sup>137</sup>*

Segundo Confúcio, os ensinamentos dos antigos iriam guiar o homem para o caminho correto, o “Caminho do Céu”. Para os sábios antigos, as palavras deveriam vir em concordância com as ações. “O homem sábio deseja ser vagaroso no falar, mas rápido em agir.”<sup>138</sup> Num dos diálogos de Confúcio com os seus alunos, este referiu um discípulo como um exemplo de um homem que não agiu de acordo com as suas palavras:

---

<sup>136</sup> Mt 7, 24-27.

<sup>137</sup> Idem, 16-20.

<sup>138</sup> Cai, 1994: 4, 24; “君子欲訥於言而敏於行。” (Jūnzǐ yù nè yú yán ér mǐn yú xíng.).

*A madeira podre não pode ser talhada nem uma parede de esterco seco pode emparelhar-se com uma espátula. Quanto a Yu, de que adianta criticá-lo? Eu acreditava na palavra de um homem e confiava que agiria de acordo com ela. Mas agora escuto as suas palavras e observo os seus actos. Esta mudança deve-se a Yu.*<sup>139</sup>

Em ambas as doutrinas a relação entre a palavra e a ação é essencial para a sabedoria do homem e, por conseguinte, na sociedade onde está inserido.

### **b. O número Três**

O número Três é um número sagrado em muitas religiões do mundo. Com o número três pode-se formar um triângulo. O triângulo é a forma geométrica mais básica e harmoniosa e, por isso, tal como o três, também é considerado sagrado. Na religião cristã o três está representado na Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), no confucionismo existe a relação Céu - Terra - Ser Humano (天 *tiān*, 地 *dì*, 人 *rén*, também designado como 三才 *sāncái*, “os três essenciais do mundo”). Segundo os gregos esta tríade representa os três grandes níveis da consciência humana (Espírito, Alma e Corpo).

Nas passagens de Mateus na Bíblia, é possível identificar relação entre o Céu e a Terra, isto é, entre a consciência divina e a consciência terrestre.

*Em verdade vos digo que tudo o que a ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que a pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três a reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.*<sup>140</sup>

Para os confucionistas, sobretudo para os das Dinastias Ming e Song, o “Doutrina dos Três” (Céu, Terra e Homem) tem uma grande importância. O Céu representa a

---

<sup>139</sup> Idem: 5, 9; “朽木不可雕也，糞土之牆不可朽也，於予何誅，始吾於人也，聽其言而信其行，今吾於人也，聽其言而觀其行，於予與改是。”(Xiùmù bùkě diāo yě, fèn shì zhī qiáng bùkě wū yě, yú yú hé zhū, shǐ wú yú rén yě, tīng qí yán ér xìn qí xíng, líng wú yú rén yě, tīng qí yán ér guān qí xíng, yú yú yǔ gǎi shì).

<sup>140</sup> Mt, 18: 18-20.

verdade, a lei na Natureza, a Terra representa o mundo físico no qual a vida é dependente, enquanto o Homen é aqui visto como o ser moral e sentimental.

**c. O conhecimento só é adquirido por aqueles que procuram a verdadeira sabedoria.**

Tanto Jesus como Confúcio deram enfâse no problema daqueles que não procuravam a verdadeira sabedoria e seguem apenas pela superficialidade. Estes homens não assumiam um compromisso para com eles mesmos, nem procuraram o verdadeiro ensinamento.

Quando os discípulos de Jesus lhe perguntaram porque a razão ele lhe falar em parábolas, este respondeu-lhes:

*Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não é dado; porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e ouvindo, não ouvem nem compreendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: a Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis; e vendo, vereis, mas não percebereis. Porque o a coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram, escutai vós, pois, a parábola do semeador.<sup>141</sup>*

Nos Analectos pode-se encontrar uma passagem semelhante, contudo não foi referida por Confúcio, mas sim por um discípulo seu. “Tem-se ouvido sobre as atividades literárias do Mestre, mas não as suas palavras sobre a natureza e o caminho do Céu.”<sup>142</sup>

---

<sup>141</sup> Mt 13, 11-18

<sup>142</sup> Cai, 1994: 5, 12; “夫子之文章，可得而聞也，夫子之言往與天道，不可得而聞也。” (Fū yǔ zhī wénzhāng, kě dé ér wén yě, fūzǐ zhī yán wǎng yǔ tiāndào, bùkě dé ér wén yě)

#### **d. Não valorizar o indiferente**

Em ambas as doutrinas aquele que não procura, nem ouve a verdadeira sabedoria, não deve ser valorizado. Numa sociedade, a maior parte do povo não se interessa na busca pela verdade. Por isso, ditar palavras cheias de sabedoria não ajudaria os membros dessa sociedade. Na Bíblia, existem passagens que provam a desvalorização de Jesus para com aqueles que não o queriam ouvir.

*Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés, e voltando-se, vos despedacem.”<sup>143</sup> Quando o Confúcio refere: “Sem determinação, não pode haver revelação, sem ansia de expressar as convicções, não pode haver iluminação. Ter uma esquina identificada e não poder voltar atrás identificando as outras três: não pode ter mais nada.”<sup>144</sup>*

#### **e. Não julgar aqueles que não procuram a sabedoria**

No caminho da busca pela verdadeira sabedoria, quando não existe a valorização daqueles que não a procuram, existe uma grande probabilidade de se os julgar. Jesus ensina que não se deve julgar, nem criticar aqueles que não ouvem os seus ensinamentos.

*NÃO julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: deixa-me tirar o argueiro do teu olho; e eis uma trave no teu olho? a Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás claramente para tirar o argueiro do olho do teu irmão.<sup>145</sup>*

---

<sup>143</sup> Mt 7, 6.

<sup>144</sup> Cai, 1994: 7, 8; “不償不啟，不悱不發，舉一隅，不以三隅反，則不復也。”(Bù fèn bù qǐ, bù fěi bù fā, jǔ yīyú, bù yǐ sānyú fān, zé bù fù yě)

<sup>145</sup> Mt 7, 1-5.

## **f. As virtudes**

Existem algumas virtudes principais que se podem encontrar quer no Confucionismo, quer no Cristianismo, consejam:

- a. amar o próximo;
- b. ser justo;
- c. comportar-se adequadamente;
- d. conciliar-se da vontade do céu;
- e. cultivar a sabedoria e a sinceridade desinteressadas;
- f. piedade filial.

## **g. O Princípio da Moderação**

Nas duas doutrinas é demonstrado que aquele que toma uma ação moderadamente tem maior probabilidade de encontrar as pequenas essências da sabedoria. No Eclesiástes tem a seguinte passagem.

*Filho, durante tua vida prova o teu temperamento, vê o que te é nocivo e não o concedas a ti mesmo. Porque nem tudo convém a todos, e nem todos se comprazem com tudo. Não sejas ávido de toda delícia, nem te precipites sobre iguarias, porque na alimentação demasiada está a doença (...).<sup>146</sup>*

Nos ensinamentos de Confúcio podemos ler: “Quando pescava, Confúcio não usava rede. Quando caçava pássaros, Confúcio não atacava os que se achavam em repouso.”<sup>147</sup>

## **h. As consequências da procura**

Existe uma lei universal antiga que consiste em encontrar tudo o que se procura. Nestas duas doutrinas também os seus mestres falam no encontro daquilo que se procura. Principalmente na procura da sabedoria. No novo testamento, Jesus refere: “Peçam e lhes será dado: busquem e irão achar; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo aquele que pede recebe; quem busca encontra; e a quem bate, a porta lhe será

---

<sup>146</sup> Ec, 37, 27-30.

<sup>147</sup> Cai, 1994: 7, 26; “予釣而不網，弋不射宿。” (Yǔ diào ér bù gāng, yì bù shè sù).

aberta.”<sup>148</sup> Nos Analetos, Confúcio refere: “Está a benevolência longe? Eu desejo a benevolência, e a benevolência se alcança.”<sup>149</sup>

**i. Não fazer ao próximo aquilo que não quer que lhe faça a si**

Este conceito está presente em ambos os escritos, sendo da maior importância, pois ajuda a que haja harmonia numa sociedade. Séculos antes dos ensinamentos de Cristo, Confúcio ensinava aos seus alunos: “Não desejo ser imposto por outros, nem desejo me impor-me a outros.”<sup>150</sup> No Velho Testamento, na Bíblia, pode encontrar-se no livro de Tobias esta frase: “Não faças a ninguém o que não queres que te façam.”

151

### 3.4.2. As diferenças entre as duas doutrinas

Embora existam muitas semelhanças entre as duas doutrinas, também existem algumas diferenças.

- a. A diferença que se destaca mais é o facto de o Cristianismo acreditar que o homem é incapaz de se salvar a si próprio, por isso deve recorrer a um salvador. Para o Confucionismo, o homem deve esforçar-se para se curar a si próprio e não depende de nenhum Deus para o fazer. Este facto vai ao encontro de que um seguidor de Confúcio pode acreditar em vários imortais (Deuses), enquanto que um fiel de Cristo só pode acreditar em um só Deus, o verdadeiro.
- b. Ao contrário da religião cristã, que acredita que foi Deus que criou tudo o que existe, no Confucionismo não existe um Deus criador do universo. Existe sim uma busca pelo caminho místico, que é um conceito herdado dos antigos sábios chineses. Para os cristãos este caminho é Jesus. A doutrina confucionista também não é constituída por uma Igreja, nem por sacerdotes. Ao contrário, o Cristianismo fundou uma Igreja e possuiu um grupo hierárquico de sacerdotes.
- c. Em ambas as doutrinas a família desempenha um papel importante para o crescimento dos valores de um indivíduo. Este crescimento vai permitir que uma

---

<sup>148</sup> Mt, 7, 7-8.

<sup>149</sup> Cai, 1994: 7, 29; “仁遠乎哉，我欲仁，斯仁至矣。” (Rén yuǎn hū zāi, wǒ yù rén, sī rén zhì yì).

<sup>150</sup> Cai, 1994: 5, 1; “我不欲人之加諸我也，吾亦欲無加諸人，子曰，非爾所及也。” (Wǒ bù yù rén zhī jiā zhū wǒ yě, wú yì yù wú jiā zhū rén, zǐ yuē, fēi ěr suǒ jí yě)

<sup>151</sup> Tb, 4, 15.

sociedade seja harmoniosa. Contudo, no Confucionismo estes valores provêm da família, sem ter nenhuma influência divina. Enquanto que os valores que as famílias dos cristãos possuem provêm dos valores ensinados através da Bíblia, pelo Deus verdadeiro.

- d.** O culto dos antepassados é um ritual muito importante para os seguidores de Confúcio. Este ritual foi herdado dos sábios antigos e Confúcio dá uma grande ênfase à sua realização. O não cultivo dos antepassados é visto como um desrespeito para os mesmos. No Cristianismo não existe um verdadeiro culto dos mortos. Contudo, na religião cristã o respeito para com os mortos consiste na realização de um funeral, onde se realiza uma missa para rezar pela sua alma. Alguns familiares podem, ocasionalmente, pedir para que se realize uma missa por alma de entes queridos que já partiram.
- e.** Para os confucionistas o corpo humano é composto por quatro dimensões: o eu, a comunidade, a natureza e o céu. Na religião cristã existem duas versões. Existem aqueles que acreditam que o homem é um ser dual, isto é, constituído pelo corpo e pela alma. E existem aqueles que acreditam que o homem é um ser trino, constituído pelo corpo, alma e espírito. Os cristãos também acreditam que a vida continua depois da morte, por isso cultivam a vida terrena para uma melhor vida divina. Porém os confucionistas não acreditam neste conceito, preocupando-se apenas com a vida terrena.



## Conclusão

Foi na antiguidade que surgiu no homem a necessidade de encontrar respostas para as perguntas sobre a vida. Dessas mesmas dúvidas nasceram a Filosofia e a Religião. Com os antigos pensadores nasceram conceitos para as mesmas. Para muitos, a Filosofia é um complexo estado de constante dúvida de tudo o que rodeia o homem, um estado que o permite elevar o seu pensamento e, por conseguinte, ver o que há para além da sua realidade. O conceito da religião varia de autor para autor. Para alguns, religião não passa de um conjunto de rituais, orações e pensamentos que ajudam o ser humano a justificar o seu medo para com o sobrenatural. Para outros, a religião é o caminho escolhido por aqueles indivíduos que querem justificar as suas ações, ou seja, que não querem assumir as suas responsabilidades. No final, existem autores para quem a religião existe apenas porque o homem tem a necessidade da existência de algo para além dele, uma força divina que o proteja quer de catástrofes naturais quer de catástrofes pessoais.

No Ocidente, mais precisamente na Palestina, entre os anos 7 e 2 a.C. nasceu um menino cujo nome era Jesus, Jesus Cristo. Jesus era filho de Maria, mulher virgem, que segundo a Bíblia (escrituras sagradas da religião cristã), que concebeu através da ação de graça do Espírito Santo. Maria era prometida de José, que depois da nascença de Jesus torna-se seu pai na terra. Jesus foi retratado como o tão aguardado messias que viria salvar o homem dos seus pecados. Ao longo da sua vida, Cristo foi julgado por muitos e ajudado por outros. Na sua maturidade juntou um grupo de seguidores, doze, os seus principais apóstolos.

Entre os seus feitos Jesus concebeu vários milagres que comprovavam a sua natureza divina, como, por exemplo, a sua ressurreição ao terceiro dia após a morte na cruz. Jesus morreu na cruz para poder salvar a humanidade dos seus pecados, mas também para mostrar à humanidade o sacrifício por amor ao próximo. Após a sua morte os seus ensinamentos perduraram pelos séculos até aos dias de hoje. As principais fontes encontram-se na Bíblia e em alguns documentos históricos. Jesus foi o grande fundador da Religião Cristã.

A história da religião cristã pode dividir-se em várias épocas. Na antiguidade cristã que tem início na altura do Império Romano, ainda durante a vida de Jesus, é caracterizada pela perseguição dos cristãos e pela expansão da palavra de Cristo. Esta

época termina com a subida ao poder de um imperador cristão, Constantino. A época da Idade Média começou por volta do século V e durou mais de mil anos. É caracterizada por uma era de tempos tumultuosos, onde os muçulmanos conquistaram terras cristãs, onde os Cruzados tentam reconquistar essas terras e onde a maior parte da Europa, que era constituída por tribos de bárbaros, começa a criar governos cristãos. Durante a Idade Moderna, a Igreja divide-se, resultando na cisão dos países europeus em católicos romanos e em protestantes. Com a Idade Contemporânea apareceram novas ideologias que vieram prejudicar a influência do poder da Igreja no estado de governo de muitos países.

Os ensinamentos deixados por Jesus Cristo tornaram-se a base ética de todos os cristãos. Para um fiel ao Cristianismo poder viver de acordo com a religião deveria seguir um conjunto de rituais e ensinamentos. Estes rituais e ensinamentos podem ser encontrados na Bíblia.

O Confucionismo foi uma corrente filosófica que nasceu há mais de dois mil anos. O seu criador foi Confúcio, um mestre do estado de Lu da China antiga, que nasceu por volta do ano 551 a.C. Confúcio, ou mestre Kong, como era chamado por muitos, viveu numa época em que existiam pequenos estado-reinos no território chinês, mais precisamente na Era dos Estados Combatentes, onde a corrupção, a violência e a morte era o dia-a-dia do homem. Após os seus ideais e conselhos serem rejeitados no governo do estado de Lu, Confúcio, juntamente com alguns dos seus alunos, viajaram por alguns dos estados à procura de um governante que fosse capaz de compreender esses ideais. Durante as suas viagens, o mestre adquiriu muitos seguidores, mas também muitos inimigos.

Para Confúcio, era muito importante respeitar a culturas dos antigos e seguir os rituais deixados por estes. Ao longo da sua vida, reeditou várias obras das culturas antigas, principalmente da época da dinastia Zhou, que lhe permitia ensinar aos seus alunos o saber dos antigos sábios. Os Cinco Clássicos são obras associadas a Confúcio, tal como os Analectos. Estes textos foram utilizados ao longo da história por muitos dos governos como fonte de estudo para os eruditos passarem o famoso exame imperial.

Os seus ensinamentos são base ético-filosófica que orientou e orienta a civilização chinesa. Contudo, quando os ocidentais chegaram ao solo chinês, começaram a ver a filosofia confucionista como uma religião, pois muitos acreditavam haver características

do conceito de religião no Confucionismo. Desde então, a filosofia confucionista foi sempre referida como a possível religião da maior parte dos chineses. Porém, muitos autores avançam argumentos que demonstram precisamente o contrário.

Quer na religião cristã, quer na filosofia confucionista, existem um conjunto de valores e morais que ajudam os seus fiéis a viver em harmonia consigo e com a sociedade. Embora existam valores e éticas que diferem entre o Cristianismo e o Confucionismo, também existem muitos pontos que os unem. Podendo-se encontrar algumas semelhanças na vida dos dois fundadores das doutrinas, assim como a presença de livros sagrados, seguidos há mais de dois mil anos.

Tanto para os confucionistas como para os cristãos a correlação entre as palavras e os atos é muito relevante. Existe também uma importância na presença do número Três em ambas as doutrinas. Assim como, a crença de que o conhecimento só é adquirido por aqueles que procuram a verdadeira sabedoria. Esta verdadeira sabedoria levaria o homem a não julgar o próximo, a encontrar tudo a que se propõe e principalmente a respeitar o próximo como se respeita a si mesmo.

Apesar de existirem muitas semelhanças nas ideologias das duas doutrinas, existem também algumas diferenças. Enquanto que para o Cristianismo, a salvação do homem deveria vir a partir de Deus, no Confucionismo é o homem que possui esse poder. Todos os homens possuem a capacidade de se salvar a si próprios. Outra diferença é o facto de o Confucionismo não acreditar que foi Deus que criou o mundo. No Cristianismo, Deus criou tudo o que existe, logo também criou o mundo. O facto de o Cristianismo possuir uma igreja e um conjunto de sacerdotes para a realização dos seus rituais realça a diferença entre as duas doutrinas, pois o Confucionismo não possui nenhum grupo de sacerdotes.

Um dos aspetos que os cristãos e os confucionistas têm em comum é a importância que a família deve ter para cada indivíduo, contudo, no caso do confucionismo os valores que a família transmite aos descendentes são valores que provêm da família, enquanto que no Cristianismo, esses valores provêm de Deus.



## Bibliografia

1. ADLER, Joseph A. (2002) *Religiões da China*, Lisboa: Edições 70;
2. ASSMANN, Selvino José (2006), *Filosofia*, Florianópolis: CAD/UFSC;
3. AZEVEDO, Carlos Moreira (2002), *A História da Religião de Portugal*, Lisboa: Circulo De Leitores;
4. BAKER, Hugh D. R. (1979) *Chinese Family and Kinship*, Nova York: Columbia University Press;
5. BROWN, Colin (1999), *Filosofia & Fé Cristã*, São Paulo: Edições Vida Nova;
6. CAI, Xiqin 蔡希勤 (1994) 论语, 华语教学出版社, 北京 (Lúnyǔ, huáyǔ jiàoxué chūbǎn shè, běijīng), *Os Analectos de Confúcio*, Pequim: Chinese Language Teaching Press;
7. CHAIBONG, Hahm & BELL, Daniel A. (2003), *Confucianism for the Modern World*, Cambridge University Press;
8. CHAN Wing-Tsit, CONGER George P., TAKAKUSU Junjiro, SUZUKI D. Teitaro & SAKAMAKI Shunzo (1954), *Filosofía del Oriente*, México: Fondo de Cultura Económica;
9. COUTINHO, Jorge (2008), *Elementos da História da Filosofia Medieval*, Braga: Universidade Católica Portuguesa;
10. CUNNINGHAM, Lawrence (2014), *El Catolicismo*, Madrid: Ediciones Akal, S. A.;
11. DAWSON, Raymond (1986) *Confucio*, México: Fondo de Cultura Económica;
12. FENG, Yulan (1989) *Breve Historia de la Filosofía China*, Pequim: Ediciones de las Lenguas Extranjeras;

13. FEUERBACH, Ludwig-A (2007), *A essência do cristianismo*, Brasil: Editora Vozes Ltda;
14. GUERRA, Padre Joaquim A. de Jesus (1990), *Quadrivolume de Confúcio*, Instituto Cultura de Macau AIDAN Publicities & Printing;
15. HODSON, Geoffrey (2006), *La vida de Cristo desde la natividad a la ascensión*, Barcelona: Editorial Teosófica SCooC. Ltda;
16. HURLBUT, Jesse Lyman (1979), *História da Igreja Cristã*, Brasil: Editora Vida;
17. IBER, Christian (2012), *Introdução à filosofia moderna e contemporânea: orientação sobre seus métodos*, Porto Alegre: EDIPUCRS;
18. JAMES, E. O. (1973), *Introducción a la Historia Comparada de las Religiones*, Madrid: Ediciones Cristiandad S. L;
19. KUTSCHERA, Franz Von (1982), *Fundamentos de ética*, Madrid: Cátedra;
20. LEE, Dian Rainey (2010) *Confucius & Confucianism The Essentials*, Reino Unido: A John Wiley & Sons, Ltd Publication;
21. LIN, Yutang (1936), *My Country and my people*, Londres: Lowe and Mrydone (Printers), I.TD;
22. LYNN, Richard John (tr. 1994) *The Classic of Changes: A New Translation of the I Ching as Interpreted by Wang Bi*, New York: Columbia University Press;
23. REYERO, Maximino Arias (1982), *Jesús, El Cristo curso fundamental de cristología*, Madrid: 3ªedición, Ediciones Paulinas;
24. ROPERÓ, Alfonso (1999), *Introducción A La Filosofía*, Barcelona: Editorial CLIE;
25. SIECIENSKI, A. Edward (2010), *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*, Oxford University Press;

26. SMITH, D. Howard (1971) *As Religiões chinesas*, Lisboa: Versão traduzida, Editora Arcádia, S. A. R. L;
27. STUART, Fox Martin (2003) *CHINA A SHORT HISTORY OF AND SOUTHEAST ASIA: TRIBUTE, TRADE AND INFLUENCE*, Australia: Allen & Unwin Press;
28. VANDIER-NICOLAS, Nicole (1997) *El pensamiento Prefilosofico y Oriental*, Volume 1 México: Siglo veintiuno editores;
29. VELASCO, J. Martín (1973), *Introducción a la Fenomenología de la Religión*, Madrid: EDICIONES CRISTIANDÍAi;
30. WALEY, Arthur (1938) *The Analects of Confucius*, George Allen & Unwin, Ltd;
31. WATSON, Burton (tr. 1964) *Records of the Grand Historian of China*, vols. 1–2, New York and London: Columbia University Press;
32. WOODS, Alan (1995), *Reason in Revolt: Marxist Philosophy and Modern Science*, USA: Well Red Publications;
33. XAVIER, São Francisco (2006), *Obras Completas*, São Paulo: Edições Loyola;
34. YAO, Xinzhong (2000), *An introduction to Confucianism*, Cambridge University Press;

## Webbibliografia

1. <http://www.marxist.com/reason-in-revolt-marxist-philosophy-and-modern-science/2.-philosophy-and-religion.htm> [Acedido a de 20 março de 2017]
2. [http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html#OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#OS%20SETE%20SACRAMENTOS%20DA%20IGREJA) [Acedido a 10 de agosto de 2017]
3. <http://www.infoescola.com/historia/cisma-do-oriente/> [Acedido a 20 de julho de 2017]
4. <http://www.filosofiaesoterica.com/o-evangelho-segundo-confucio/> [Acedido a 3 de outubro de 2017]
5. [http://photocdn.sohu.com/20151213/mp48178004\\_1449981322172\\_2.jpeg](http://photocdn.sohu.com/20151213/mp48178004_1449981322172_2.jpeg) [Acedido a 19 de maio de 2017]
6. <http://www.gutenberg.org/files/15250/15250-h/15250-h.htm#d0e1614> [Acedido a 19 de maio de 2017]
7. <http://www.chinaknowledge.de/Literature/Classics/confucius.html> [Acedido a 19 de maio de 2017]
8. <http://ctext.org/analects/ba-yi#n1160> [Acedido a 20 de junho de 2017]
9. [https://en.wikipedia.org/wiki/Confucianism#cite\\_note-36](https://en.wikipedia.org/wiki/Confucianism#cite_note-36) [Acedido a 19 de maio de 2017]

10. <http://www.opusdei.es> [Acedido a 10 de setembro de 2017]
11. <https://www.lds.org/manual/doctrine-and-covenants-and-church-history-gospel-doctrine-teachers-manual?lang=por> [Acedido a 19 de setembro de 2017]
12. <http://img1.gting.com/cul/pics/hv1/124/163/1410/91726939.jpg> [Acedido a 22 de junho de 2017]
13. <https://www.wdl.org/es/item/13530/> [Acedido a 22 de junho de 2017]
14. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_China#/media/File:Territories\\_of\\_Dynasties\\_in\\_China.gif](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_China#/media/File:Territories_of_Dynasties_in_China.gif) [Acedido a 22 de junho de 2017]
15. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico\\_da\\_Poesia#/media/File:Shi\\_Jing.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico_da_Poesia#/media/File:Shi_Jing.jpg) [Acedido a 22 de junho de 2017]
16. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico\\_da\\_Poesia#/media/File:Manuscript\\_from\\_Shanghai\\_Museum\\_1.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico_da_Poesia#/media/File:Manuscript_from_Shanghai_Museum_1.jpg) [Acedido a 22 de junho de 2017]
17. <http://img1.gting.com/cul/pics/hv1/124/163/1410/91726939.jpg> [Acedido a 22 de junho de 2017]
18. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico\\_dos\\_Ritos#/media/File:Liji.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1ssico_dos_Ritos#/media/File:Liji.jpg) [Acedido a 22 de junho de 2017]